



The DEVASSO *PARA* *CLAIRE*

Série: St. John
Livro 2

ELISSANDE TENEBRARH
PATRÍCIA ROSSI



The DEVASSO
PARA
Claire

Série: St. John
Livro 2

ELISSANDE TENEBRARH
PATRÍCIA ROSSI

Um DEVASSO PARA CLAIRE

Série: St. John
Livro 2

ELISSANDE TENEBRARH
PATRÍCIA ROSSI

Copyright © 2023 Elissande Tenebrarh

Copyright © 2023 Patrícia Rossi

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos, são produtos de imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Capa: Patrícia Rossi

Diagramação digital: Patrícia Rossi

Revisão: Aline Patrícia LT

Todos os direitos reservados.

Esta obra segue as regras da nova ortografia da língua portuguesa.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela lei nº. 9.610./98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Edição Digital | Criado no Brasil.

Sumário

[Capítulo Um](#)

[Capítulo Dois](#)

[Capítulo Três](#)

[Capítulo Quatro](#)

[Capítulo Cinco](#)

[Capítulo Seis](#)

[Capítulo Sete](#)

[Capítulo Oito](#)

[Capítulo Nove](#)

[Capítulo Dez](#)

[Capítulo Onze](#)

[Capítulo Doze](#)

[Capítulo Treze](#)

[Capítulo Quatorze](#)

[Capítulo Quinze](#)

[Capítulo Dezesseis](#)

[Capítulo Dezesete](#)

[Capítulo Dezoito](#)

[Capítulo Dezenove](#)

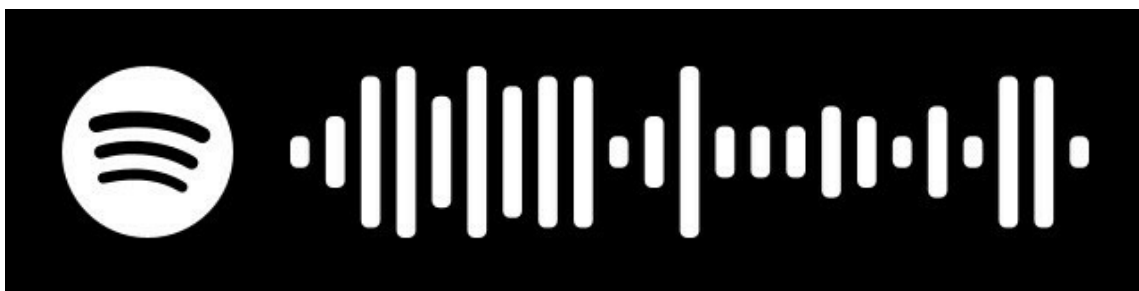
[Capítulo Vinte](#)

[Capítulo Vinte e Um](#)

[O que vem por aí.](#)

Playlist

Para ouvir a *playlist* de “Um Devasso Para Claire” no *Spotify*, abra o app no seu celular, selecione buscar, clique na câmera e posicione sobre o *code* abaixo.



SINOPSE

Após ter o coração partido, Benedict está decidido viver apenas por ele mesmo. Em uma noite de prazeres desmedidos, o lorde rouba um beijo de uma jovem misteriosa que desaparece em seguida, deixando-o com dúvidas se ela realmente existiu.

Quando se muda para auxiliar o cunhado nos negócios, descobre que ela é de carne e osso e pura tentação para seus sentidos. A jovem, é pupila de sua irmã, e os dois terão de conviver na mesma casa. Acontece que há outra coisa...

A bela é proibida para ele por ser uma noviça. Isso só o deixa ainda mais instigado a pecar...

Que Deus o ajude!

CAPÍTULO UM

Londres, 1862

Catherine usava apenas o espartilho, que projetava os seios alvos e bonitos enquanto cavalgava sobre Benedict. As mãos curiosas logo se apossaram daqueles vales, incentivando-a a aumentar seu ritmo. Emaranhou os dedos em seus cabelos, jogando a cabeça para trás. Então sorriu e curvou-se para ele, sussurrando algumas palavras que o lorde não conseguiu entender.

— O que você disse, meu bem? — inquiriu, quando sua mente começou a ficar confusa.

Catherine repetiu a frase, mas, de novo, o homem não conseguiu compreender. Então, de repente, ela fechou sua expressão, parou de se mover e lhe deu um tapa...

E Benedict acordou abruptamente, levantando sua cabeça e se arrependendo em seguida, porque ela estava explodindo. Efeitos da bebida e... de algumas outras coisas.

Gemendo, colocou a mão na testa e voltou a se deitar, lentamente, o corpo grande esparramado na cama. Não era possível que tivesse sonhado com aquela mulher novamente! Ela era agora a mulher de seu irmão, a duquesa de Eninston e acabara de se tornar mãe! Precisava tirá-la da cabeça! E urgente, ou então terminaria louco. Catherine havia feito sua escolha e não tinha sido ele. Tudo o que precisava fazer agora era esquecê-la. E era por isso que se encontrava ali novamente: no prostíbulo mais famoso da cidade de Londres, embora sua fachada fosse de uma casa de jogos.

Fitando o teto, suspirou. Em seguida, muito cuidadosamente, ficou de pé, esperando que seus sentidos o alcançassem, antes de arriscar um passo. Nu, caminhou pelo quarto até a cômoda, onde se encontrava uma bacia com água. Jogou o líquido gelado sobre o rosto, cabelos e nuca. Depois ficou ali, as mãos apoiadas nas bordas da cômoda, encarando seu reflexo distorcido na água. Era como, de fato, se sentia. Distorcido.

De repente, a porta se abriu, uma mulher entrou intempestivamente. Logo bateu a madeira pesada fechada, mas... se tratava de... uma freira?

Benedict ficou surpreso por um momento. Mas logo entendeu o que acontecia, sorriu e começou a se aproximar da moça, que ainda estava de costas.

— Havia dito à Magdalena que me surpreendesse, mas não esperava tamanha criatividade!

De um salto, a garota se virou e... Santo Deus! Ele achou que nunca havia visto uma mulher mais linda na vida! Ela tinha lindos e grandes olhos azuis, beirando o cinza. Sua pele era pálida e uma boca... que boca! Carnuda, naturalmente rosada, tentadora. Os cabelos estavam escondidos na parte de cima do... hábito.

Empenhando o papel que lhe foi proposto, a linda invasora o olhava assustada, com suas costas coladas à porta. Notei quando seus olhos desceram por meu corpo, detendo-se em uma parte específica que já estava bem desperta naquele momento. A respiração dela estava muito ofegante, quando desviou o olhar, parecendo chocada.

— Pe-perdoe-me, milorde! Eu não... — interrompeu-se para engolir em seco. — Sabia

que o quarto estava ocupado.

Benedict sorriu desavergonhadamente. A meretriz estava imersa em seu personagem e ele achou isso muito interessante. Unindo as mãos ao corpo, fingiu-se de sério.

— Está tudo bem, irmã. A senhora está no lugar certo, já que preciso ser salvo. — Ele desenhou um sinal da cruz totalmente desconexo em frente ao corpo, baixou a cabeça por um instante muito rápido e em seguida avançou para ela. — Está bom de rezar por hoje. Agora vamos pecar... — assim dizendo, correu uma das mãos pela cintura da garota e a trouxe para perto. — Uau! Você é realmente linda, pequena! — dizia para uma atordoada jovem. Tinha de admitir. Ela era uma boa atriz. E ele esperava que ela desse tudo por sua personagem. — Qual seu nome, meu bem?

A freirinha empurrava seu peito como toda sua força, e aquilo mal lhe causava impacto.

— O senhor deve estar confundindo as coisas, milorde! Solte-me! — A beldade se contorcia, isso fazendo seus corpos se roçarem e o deixando ainda mais duro, todo o caminho agora. — Por favor!

Benedict segurou o queixo dela e a fez encará-lo, ficando imerso nos profundos e furiosos olhos azuis.

— Temo não ser capaz, minha cara. Como eu disse, preciso ser salvo. — Assim dizendo, tomou-lhe os lábios num beijo voluptuoso e... uma corrente elétrica lhe percorreu as veias, deixando-o literalmente chocado.

Afastou-se um instante, fitando-a brevemente, percorrendo de novo suas feições tão perfeitas.

— Pelo amor de Cristo! Quem é você? — antes que houvesse uma resposta, reivindicou aquela boca novamente, agora não tão resistente.

Forçou um pouco com sua língua e invadiu aquele recanto, deliciando-se como um néctar dos deuses. Colou ainda mais seu corpo ao dela, seu pau pulsando contra o ventre da jovem.

Quando decidiu que era hora de explorar os contornos daquela preciosidade... recebeu uma joelhada em suas bolas, tirando todo seu ar e o fazendo cair de joelho.

— Seu pervertido! — a moça dizia, e o encarava de cima, com olhar reprovador. — É. O senhor tem razão — acrescentou, dando uma olhada ao redor. — O senhor precisa ser salvo! — Fez o sinal da cruz em sua direção, abriu a porta e saiu, batendo-a com estrondo.

Por Deus! Que dor! Ele agora se encontrava no chão, ainda se contorcendo. Mas, pior que a dor lancinante, ainda era a confusão na mente de Benedict. Só queria entender o que havia acontecido com a meretriz que no começo parecia muito empenhada em seu papel, mas que de repente o repeliu e o atacou como o bote de uma víbora. O que fizera de errado? Fora muito rude? Bem, por mais que estivesse um pouco bêbado, ele sabia que tinha pago para usufruir de seus serviços, então deveria tê-la de qualquer jeito. Queria tê-la! Mesmo que mal conseguisse andar dignamente, o lorde vestiu rapidamente as calças e deixou o quarto, procurando pelos corredores pouco iluminados.

Encontrou uma das meninas de Magdalena e a fez parar. Essa lhe sorriu, expondo o amplo decote.

— Diga-me, belezinha. Por acaso viu uma freirinha correndo por aqui?

A mulher primeiro estranhou, em seguida o examinou inteiro e então gargalhou alto.

— Acho que não se encontra bem, milorde. Aqui, com certeza, não é um convento! — debochou.

Benedict a soltou, confuso, correndo a mão pela nuca.

Havia sido apenas uma alucinação? Uma imagem criada por sua mente, fruto da bebida e do ópio? Não. Não era possível, pois ainda sentia o doce sabor dos lábios róseos na boca. Agora, como se não bastasse viver pensando na cunhada, tinha a freirinha para assombrá-lo!

A jovem noviça parou por um segundo, tentando recuperar o fôlego. Estava abalada. Não por estar naquele momento fugindo dos homens de seu irmão, o dono do clube e também bordel em que se encontrava. Mas, sim pelo fato de que há poucos minutos tinha acontecido seu primeiro beijo. Com um homem lindo, sensual, de sorriso debochado e um ar de pecado que quase a desequilibrara. Até aquele momento, não havia assimilado bem o ocorrido, mas era óbvio que o homem a confundira com uma das prostitutas do bordel. O corpo dele... Santo Deus! Ela se benzeu, fazendo o sinal da cruz e fechando os olhos. No entanto, os abriu prontamente, pois a imagem do homem nu se formou em sua mente, tão clara como se ele estivesse à sua frente. Sua respiração estava ofegante novamente e, dessa vez, não era por estar correndo há pouco. Ela já tinha visto um homem nu. Mas era um padre. Velho, barrigudo... em nada lembrava o devasso de hoje. Isso aconteceu por ter levado suas colegas até um canto escondido do banheiro, para assistir ao velhote se lavar, e por isso, ela teve de pagar uma pendência de cem Pais-nossos, cem Ave-Marias e ficar sem o jantar por quase uma semana. O padre Anton não era nada bonito pelado e ela pensava que todos os homens seriam daquela forma, mas... o pervertido de momentos atrás... Ele estava longe de ser feio. E o calor que se espalhou por todo seu corpo, quando se encostou nela? E os arrepios que lhe percorreram todos os cantos de seu corpo, quando ele a beijou? Tocou sua boca. O gosto dele ainda estava ali. Uma mistura de álcool e algo mais. Algo inebriante... Ela meneou a cabeça com força. Precisava parar de pensar naquilo! Então lembrou-se de uma parte específica do corpo do homem. Como era possível aquilo ficar naquele estado? O homem não sentia dor? Padre Anton não tinha um daqueles! Ou então era tão pequeno que ficava escondido sob sua barriga proeminente. Claire teve de segurar o riso, ao se lembrar do velhote correndo atrás dela, ao descobri-las escondidas. Tinha de admitir. Havia sido hilário e tinha valido a pena toda a penitência. Foi um dos únicos fatos divertidos que aconteceram nos últimos anos. Até aquele dia.

Suspirou. Aquele lugar onde se encontrava era sujo e imoral, e não era por sua vontade que estava ali. No entanto, por ironia do destino, acabou naquele quarto conforme fugia pela quarta vez em um ano do convento que Killian, seu irmão, a colocara.

Estava escondida numa despensa naquele momento, enquanto ouvia os homens passando por todo o lado à sua procura. Gotas de suor se acumulavam em sua testa, e o hábito quente era ainda mais um desconforto. Implorava por usar um vestido fresco e tirar o peso das roupas religiosas. Porém, já fazia tantos anos que usava aquele tipo de roupa, que duvidava que se sentiria confortável em outras.

Arriscou um olhar pela fresta da porta e avistou seu algoz na cozinha com mais dois homens. Escondeu-se novamente e rezou aos céus para que ele não considerasse abrir aquele esconderijo, ou então estaria perdida. Fechou os olhos e apertou na palma da mão o crucifixo de madeira que carregava no pescoço. Que Deus a ajudasse.

— Pensou que fugiria de mim? — mas Killian abriu a porta abruptamente, encontrando-a ali. — E você já foi mais original em seus esconderijos.

Ela abriu os olhos, deixou um suspiro escapar, revirou-os, deixou seus ombros se retesarem em derrota e o encarou.

— Sabe bem que não é por minha vontade que estou nesse antro!

O irmão a segurou pelo braço e a puxou para fora do pequeno espaço, dispensando os dois homens, à medida que a arrastava até seu escritório. Lá dentro, ele trancou a porta, a fez sentar em uma cadeira de veludo verde, enquanto ele se apoiou em sua mesa de mogno e a fitava com cuidado.

— A primeira coisa a dizer, mas que acredito que já saiba, é que não vou tolerar mais suas fugas, Claire. Por que continua lutando contra o destino que escolhi para você? De todas as vezes que tentou fugir, está com certeza é a pior, já que veio parar aqui... — passou a mão pela nuca, desconcertado. — Este lugar, definitivamente, não é para alguém como você.

Claire limpou as lágrimas que teimavam em não deixar rolar por seu rosto e ergueu o queixo trêmulo.

— Já disse que não estou aqui por vontade própria! E você não pode decidir o que é melhor para mim! Sou dona da minha própria vida — declarou, os olhos ferozes em direção a ele, um bico em sua boca rosada e os braços fortemente cruzados.

Killian suspirou. Era difícil lidar com a irmã mais nova. Desde a morte da mãe de Claire, ele assumira os cuidados com a moça, e havia decidido mantê-la longe de seu universo asqueroso. Contudo, antes que ela caísse na devassidão do mundo, achou melhor enclausurá-la em um convento na fronteira. Só não entendia como a jovem conseguia fugir rotineiramente, fazendo com que o irmão tivesse de enviar homens à captura dela. Mas dessa vez ela havia ido longe demais, vindo parar diretamente em seu clube, clamar por sua liberdade. Foi um grande erro.

— Precisa entender que não temos títulos, ninguém aceitaria seu dote, sabendo de onde ele vem! — O homem fez um grande gesto mostrando o lugar. — Não posso casá-la com alguém importante. Não teria vez na sociedade, e sequer é inglesa. E o tom dos seus cabelos não é o da moda. — Claire estava assustada como o irmão continuava a citar os problemas que a envolviam. — O máximo que conseguiria seria casar-se com um agricultor e viver uma vida plantando nabos e cenouras. É isso que quer?

— Prefiro isso a voltar para aquele lugar! — retrucou a noviça, se afundando no assento.

Então, de um salto, aprumou o corpo, os olhos brilhantes. Killian nem se espantava mais com a mudança rápida de humor da jovem. Sempre foi assim, desde criança. Era algo que admirava nela. Quando brigavam, a garota saía batendo os pés, emburrada. Mas não passava nem meia hora e ela regressava, o chamando de irmão, como se o desentendimento nunca tivesse acontecido.

— Posso conseguir uma madrinha aqui na Inglaterra! — sugeria. — Ouvi falar que mulheres bem-vistas ou idosas adotam jovens para que elas tenham uma chance na vida. Posso fazer isso! — um sorriso de esperança brilhava em sua face.

Ele sorriu fracamente com o que disse.

— A vida aqui é diferente da Irlanda, Claire. Você é... Inocente. Não teria vez numa sociedade em que o pecado está incrustado. — Abaixou-se para ficar na altura dela. — Voltará para o convento, está resolvido.

— Irmão, por favor, me dê uma chance! Eu não quero voltar para aquele lugar! Não sabe o infer... — ela levou a mão à boca imediatamente, interrompendo-se e então fez o sinal da cruz, como se pedisse perdão aos céus. — Aquele lugar é muito triste! As freiras não gostam de mim! Elas me chamam de rebelde, que meus cabelos são o espelho da minha alma e blá, blá, blá! — Enumerava nos dedos, terminando com um revirar de olhos. — Vivem me colocando de castigo! Quer ver os meus joelhos, como estão, por me ajoelhar no milho? — Claire se levantou e fez

menção de levantar as saias do hábito.

— Por Deus, irmã! — Killian se colocou de pé imediatamente, tapando os olhos e interrompendo o gesto dela. — Não quero ver suas pernas! Tenha senso, menina!

— Posso me adaptar a esta terra — desatou a falar. — Posso trabalhar se for preciso. Farei qualquer coisa, desde que não me mande de volta ao convento! — Juntando as mãos como se fizesse uma prece, ficou acerca do irmão.

O homem tentava se afastar, mas ela estava em seu rastro.

— Não vou conversar de forma correta com você, enquanto não se sentar!

Bufando, a jovem voltou ao seu assento.

Killian correu as mãos pelos cabelos e voltou a se acomodar na borda da mesa, cruzando os braços junto ao peito, analisando-a.

O corpo de Claire tremia, tamanho nervosismo que sentia. Sua vida estava nas mãos do seu irmão, o homem que tinha fama de impiedoso nos negócios, que construía uma fortuna por meio de jogos, meretrizes e tudo que envolvia apostas. Sabia que certamente ele não teria misericórdia dela. Desconfiava até de que Killian sequer lhe tinha afeto. Eram apenas meio irmãos, nada mais que isso, e mesmo que houvesse um vínculo sanguíneo, julgava que não era válido para ele. O coração disparado em seu peito era um sinal claro de que o homem a deixava mal. Engoliu em seco quando o viu bufar, e caminhar pelo escritório.

— Tenho um amigo que me deve alguns... favores. — Um sorriso surgiu de imediato no rosto da jovem, mas tentou conter-se. — A esposa não tem filhos, ele viaja muito, assim a mulher passa muito tempo sozinha. Talvez eles possam te acolher. Você fará companhia à mulher e ela poderá te ensinar modos e como se portar na sociedade inglesa. Mas deve me prometer que viverá uma vida reclusa, não se envolverá em escândalos, e muito menos em confusões. Possivelmente precisará ajudar essa senhora com algumas coisas, entretanto, viverá uma vida razoavelmente tranquila. Eu a mantereirei por lá, financeiramente.

Sem se conter mais, Claire se levantou, começou a dançar, dando pulinhos de alegria.

— Não vai se arrepender disso! — Deu um abraço breve no irmão e voltou a saltitar.

Depois, vendo a reprimenda no olhar do irmão, endireitou o corpo, limpou a garganta, assumiu uma postura ereta e semblante sério.

— Serei invisível! — prometeu, ansiosa. — Nosso pai estaria orgulhoso de você por me dar essa chance!

O homem curvou uma sobrancelha de forma irônica.

— Ele está morto, Claire. Prometi cuidar de você, e o farei. — Killian se colocou de pé e deu a volta na mesa. — Arrume suas coisas, pois a enviarei amanhã no fim do dia. Enquanto isso — avisou, com dedo em riste. — Não saia do quarto em que será colocada. É... provável que... — o homem prosseguia, parecendo sem graça. — Que ouça alguns... sons peculiares. Não seja curiosa! Está me entendendo? Não saia do seu quarto, por nada no mundo! Somente quando eu for até você!

Claire assentiu, sorrindo polidamente por fora, mas seu interior ainda pulava de alegria e esperança.

Killian a deixou sozinha, e saiu do escritório.

Estava feliz. Por anos lutou para sair do infern... do convento. Até a expulsão já havia tentado, mas só ganhava mais e mais castigos.

Suspirou profundamente. Talvez uma vida nova estivesse se iniciando.

Talvez os céus estivessem a seu favor. Ela levantou seus olhos azuis para cima, levou a

cruz de madeira para os lábios, a beijou e sussurrou.
— Obrigada.

CAPÍTULO DOIS

Benedict fechou a porta do quarto com semblante franzido. Não era possível! A garota havia sumido, como fumaça, como se nunca tivesse existido. Procurara por todo o bordel. Invadiu até alguns quartos, mas nada. E não havia encontrado Magdalena, a responsável pelas meninas do lugar. Só ela poderia elucidar aquele mistério.

Uma nuvem de incerteza pairava sobre sua mente aturdida. A noite havia sido uma sinfonia de excessos, regada a álcool, ópio e sexo, mas que agora lançava uma sombra obscura sobre sua razão.

O que o atormentava era a lembrança de beijos roubados na penumbra do quarto, um instante fugaz e enevoado como os vapores de tabaco que pairavam no ar. Uma jovem de beleza inigualável, havia surgido do nada, como um sonho efêmero. E desaparecido tão rápido quanto surgiu.

Benedict coçou a cabeça e olhou para a pipa prateada sobre a cômoda, de onde havia inalado o ópio na noite anterior.

Bufando, correu as mãos pelos cabelos negros, então pelo rosto e foi para a cama.

— Acho melhor ir com calma com essa belezinha.

Tão logo se jogou sobre os lençóis, uma breve batida soou à porta. Apenas soergueu a cabeça e gritou.

— Entre.

Uma morena, de longos cabelos negros e usando um robe de seda negro, surgiu. Nos lábios vermelhos, um largo sorriso lascivo.

— Madame Magdalena me disse que o senhor queria companhia.

Apoiando-se nos cotovelos, perscrutou a mulher, ainda mais confuso.

— Sim..., mas... O que houve com a outra... mocinha?

— Outra mocinha, milorde? — A mulher parou no meio do quarto e despiu o robe, ficando nua em toda sua exuberância. — Somos só o senhor e eu. — Ela se aproximou da cama e foi engatinhando até alcançá-lo.

Claire olhou com desconfiança para o quarto onde Killian havia acabado de deixá-la. Aquele lugar estaria realmente limpo? Ela duvidava. Ficou imaginando o que os convidados anteriores haviam feito por ali. Não que fizesse ideia do que praticavam um homem e uma mulher entre quatro paredes, mas madre Mary dizia que era nojento. Não gostava da metade do que a velha senhora ranzinza dizia, mas... como saber se o que dissera sobre aquilo não era real?

Acomodou-se na beirada da cama, com cuidado. Aparentemente o lugar havia passado por uma breve limpeza. Mas havia um odor no ar. Algo que nunca sentira na vida e que era completamente desconhecido. Seria... cheiro de... sexo?

Comprimindo os lábios, para conter um sorriso, ela segurou seu crucifixo. Fora para o convento aos treze anos, quando seu pai morreu. Sua mãe já havia sido chamada aos céus um ano antes, por uma febre misteriosa. Killian, seu único parente mais próximo, ficou incumbido

de cuidar da jovem. Mas, naquele tempo, já se encontrava envolvido... com os pecados do mundo. Dessa forma, como não tinha um lar para abrigá-la, enviou-a para o convento. Antes, era como um coelho solto na mata. Vivia em liberdade, correndo descabelada pelos campos próximos à humilde residência de seus pais. Depois da partida deles, foi confinada naquele lugar úmido, escuro e triste. Poderia se considerar uma pessoa religiosa antes, indo à igreja aos domingos e tudo. Mas, nunca, nunca em sua mente lhe ocorreu a ideia de se tornar uma freira. Não pensava em se casar, mas entrar para a religião não era uma opção.

Mesmo criada no meio do mato, havia crescido curiosa. Sobre tudo. E principalmente quanto a sexo. Ainda criança, quando os pais acreditavam que ela estava dormindo, eles... namoravam. E Claire acabava ouvindo os barulhos estranhos que faziam. Sua mãe parecia em agonia, seu pai um animal. Muitas vezes custava a dormir, achando que seu pai estava machucando sua mãe. Entretanto, nos dias seguintes a essa situação, os dois sempre estavam sorrindo muito um para o outro. Dessa forma ela entendeu que o que fazia não os prejudicava, pois pareciam felizes. Isso só a deixava mais curiosa sobre o assunto. Já tinha tentado perguntar sobre para sua mãe e foi como descobriu que aquilo se chamava namorar. Mas, foi só o que ela disse.

Um dia, enquanto caminhava pelo campo, viu dois gatos selvagens cruzando. A gata fazia barulhos semelhantes aos que sua mãe fazia. Claire ficou observando o processo e não lhe pareceu muito prazeroso. Voltou para casa frustrada. Seria da mesma forma com os seres humanos?

Os olhos dela passeavam ainda pelo cômodo, pensando em como dormiria, já que se encontrava muito excitada e ansiosa. De repente uma voz lhe chamou a atenção. Parecia a voz... do devasso que lhe roubara um beijo. Ela apurou os ouvidos e tornou a ouvir. Andou pelo quarto, para entender de onde vinha o som. Aparentemente, vinha da parede à esquerda. Claire caminhou pé ante pé até lá. Havia um armário embutido ali. Abriu cuidadosamente as portas e então ela o ouviu novamente. Um arrepio familiar lhe percorreu a coluna. A voz dele era forte. Grave. Carregando um tom de deboche.

Notou que não estava sozinho. Ouviu a gargalhada de uma mulher. Para seu espanto, através das paredes de madeira do fundo do armário vazio, havia frestas. Por onde ela podia ver o casal.

Um grito de espanto brotou no fundo, de sua garganta e tapou a boca. A mulher estava completamente nua sobre o devasso.

Virou-se de costas. Não devia estar observando o casal dessa forma! Era completamente indecente! Errado!

Voltou a ouvir a voz dele. Dessa vez doce. Com um toque... sensual? Aquilo era ser sensual? Se sim, ela achou muito interessante.

Claire mordeu o lábio inferior. A curiosidade a deixando louca. Acabou não resistindo e voltou a observar o casal. O devasso agora segurava o rosto da mulher, falando algo baixinho, olhando-a diretamente nos olhos... Por que achou aquilo bonito?

Apoiando as mãos na madeira da parede, aproximou-se mais. Agora o homem beijava a mulher de forma gulosa. Bem diferente do modo como a havia beijado. Se ela tivesse se permitido ficar um pouco mais, a teria beijado do mesmo jeito? Meneou a cabeça ligeiramente. Nem devia pensar sobre aquilo!

Teve de conter outro grito, quando, de repente, o devasso girou seus corpos rapidamente, invertendo as posições. Então separou as pernas da mulher e se colocou entre elas.

Claire, com as mãos sobre a boca, ficou chocada ao notar que o homem descia a frente das calças. Sim, ela devia desviar o olhar. Mas seus pés se cravaram no chão, seus olhos fixos na cena. Porém, dessa vez, ela não teve um vislumbre do... daquela parte específica dele, pois uma das mulheres estava na frente. Se ela fosse completamente sincera consigo mesma, admitiria que ficou decepcionada.

Então se acomodou melhor entre as pernas da meretriz e... começou a se mover num vai e vem. No início, lentamente e depois foi acelerando, os dois fazendo os sons que ela se lembrava de ouvir dos pais. Não entendia bem o que estava acontecendo, porém, sentia-se inquieta, quente. Sua respiração agitada. Levou a mão à garganta, pois essa se encontrava seca. Uma de suas mãos amassando o tecido da saia do hábito. Um formigamento a acometeu, em uma região que nunca tinha lhe acontecido antes e isso a deixou assustada.

O devasso agora tinha suas mãos fortemente fechadas no pescoço da mulher e ela se preocupou se não poderia sufocá-la, ao ponto de levá-la à morte. Mas bastava olhar para a meretriz e notar que ela estava gostando.

Claire se viu terrivelmente assustada, quando o formigamento em suas partes íntimas começou a aumentar, quase tendo que esfregar as pernas para sentir alívio.

Os dois agora pareciam enlouquecidos, os gritos dela ecoando por todo o lugar. Emitindo grunhidos que acariciavam os ouvidos dela... Como isso era possível?

Então, como se sentisse dor, a expressão dele se contraiu, saiu do meio das pernas da mulher e caiu para o lado. Ele estaria bem? Parecia prestes a morrer, sua respiração muito agitada, sua pele coberta de uma fina camada de suor. Os pelos lisos de seu peito ficaram ainda mais escuros por conta da transpiração. E agora ela podia vê-lo inteiro...

E uma batida seca na porta a fez dar um pulo, fechar a porta do armário e se encostar nela, apavorada com a hipótese de ser pega espionando algo tão íntimo.

— Que... — teve de limpar a garganta, pois, estranhamente, estava rouca e soou desafinada. — Quem é?

— Hunter.

Os olhos de Claire se reviraram e logo estava praticamente recomposta. Era um dos homens de Killian. E ela não gostava nem um pouco dele. Da forma como a olhava.

Entreabriu apenas um pouquinho da porta e apontou a cabeça.

— Sim?

— Seu irmão mandou verificar se está tudo bem.

Lá estava aquele olhar nojento, seguido de um sorriso de canto de lábios.

— Está tudo bem.

— Logo lhe trarão o jantar. Preferências? Posso conseguir o que quiser da cozinha — completou com um jeito arrogante.

— Qualquer coisa está bom. Obrigada. — Fez menção de fechar a porta.

Mas a mão calejada do sujeito a impediu.

— Se precisar de alguma coisa, qualquer coisa, não hesite em me chamar, senhorita.

— Obrigada — balbuciou e forçou a porta até tê-la fechada e trancando-a em seguida. Aquele sujeito a deixava aterrorizada.

Sozinha novamente, mordeu a ponta de um dedo, e sem conter a curiosidade, foi examinar o quarto ao lado, que agora se encontrava quieto. A mulher havia partido e o devasso estava adormecido, as velas iluminando suas feições bonitas. Sim, era muito bonito. O rosto era escurecido pela sombra de sua barba que crescia. Os lábios eram finos, mas bem desenhados.

Sobrancelhas espessas, nariz afilado. Sua expressão era de pura exaustão. Ela bufou. Sabe-se lá há quanto tempo ele se encontrava naquele antro, se fartando com as mulheres? Claire achou que devia sentir algo, tipo, asco. Mas, completamente chocada, viu-se pensando em como seria se fosse ela com ele naquela cama.

Benedict tentava encontrar forças para calçar as botas. Sentia-se completamente esgotado. Sua vontade era de deitar-se de novo e dormir por uma semana seguida. Mas já estava entediado daquele lugar, após três longas noites ali. Phillipa devia estar louca à sua procura. E sabia que fedia. Precisava urgentemente de um bom banho, uma xícara de café. Comer algo de sustância. A comida do lugar não era necessariamente ruim. Entretanto, comer foi o que menos fizera nos últimos dias.

Suspirou, torcendo os lábios. Estava prestes a completar 30 anos. Sebastian, Phillipa e até Anthony, nos últimos dias, lhe diziam que devia fazer algo da vida. Tornar-se um homem digno. Sempre revirava os olhos para isso, porém, nos últimos tempos, andava se sentindo meio... inútil. Entediado.

Terminou de se ajeitar, pagou a conta, que ficou bem salgada, por sinal e resolveu ir caminhando para casa.

Algo ainda o perturbava. A freirinha. Ela simplesmente não lhe saía da cabeça. Havia trepado com a linda morena que veio lhe fazer companhia, mas... sentia que não era ela que desejava em sua cama. Os olhos azuis, os lábios delicados e rosados permaneciam em sua mente. Teria sido mesmo uma invenção de sua mente débil?

A única vantagem daquilo era que havia deixado de pensar em Catherine por algumas horas. Ele precisava se livrar daqueles sentimentos rapidamente, já que nunca a teria. Depois do tratamento, Sebastian se encontrava muito saudável. Não havia sinal de que morreria nos anos seguintes. Fora isso, estava claro que, mesmo se o irmão não existisse, seria o último homem na terra, com que Catherine consideraria ficar. Benedict tinha noção de que a culpa era totalmente sua, por seu comportamento sobre toda a doença e proeminente falecimento do irmão. Todavia, por mais rancor que tivesse, por todo o passado dos dois, nunca desejou realmente a morte de Sebastian. Estava apenas enfrentando o que lhe parecia uma realidade. Também sabia que havia parecido frio diante de todo o período da doença do duque. No entanto, os sentimentos ruins que guardava dentro de si o faziam falar antes de pensar. Também era verdade que queria, sim, ferir Sebastian e para tal havia sido um homem mesquinho, egoísta e às vezes cruel. No fundo, nunca almejou o título de duque e toda sua responsabilidade. Só desejava infernizar o irmão mesmo. Porém, os sentimentos nascidos por Catherine e a descoberta que seu irmão não estava simplesmente doente, e sim sendo envenenado, o fizeram ter o que poderia chamar de crise de consciência. E, para tentar se redimir, lutou com Sebastian contra os que lhe faziam mal e deu a Catherine o poder de escolher entre os dois. E era óbvio que ele ficou em desvantagem. Desde então, tentava curar seu coração ferido, jurando nunca mais se apaixonar outra vez em sua vida.

Para variar, Londres estava mergulhada em um dia cinzento e chuvoso. As nuvens carregadas despejavam uma chuva fina e persistente sobre a cidade. Benedict não se incomodou com isso. Enfiou o chapéu na cabeça e seguiu caminho.

As ruas pavimentadas brilhavam com o reflexo da água, e os telhados das casas e os guarda-chuvas dos transeuntes competiam pelo espaço no horizonte urbano.

No ar, misturavam-se uma miríade de odores característicos da cidade. O odor de carvão queimado pairava, proveniente das muitas chaminés das casas e das fábricas que marcavam a época. O cheiro penetrante de peixe fresco e salgado emanava dos barris das docas do rio

Tâmisa, enquanto as barracas de comida nas ruas exalavam o aroma tentador de tortas de carne e bolinhos, aticando ainda mais a fome dele.

O estalo de cascos de cavalos ecoava pelas ruas de paralelepípedos molhados. Carruagens puxadas pelos animais, com rodas de madeira rangendo contra as pedras, eram uma visão comum. Os cocheiros, envoltos em capas de chuva, guiavam seus cavalos pelas ruas movimentadas, passando por calçadas cheias de pedestres com seus guarda-chuvas, tentando evitar as poças que se formavam nas depressões das estradas.

Os edifícios de tijolos e pedras antigas, muitos deles com séculos de história, erguiam-se imponentes sob o céu nublado. Algumas casas exibiam vitrines de lojas, onde passantes curiosos podiam admirar mercadorias de todas as variedades, desde roupas elegantes até objetos de decoração requintados.

Mesmo sob a chuva persistente, a vida continuava seu curso na metrópole em constante crescimento. Londres, com sua mistura única de aromas, sons e visões, revelava uma cidade que estava no auge de sua transformação. Apesar de tudo isso, Benedict se sentia cansado daqueles ares. Talvez uma viagem lhe fizesse bem.

E ele soube para onde, assim que chegou em casa. Bristol. Seu cunhado Henry lhe enviara uma carta, pedindo ajuda por uns dias em seus negócios, já que precisava se ausentar. Trabalhar não estava em seus planos, mas sobreviveria.

CAPÍTULO TRÊS

— Tem algo que preciso te dizer — Killian disse com voz grave, quando estava com Claire embarcando na carruagem que faria uma longa viagem, até seu destino. — Quando chegar à casa desse meu amigo, não comente sobre mim.

— Não comentar sobre você? — a jovem ficou confusa.

— Sim. Não comente sobre o que faço para viver. Você entendeu isso?

— Ah, sim... — a moça respondeu, vagarosamente.

Ela praticamente não dormira na noite passada e o dia ainda não havia nascido. Primeiro por estar numa cama mais macia do que estava habituada. E segundo e principalmente, porque aquele lugar era bem agitado. A música do salão chegava até seu quarto, o movimento nos corredores era incessante e... bem. Eles faziam muito o que vinham fazer ali e, igualmente ao devasso e sua companheira, eram bem barulhentos. Desconfiava de que teria pesadelos com o que ouvira.

Além disso, teve o sonho perturbador que a assombrou e terminou por extinguir qualquer resquício de sono pelo resto da madrugada. Nesse sonho, era ela a companheira do devasso...

Acordou ofegante, suada, desesperada, sedenta. Levantou-se, tomou um grande copo de água e, pé ante pé, foi verificar o quarto ao lado, pela parede do armário novamente. Estava às escuras. Não sabia se ele ainda se encontrava ali.

Depois de não mais conseguir dormir, ficou pensando em sua nova situação. Estava excitada e nervosa. Mas algo estava em sua mente. Sabendo dos negócios de seu irmão, tentou adivinhar qual seria a relação entre ele e o amigo para a casa de quem estava sendo mandada. Ou o lorde jogava, ou... não que o vício em jogo fosse algo bom, mas esperava que fosse daí que conhecesse seu irmão. Afinal, ele era um homem casado.

No entanto, agora, com Killian lhe dizendo aquilo, suas dúvidas aumentaram. Seu irmão dissera que o homem lhe devia alguns favores. Só podia pensar que seria por conta de dívidas de jogos.

— Eu não direi nada — terminou respondendo, enfim. — Mas que fique claro que não concordo com isso — não conseguiu se impedir de dizer.

Killian, com sua paciência limitada, suspirou e revirou os olhos.

— Você não tem de concordar, Claire. Apenas aceite. E seja grata por eu estar lhe dando uma chance.

— Eu sou, irmãozinho. — Ela forçou um sorriso. Arranjar atrito agora não era bom. Não podia arriscar que ele pudesse retroceder.

— É só isso que vai levar? — Killian olhou para a pequena mala que ela trazia nas mãos.

— Sim. Isso é tudo o que eu tenho. — A moça ergueu os ombros. — Dois hábitos. Era tudo o que nos era permitido no convento.

— Espera, mas e todo o dinheiro que eu enviava para os seus cuidados? O montante era o bastante para incluir roupas!

— Dinheiro? Que dinheiro? Ele nunca chegou a mim! — ignorando a cara de desgosto do irmão, prosseguiu. — E lá, era pregado que devíamos praticar a humildade e aprender a viver com pouco. Dessa forma, todas as meninas tinham apenas duas trocas de roupas, que deviam ser lavadas por nós mesmas.

Claire notou que Killian tinha o maxilar cerrado. Estava muito contrariado, mas nada disse.

Despediu-se dele com um breve abraço, que nem foi retribuído. Nem estranhou. Killian era um homem muito reservado. Senão para dizer frio. Ela sempre quis se aproximar mais do meio-irmão. Mas o jeito distante dele impedia que isso acontecesse.

Bristol ficava a algumas milhas de Londres, seria uma viagem de meio-dia e Claire usaria esse tempo sozinha na carruagem para raciocinar sobre como seria sua nova vida. Viveria na casa de pessoas desconhecidas, e estava preocupada sobre como deveria se comportar. Apesar de nascer e viver praticamente toda sua vida na Irlanda, a jovem havia lido sobre os hábitos dos ingleses, e acreditava que poderia sobreviver muito bem naquele país.

Recostou-se no assento pouco confortável, olhou para a cesta deixada no outro banco e com curiosidade a abriu. Sorriu ao ver que Killian tivera o cuidado de pedir à cozinheira que preparasse um pouco de comida para a viagem. Havia bolo de nozes, torta de peixe e frutas, e Claire saboreou um pedaço de torta com afinco. Doces eram um luxo que ela não tinha, do lugar de onde vinha. Enquanto mastigava, seus olhos se perdiam pelas campinas esverdeadas, e sorriu ao ver uma casinha de madeira com duas crianças brincando em frente. Suspirou, pensando se um dia seria agraciada com filhos. Ficou surpresa de repente, porque até então nunca pensara seriamente em ter um bebê. Mas essa era a lei da vida, certo? Multiplicar-se. Mordeu mais um pedaço e franziu a testa, considerando que antes de ter um bebê, precisava casar-se. Com quem? Ela nunca havia se conformado que, num futuro próximo, se tornaria definitivamente uma freira. Dessa forma, casamento não tinha lhe passado pela mente. No entanto, tudo estaria mudado dali para a frente.

Claire havia tido muito pouco contato com homens, a não ser os padres e seu irmão, depois de mais velha. Bem, agora ela sabia o sabor do beijo masculino, e por Deus, se surpreendia ao notar como ansiava por mais! E depois do que vira aquele devasso fazendo com a meretriz... oh, por que apenas se lembrar daquilo tornava seu corpo quente? Sentia-o formigar entre suas pernas, e ela resistia à vontade desesperadora de tocar-se ali. Imediatamente fez o sinal da cruz, assustada.

As horas foram passando, e a jovem se deixou levar pelo sono, entregando-se a sonhos ousados de um futuro inesperado. Oscilava entre a realidade e inconsciência, mal ajeitada no assento, usando a mão como travesseiro. Era perto das dezessete horas quando a carruagem entrou na cidade de Bristol, e Claire acordou ao ouvir o barulho vindo de fora.

Piscou rapidamente para entender onde estava, e sorriu no mesmo instante, quando percebeu que finalmente chegara à cidade. O sol se punha no horizonte quando a carruagem parou em frente a uma casa grande, bonita e que esbanjava delicadeza, onde havia um jardim com rosas de todas as cores em frente, assim como debaixo das janelas, floreiras precisamente posicionadas. O cocheiro abriu a porta, e Claire desceu, segurando sua mala de mão com força desmedida. Respirou fundo, enquanto a porta da casa foi aberta, e um criado apareceu para recebê-la.

— Senhorita McKenzie. Nós a esperávamos. — O mordomo sorriu gentilmente, mas também a inspecionou dos pés à cabeça, e provavelmente não estava acreditando que a jovem

usava um hábito. — Entre.

Claire entrou na casa, e seus olhos curiosos foram inundados por uma visão magnífica. O interior era todo decorado nos tons azul e branco, desde os sofás, as altas cortinas que iam do chão ao teto e naquele momento refletiam a luz do pôr do sol. Também havia retratos no alto das paredes, de uma mulher bonita, na casa dos trinta anos, acompanhada de um homem com um bigode engraçado. As pessoas que moravam ali tinham bom gosto, pois havia vasos antigos, que pareciam ter séculos, pintados à mão, e não menos importante, a lareira incrível, provavelmente muito usada no inverno, mas que agora servia como suporte para mais flores. Ah, sim, flores era o que mais havia naquele lugar. Definitivamente não era uma casa triste.

A jovem ainda estava admirando o lugar, quando do alto da escada surgiu uma mulher de vestido verde-musgo, cabelo escuro preso no alto da cabeça, uma pele alva e com bochechas rosadas, assim como os lábios, dona de uma beleza indiscutível. A mulher sorriu ao se aproximar, e Claire retribuiu o gesto.

— Você deve ser Claire. Estava ansiosa por conhecê-la! Quando Henry disse que receberíamos uma convidada, não esperava que fosse tão jovem. Meu nome é Phillipa. — Ela puxou a moça para um abraço, e a fez sentar ao seu lado no sofá. Claire estranhou tanta espontaneidade. Afinal, do que sabia das mulheres da sociedade, era que elas eram na maioria muito contidas. — Deve estar com fome — a mulher prosseguia, com seu tom gentil. — O que deseja comer?

— Oh, eu estou bem, senhora. Primeiro, preciso agradecer por me receber em sua casa. — Claire suspirou, notando que ainda segurava sua malinha. — Que aliás, é muito bonita!

Phillipa sorriu, curvando a cabeça com o elogio.

— Obrigada, querida! — o olhar dela curioso dela recaiu sobre as vestes de Claire. — Preciso saber, por favor me entenda. Na verdade, estou admirada em saber que é uma freira.

— Ah, não sou! Graças a Deus! — balbuciou a última frase e já emendou outra, esperando que a mulher não a tivesse ouvido. — De fato fiquei um tempo no convento, estava prestes a entrar para a ordem, no entanto... bom, não era para mim. Uso o hábito apenas por costume — concluiu.

— Entendo — Phillipa assentiu docemente. — Vou levá-la ao seu quarto. Espero que seja do seu agrado.

E era. Muito! Quando chegaram no andar superior e entraram no cômodo no fim do corredor. Claire ficou animada ao ver que o quarto era espaçoso, com uma grande janela que dava para a rua de trás, muito diferente do espaço diminuto e claustrofóbico onde vivera por anos! Percebeu haver um segundo jardim atrás da casa, com uma estufa de rosas, lugar que ela queria visitar muito em breve. A cama com dossel estava arrumada para ela, um armário grande, e o que ela mais amou, uma penteadeira abarrotada de itens femininos. Que ela não fazia ideia de como usar, mas estava curiosa e animada para descobrir.

— É perfeito! Não sei como agradecer! — Ela tinha os olhos marejados, um sorriso teimoso nos lábios e aquela vontade de fazer uma dancinha pelo lugar a invadia.

— Fico muito feliz que gostou! — ela se aproximou da jovem e tomou suas mãos entre as dela. — E não tem do que me agradecer! Desconfio de que seremos grandes amigas! — era impressão de Claire, ou a mulher também tinha os olhos marejados?

De qualquer forma, ela limpou a garganta e se afastou rapidamente.

— Jantaremos às oito. Descanse até lá. — A anfitriã já estava saindo, mas se voltou parecendo se lembrar de algo. — Teremos outro convidado que chegará ainda hoje. Mas ele não

será um problema, eu garanto.

E com um sorriso gentil, Phillipa saiu do quarto.

— Amaldiçoo todas suas gerações, maldito animal! — era Benedict, enfurecido porque mal chegara a Bristol e já percebia que seus dias ali seriam especialmente difíceis.

Acabara de pisar em estrume de cavalo, enquanto descia da carruagem, frente à casa de Phillipa. Já era noite, não conseguia ver perfeitamente no escuro, mas tudo que queria era chegar ao seu quarto, após ter viajado tantas horas, as quais demoraram mais do que o planejado porque precisara parar para se alimentar.

Quando decidiu vir para aquela cidade, ele não esperava necessariamente que fosse recebido com coroas de flores e champanhe, mas aquilo ali era ridículo. Fora que estava suado, devido ao calor extremo do verão, e as horas enfurnado na carruagem abafada. Precisava de um banho urgente!

Sua irmã o recebeu com o mesmo sorriso gentil de sempre, mas torceu o nariz ao sentir o aroma proveniente dele.

— Não me diga nada, Phillipa! — pediu, com uma das mãos estendida para silenciá-la e foi adentrando na casa que já conhecia bem. — Só preciso de um banho e voltarei a ser eu — Benedict informou, exausto, já subindo as escadas.

— Tudo bem. Eu sabia que desejaria um então, já deixei tudo preparado — dizia a mulher, no encalço do irmão. — Seu quarto fica na penúltima porta no fim do corredor. Jantaremos às oito. Temos outro convidado. Seja gentil — Phillipa pediu, quase com repreensão, batendo no ombro dele, quando chegavam ao topo da escada, onde ela parou. — Henry chegará mais tarde hoje.

Benedict caminhou pelo corredor devagar, tamanho cansaço em seu corpo. Estava tão irritado, tão bravo, que mal podia pensar em qualquer outra coisa que não fosse um palavrão. Qual era seu quarto mesmo? Phillipa havia dito tanta coisa, em tão pouco tempo, que ele não assimilara uma palavra sequer. Última porta no fim do corredor, certo? Abriu a porta, e quase caiu para trás.

Ela! Era a freirinha! Ela estava ali! E também o viu, ao gritar surpresa, quando ele abriu a porta, isso fazendo-o fechá-la imediatamente. Assustado, Benedict levou a mão ao peito, sem poder acreditar no que seus olhos acabaram de ver. Como era possível? Estava ficando louco?

Decidiu entrar no quarto ao lado, com medo do que vira. Não podia deixar que sua mente o dominasse daquele jeito. Em pouco tempo seria considerado um maluco se continuasse vendo coisas assim.

Mas, nem um banho refrescante naquele calor serviu para acalmar Benedict. Para dizer a verdade, ele queria voltar naquele quarto e descobrir se o que havia visto era real. Mas estava tão atordoado, que a única coisa que conseguiu fazer foi banhar-se rapidamente, vestir uma roupa limpa e descer para o jantar.

Henry e Phillipa estavam sentados à mesa, e Benedict cumprimentou o cunhado com um aperto de mão.

— É bom recebê-lo em nossa casa, cunhado — o homem disse, com um tom respeitoso. — Sente-se. Podemos comer?

— Falta nossa outra convidada — Phillipa interviu.

Benedict ergueu uma sobrancelha, curioso. Convidada?

Entrando na sala de jantar, exalando um perfume cítrico, Claire se aproximou, para assombro de Benedict, que tinha o queixo caído, o coração acelerado, e um sonho realizado. Bom... metade dele. Ela era de verdade mesmo. Ela existia! No entanto, quando a jovem, vestida com um hábito, se sentou no outro lado da mesa, em sua frente, o homem ainda acreditava estar delirando.

— Vocês também a estão vendo, certo? — perguntou, apontando para a recém-chegada.
— Eu não estou louco, não é mesmo?

Phillipa e Henry se entreolharam, confusos, enquanto os olhos azuis da moça não deixavam os dele, parecendo tão surpresa quanto ele.

— Benedict! Do que está falando? — sua irmã começou, parecendo sem graça. — Esta é Claire McKenzie, nossa convidada. Serei sua tutora. Este é Benedict St. John, meu irmão. — Phillipa deu um olhar significativo para o irmão. Depois olhou para a moça e sorriu. — Benedict é uma pessoa muito animada e excêntrica, Claire. Tenho certeza de que se darão bem... — então ela se interrompeu. — Espera. Vocês se conhecem?

— Sim! — disse Benedict.

— Não! — respondia Claire, ao mesmo tempo.

Henry riu.

— Sim ou não?

— Sim! — Benedict foi enfático dessa vez.

— Como isso é possível? — uma confusa Phillipa tentava entender. — De onde?

— Do... — ele começou..., mas foi cortado pela moça. — Da igreja! — disse ela com a voz mais alta do que o recomendável. — Da igreja!

Benedict ficou mudo, perplexo e virou a taça de vinho de uma vez.

— Igreja? — Henry voltou a rir. — Benedict numa igreja? Um herege como ele? — debochou, mas conteve o riso ao ver a jovem fazendo o sinal da cruz e ser cutucado pela esposa.

— Sou minha própria igreja, cunhado — o lorde redarguiu, servindo-se de outra dose de vinho.

— Então você não esteve na igreja? — Phillipa seguia confusa.

Ele estava pronto para responder, mas flagrou um olhar de súplica na pequena figura à sua frente.

Revirando os olhos, pousou a taça de volta à mesa.

— Sim! Eu estive lá — respondeu a contragosto, notando o alívio estampar nas feições perfeitas da freirinha. — Devia estar bêbado ou algo assim. Por isso achei que ela fosse uma visão.

— Agora faz sentido! — Henry admitia.

O resto do jantar transcorreu quase normalmente. Phillipa estava mais tagarela do que de costume. Enchendo a convidada de perguntas sobre sua vida no convento. Benedict simplesmente não conseguia tirar seus olhos dela. E precisava admitir, estava aliviado e frustrado.

Aliviado, porque agora sabia que o motivo dos seus sonhos não era uma mera visão, não era causado por bebida em excesso, pelo ópio ou pela iniquidade de sua mente... Ela era de carne e osso. Frustrado, porque ele queimava, de puro desejo mal contido, e se era pecado desejar uma freira, que fosse. Ele já estava perdido mesmo.

Mas a realidade era que Benedict St. John descobriu naquele momento que sua vida em Bristol, e principalmente naquela casa, não seria fácil. Não quando tinha Claire McKenzie como

vizinha de quarto.

Que Deus tivesse piedade dele!

CAPÍTULO QUATRO

Phillipa pediu que todos se acomodassem na sala, onde desfrutariam da sobremesa. Então foi para a cozinha, organizar os pratos e Henry desceu até a adega para pegar outro vinho.

Para surpresa de Benedict, a jovem se aproximou dele, quase cochichando.

— Milorde ia dizer que me conheceu no prostíbulo? — perguntou acusativamente e chocada.

Ele estranhou a petulância dela, olhando-a de cima.

— Sim. Era a verdade.

— O que a senhora pensaria de mim?

— Que era uma meretriz, como eu pensei!

— Acontece que eu não sou! — Ela se afastou, ofendida.

— Mas o que estava fazendo por lá, então? — Ele foi em seu encalço, enquanto ela caminhava pela sala.

— É uma longa história que não lhe diz respeito... milorde. — Ela se curvou, quase com zombaria.

Benedict parou, colocou as mãos às costas, o corpo ereto e franziu o cenho. Ela era realmente abusada!

— Então você é realmente uma freira? — quis saber, com uma pontada de desdém. Na verdade, estava ansiosa por uma resposta que desconfiava que não viria.

— Sim! — ela respondeu com convicção, o queixo erguido. — Sou, de fato, sou uma noviça ainda — pontuava com um dedo, orgulhosa.

— Mas o que está fazendo aqui?

— Vim aprender bons modos com a senhora Dawson...

— Por que uma noviça precisa aprender essas coisas?

— Porque educação nunca é demais, meu senhor.

— Entendi. — Benedict disse, lentamente, parecendo não ter se convencido.

Estreitou seus olhos verdes e a examinou minuciosamente. Seu rosto era de um anjo. Tão perfeito quanto se lembrava. Seus cabelos estavam escondidos sob o véu branco, então não podia ver-lhes a cor. Seriam negros como ébano? Dourados como o trigo? Ele queria muito descobrir. Seu corpo era coberto pelo hábito composto por uma blusa imaculadamente branca, de mangas compridas e a saia longa, da mesma cor.

— Milorde está me deixando sem graça com seus olhares — a jovem disse, dando um passo atrás.

— Sinto muito. — O tom displicente, seguido de um rápido sorriso de canto de boca, dizia o oposto de suas palavras. — Eu não consigo evitar... — começava, dando um passo à frente, quase a encurralando num canto, ao lado da lareira. — De pensar em como foi parar naquele prostíbulo, justamente no meu quarto.

Claire limpou a garganta. Ele estava perto. Muito perto. Podia sentir o cheiro de sua colônia e de seu hálito com suave aroma de vinho. Por que aquilo a estava deixando meio tonta?

— E-eu já disse...

— Que não é da minha conta. — interrompeu-a, gesticulando com uma das mãos. — Entretanto, acho que mereço uma explicação. — Mais um passo à frente e as costas dela se colaram à parede. — Afinal, a senhorita invadiu minha privacidade.

— E o milorde invadiu... — ela se interrompeu, antes que fosse tarde. Não podia simplesmente soltar que ele havia invadido sua boca! Seus pensamentos, seus sonhos.

— O que eu invadi? — perguntou ele, baixinho, agora muito, muito perto. Os olhos fixos em sua boca.

A respiração dela ficou ofegante, seus dedos apertando as laterais de sua saia. Seus olhos percorreram a face que parecia ter sido barbeada pela manhã, mas que já despontava novamente, deixando uma sombra sobre seu rosto anguloso e bonito. E tinha aquele sorriso preguiçoso em sua boca fina, mas tentadora. Então, antes que pensasse no que estava fazendo, ela se colocou nas pontas dos pés, segurou a cabeça dele entre as mãos, e colocou sua boca a dele.

Benedict ficou subitamente sem reação. Seus olhos arregalados. Mas logo reagiu e envolvia a cintura fina da moça com suas mãos, trazendo-a para mais perto. Ela apenas forçava sua boca contra a dele, demonstrando toda sua inexperiência. Ele lhe ensinaria aquela dança. E seria um prazer. Dobrou sua cabeça de lado, sugou o lábio superior. Depois o inferior, quase sorrindo ao ouvir um gemido baixinho escapar da garganta dela. Subiu a mão pelas costas dela e forçou sua língua entre seus lábios.

Ele não ouviu quando a irmã se aproximava, mas a moça sim e, tão rápido quanto começou, o beijo teve fim e a jovem estava acomodada do outro lado da sala. Benedict permaneceu imóvel, ainda entorpecido e pensando em como esconderia aquela ereção grotesca em suas calças. Antes que Phillipa, de fato, entrasse na sala, ele se posicionou atrás de uma poltrona de espaldar alto.

Sua irmã falava pelos cotovelos, mas seus olhos não conseguiam se desviar de noviça McKenzie. Era uma boa atriz. Enganaria sua irmã, com sua expressão doce, mas estava visivelmente trêmula, os lábios ainda úmidos por seu beijo e o rosto de pele clara, rubro. E nem por um milésimo de segundo, ela ousou olhar para ele.

Assim que entrou no quarto, Claire trancou a porta e se recostou nela. O que ela havia feito? Por que tinha cedido ao impulso daquela maneira?

A verdade, era que quando viu aquele homem tão perto, sentiu seu cheiro tão bom, as imagens do beijo anterior, e do que o vira fazendo com a meretriz, uma curiosidade incontrolável a dominou. Quando deu por si, estava com sua boca colada a dele.

Ela suspirou e levou a mão ao peito, sem conseguir evitar um sorriso. O pior de tudo era que havia sido tão bom!

Logo se recompunha, endireitando o corpo. Mas, em resumo, o que fizera era errado em muitos níveis. O que pensaria a dona da casa, que tão docemente a acolhera, se flagrasse a cena? Provavelmente a enviaria de volta para seu irmão na mesma noite!

O que Benedict, que ela achou um nome lindo, pensaria dela... Bom, com isso não estava preocupada.

Bufou, andando pelo quarto. Ele era um devasso. Devia estar acostumado com essas situações. De qualquer forma, aquilo não deveria mais se repetir. Precisava se controlar e focar em aprender a se portar na sociedade. E começar a pensar em seu futuro. Agora, com tantas mudanças, devia aproveitar a oportunidade que lhe fora dada. E se arriscar a ficar mal falada não era bom. Dessa forma, se manteria afastada daquele homem! Mesmo que isso lhe fosse bem difícil... Benedict St. John era lindo! Aquele sorriso sem vergonha...

Claire se jogou na cama e revirou os olhos, sonhadora. O gosto daquele beijo... Por

Deus, por que era tão bom? Algo assim devia ser pecado!

Virou-se de barriga para baixo e tornou a suspirar. De todos os lugares do mundo, por que aquele homem tinha de ter vindo parar justamente ali?

Ela levantou seus olhos para o céu.

— O senhor está me testando? É isso? Por não ter aceitado ser sua serva fiel? — Sentou-se e seguiu com sua conversa com o Pai. — Ouça, ainda serei sua serva fiel. Mas de outra forma. O senhor iria querer uma serva triste? Acho que não, certo? Então. — Uniu suas mãos. — Tenha piedade de sua filha e me coloque num bom caminho, está bem? — Ela terminou fazendo algumas orações, foi vestir sua camisola e enfiou-se sob os lençóis, sorrindo e se aninhando na cama macia.

Ainda não acreditava que estava livre daquele lugar nefasto de onde conseguira fugir. Aquilo era tudo muito errado. Uma casa que criava meninas para servir a Deus, não deveria ser tão aterrador, escuro, úmido. Ela duvidava que Ele aprovasse um lugar como aquele. Todos eram muito tristes lá. Dos padres, passando pelas freiras e, principalmente, as noviças. Mesmo aquelas com total devoção, não estavam felizes ali. Talvez, se houvesse o mínimo de humanidade naqueles que dirigiam o lugar, ela não se importasse de ficar. Fugia por que temia se tornar tão amargurada e dura como eles. Seu espírito era livre, leve. Amava rir, rir alto, até doer a barriga e, quando, nas poucas vezes que fazia isso lá, ouvia uma sucessão irritante de *shhhhhhh*. Era como se elas, a madre superiora e as freiras que cuidavam da educação das meninas não pudessem rir com vontade, elas também não deveriam. Injusto!

Com um sorriso nos lábios, virou-se de lado e quase que instantaneamente caiu no sono.

Benedict revirou os olhos uma vez mais. Henry não parava de falar sobre negócios, já àquela hora da manhã. E tudo o que ele conseguia fazer, era olhar para o alto da escada, à espera de que certa noviça aparecesse. Ela estaria tomando seu desjejum no quarto? Aquilo era ruim, porque seu dia começaria bem melhor se colocasse seus olhos naquela figura encantadora.

Considerou perguntar a Phillipa, que se encontrava na sala, entretida com seu bordado, mas seria muito inadequado.

— Existe uma técnica nova chegando ao país, mas... — Henry prosseguia. — Estou receoso quanto a isso...

— Técnica? — Benedict quis saber, enfim se interessando por algo que o cunhado dizia, talvez por gostar de novidades.

— Sim, sim. Construo navios de madeira. E estou satisfeito com isso. No entanto, essa novidade que está chegando consiste em criar navios de ferro. A promessa é que dessa forma será possível construir navios maiores...

Benedict franziu o cenho e devolveu a xícara à mesa.

— Isso me parece bem promissor.

— Eu não sei. Como uma coisa feita de ferro seria seguro? Como podem garantir que essas coisas não vão enferrujar ou afundar?

— Acredito que testes já tenham sido feitos, não?

— De verdade, — Henry se colocava de pé, jogando o guardanapo na mesa. — Eu nem fui me informar. Estou satisfeito com o que tenho feito. Não sou homem de... modernidade e essas coisas.

Benedict o acompanhou, ainda com cenho franzido. Sabia que o cunhado era um homem bem-sucedido. Então era total surpresa que estivesse se recusando a admitir que os tempos estavam mudando e deveria seguir o curso.

Claire desceu as escadas apressadamente. Nunca na vida havia dormido tanto. Estava muito desconcertada pelo atraso. A primeira coisa que fez foi procurar por um certo milorde. Foi com alívio que notou que ele não se encontrava por ali. Seria muito constrangedor encará-lo após tê-lo atacado.

— Oh, aí está ela! — Phillipa se levantou do sofá com um sorriso, ao avistá-la.

Claire se curvou, respeitosamente.

— Perdoe-me, senhora! Perdi completamente a hora!

— Ah, pare com isso! Sei o quanto essa viagem é cansativa. Benedict reclama por horas, quando tem de fazê-la! — Ela enlaçou um braço de Claire a encaminhando para a mesa ainda posta. — Estou feliz que tenha aproveitado e descansado. E imagino que deva estar faminta agora! Esperei para tomarmos o desjejum juntas. Sua companhia deve ser mais interessante do que ouvir Henry falar de negócios. — A mulher riu de forma cristalina.

Definitivamente, gostava dela. Ela a fazia sentir-se à vontade.

— Sim, estou realmente com fome! — Seu olhar pousou sobre a infinidade de alimentos dispostos à mesa. Já havia notado a fartura na noite anterior, mas, nessa manhã, estava ainda mais caprichada. — Bom Deus, eu nem sei por onde começar — declarou timidamente, já acomodada.

Phillipa se sentou à sua frente e olhou de forma curiosa.

— Não eram servidos bons cafés da manhã no convento?

— Ah, não! Com certeza não! Tínhamos direito a um pedaço de pão e chá sem açúcar.

— Não posso crer! — Os olhos da viscondessa se arregalaram de surpresa.

— Nosso almoço, na maioria das vezes, era uma sopa com um pedaço de carne.

— Meu Deus! — A mulher colocou uma das mãos sobre o peito, horrorizada. — É por isso que você é tão magra! Sabe? Acho que nunca pensei em como seria uma vida num convento, mas imaginava algo diferente. Um lugar bom, bonito, animado!

Claire não conseguiu segurar um riso amargo, mas se desculpou em seguida.

— Acho que eu também pensava assim. Mas não foi o que me recebeu quando fui para lá.

— E por que terminou em um convento? Sempre quis ser freira?

— Eu nunca quis ser freira — diante do olhar confuso da mulher, começou. — Morava na Irlanda com meus pais. Minha mãe faleceu quando eu era mais nova. Meu pai se foi poucos meses depois e eu só tinha um meio-irmão aqui na Inglaterra. E... bom, ele não poderia ficar comigo. Dessa forma me mandou para o convento.

— Oh, puxa! Pobrezinha! — Ela pegou a mão de Claire sobre a mesa. — E quando decidiu sair do convento?

— Bom... eu fugi — admitiu e sondou a reação da viscondessa.

Ela levou a mão à boca, outra vez surpresa.

— É sério?

— Sim. Já tinha feito outras vezes, mas sempre era mandada de volta. Dessa vez meu irmão resolveu ter piedade de mim. — Deu de ombros.

— Bom! Esse tempo ficou para trás. Cuidarei de você, ensinarei tudo o que precisa para se tornar uma dama e então ser apresentada à sociedade! Com certeza será a sensação da próxima temporada! E, a primeira coisa a fazer, é cuidar do seu guarda-roupa.

Claire olhou para seu hábito, já um tanto gasto.

— Acho que preciso. — Sorriu, sem jeito. — Sinto-me um saco de batatas perto da senhora. Seus vestidos são tão lindos!

— Obrigada, querida! E você terá, tão ou mais bonitos que o meu!

CAPÍTULO CINCO

Assim que desceu do cavalo, Benedict olhou em volta. O lugar era de um movimento contínuo. Homens indo e vindo.

Estavam no estaleiro pertencente a Henry, Charles Dawson & Filhos, que fora herdado do pai e localizado ao longo das margens do rio Avon, que atravessava a cidade de Bristol e desaguava no canal de Bristol, proporcionando acesso direto ao mar. Um ponto estratégico para os negócios. A família de Henry sempre foi ativa na construção de navios de várias categorias, incluindo navios de carga e navios a vapor.

Benedict já estivera ali algumas vezes, mas apenas em visitas rápidas.

— Ainda não estou entendendo o que quer que eu faça por aqui, cunhado. Está claro que não entendo nada sobre navios!

— Não terá de fazer muita coisa. Eu só quero que fique de olho, que o pessoal saiba que tem alguém superior no comando. Senão essa gente se acomoda e não trabalha direito!

Benedict franziu o cenho. Não gostou muito do desdém na voz do marido da viscondessa, ao se referir aos seus empregados. Mas nada comentou.

Henry o levou para conhecer todo o lugar, que era imenso.

— Qual o motivo de sua viagem mesmo? — Ele quis saber, recordando-se que o homem não havia lhe dito nada.

— Han... eu... — Henry pareceu pensar um pouco na resposta, como se não esperasse pela pergunta. — Bom, eu tenho de fazer uma intensa negociação com meus fornecedores de madeira. Eles querem me cobrar um valor que é inadmissível! Então terei de visitar um a um e resolver essa situação de uma vez por todas. Ou até mesmo procurar por outros fornecedores, se for o caso.

— Certo. — Parando junto a uma balaustrada, Benedict olhou para baixo, onde um enorme esqueleto de um navio se erguia. — O que será esse aqui?

— Um navio de carga. Esse será imenso! Estamos correndo para deixá-lo pronto antes do inverno.

— E aquele? — Ele apontou para o outro, sendo erguido do outro lado, bem distante.

— Aquele será um a vapor.

— Você ainda segue reticente em construir navios de passeio? — lembrou-se ele.

— Não é o ramo da minha família. Por gerações e gerações, foi isso que construímos. — O homem abriu os braços, mostrando as duas embarcações no lugar.

Benedict riu e meneou a cabeça.

— Cunhado, os tempos estão mudando. Você pode abrir mais o seu leque. Investir em diversidade. E se aprofundar mais nessas novidades dos navios de ferro.

— Isso não é assunto para mim. Não estou interessado. — O outro foi seco. Então se aproximou e colocou a mão no ombro de Benedict. — Para quem não está disposto a trabalhar, você parece bem interessado no assunto.

— Não estou interessado! — Benedict bufou. — Apenas conversando sobre o assunto.

— Pois devia pensar em investir. Esse é um mercado em ascensão em todo o mundo. E uma mina de dinheiro. Venha. Vou te apresentar meu gerente.

Quando a carruagem parou, Claire já estava tonta, por tudo o que havia visto pelo caminho. Estavam agora na principal avenida comercial de Bristol, a Corn Street. Segundo a viscondessa, essa era uma das ruas mais antigas de Bristol e desempenhava um papel importante no comércio e na vida da cidade. Ela era conhecida por seus edifícios históricos e arquitetura distintiva.

A Corn Street era o lar de muitas lojas, bancos, casas comerciais, e estava no centro das atividades comerciais e financeiras da cidade. Lojas de roupas, lojas de departamentos, escritórios de advocacia e outras empresas estavam situados ao longo desta rua movimentada.

Claire desembarcou e ficou olhando à volta, tentando assimilar tudo. Era muita informação ao mesmo tempo. As pessoas iam e vinham, com seus trajes elegantes. As mulheres usavam enormes chapéus, um mais lindo que o outro. Os vestidos... ah, os vestidos! Ela ficou fascinada com tanta beleza que nem notou que era o centro das atenções, por suas vestes.

— Meu Deus! Faz tanto tempo que não me vejo no meio de tanta gente! — ela disse, ainda meio tonta.

Phillipa enlaçou seu braço e a fez começar a andar.

— Logo você se acostumará. Primeiro, vamos à modista. Cuidaremos do seu guarda-roupa. Depois vamos a uma loja de departamentos e cuidar do resto.

— Resto?

— Sim. Roupas de baixo, sapatos, fitas, luvas.

— Posso ter um chapéu?

— Mas é claro, minha linda! — Ela tocou no seu, adornado de penas e delicadas rosas. — Tão lindos quanto o meu!

Os olhos de Claire brilharam. Quando criança, sonhava com isso, passear com sua mãe pelo centro e fazer compras. Mas não houve tempo para isso.

Claire se sentiu ansiosa e, ao mesmo tempo, encantada ao lado de sua tutora, da viscondessa. Enquanto caminhavam pelas movimentadas ruas de Bristol no início da tarde de 1862. Era a primeira vez que ela, de fato, passeava, desde que deixara os muros do convento. O sol do verão iluminava as ruas de paralelepípedos e refletia nos elegantes vestidos das damas que passavam.

A viscondessa, uma mulher que aparentava ter seus vinte e oito anos, com modos refinados, parecia determinada a proporcionar a Claire uma experiência memorável na cidade. A jovem, com vestes simples e cabelos recatadamente escondidos sob o véu do hábito, sentia-se um pouco insegura e nervosa em meio ao agito da cidade.

Elas logo chegaram a uma charmosa boutique de moda, com uma placa dourada que indicava "Madame Claudette - Alta Costura". O som suave de um sininho anunciou a chegada delas ao entrarem.

O interior da loja era um mundo de cores e tecidos deslumbrantes. Vestidos de veludo, seda e renda pendiam elegantemente nas araras, criando uma paleta de tons ricos e texturas luxuosas. Claire admirou as criações da moda com olhos brilhantes, seu coração batendo mais rápido com a empolgação.

— Madame Claudette, é uma talentosa modista parisiense, dona da loja — explicava Phillipa, quando a mulher se aproximava.

Com um sotaque francês encantador, ela cumprimentou a viscondessa calorosamente, e com curiosidade, examinou Claire com um olhar experiente.

— Ah, uma jovem dama em busca de sua primeira incursão na moda! — se ela estranhou o traje de Claire, disfarçou muito bem. — Que prazer recebê-las em minha loja. Como está,

viscondessa?

— Oh, muito bem, senhorita Claudette! Vim trazer minha pupila para refazer seu guarda-roupa!

— Será um prazer ajudá-las!

Madame Claudette, com sua habilidade e conhecimento, começou a apresentar opções de tecidos, cores e estilos que poderiam realçar a beleza de Claire.

Quando Claire tirou seu véu, houve exclamações baixinhas e burburinho das demais meninas que trabalhavam por ali. Claire ficou momentaneamente deslocada, baixou a cabeça e mordeu o lábio.

— Meu Deus! — A costureira tocava seus cabelos com admiração. — Eu nunca vi cabelos mais lindos!

— Claire, como pôde esconder essa beleza toda? — Phillipa se aproximava.

— As senhoras podem ser sinceras — a jovem começou, baixinho. — Sei que meu cabelo é inapropriado para os padrões da Inglaterra.

— Quem lhe disse isso? — Phillipa tocou seu braço.

— Meu irmão.

— Bom. Vê-se que ele não entende de moda. — Madame Claudette ria. — Com essa sua beleza, esse seu rosto de anjo. — Ela tocava seu queixo. — Os homens farão filas aos seus pés e as outras mulheres morrerão de inveja!

Sentindo sinceridade nas palavras das mulheres, ela se soltou um pouco.

Logo experimentava diferentes vestidos e ouvia os conselhos experientes da modista. Claire começou a se transformar diante do espelho. Ela viu a mulher jovem e confiante que estava emergindo sob o tecido luxuoso. Viu sua mãe no reflexo. E agora tinha noção do quanto eram realmente parecidas.

Madame Claudette escolheu vestidos de verão, em tons pastéis, que, segundo ela, eram tendência no mundo todo. Uma palheta que ia do verde-pistache, azul-céu, lilás, rosa-pálido, creme, marfim ao bege. Phillipa fez questão que levasse um vestido de cada cor e mais um preto e outro azul-marinho que eram trajes de noite.

— Senhora, eu não vou precisar de tudo isso! — ela dizia baixinho ao ouvido da viscondessa, quando Madame Claudette foi pedir às suas meninas que embalassem tudo para a entrega.

— Uma mulher precisa e nunca tem vestidos demais, minha querida. E essa foi a lição número um!

As duas riram e foram olhar novamente para o reflexo de Claire, que vestia um lindo e romântico vestido rosa-pálido na frente do espelho.

— Você está simplesmente linda, Claire!

A jovem alisou o tecido luxuoso e suspirou.

— É a primeira vez na vida que me sinto assim. Uma garota de verdade.

— Você ainda cogita usar isso aqui? — Madame Claudette lhe trazia seu antigo hábito.

Claire pegou as peças e as alisou. Então, ergueu seu queixo com decisão.

— A senhorita tem uma lixeira aqui?

A mulher apontou e ela foi até lá. Jogou todo o traje na lata. Era o fechamento de um ciclo.

Phillipa bateu palmas, animada.

— Agora vamos ao resto das compras!

Benedict voltou à mansão, deixando Henry para trás. Conheceu o gerente do estaleiro,

Thomas White. Ele lhe deu uma aula básica sobre os assuntos que teria de vistoriar. Esperava não ter de se aprofundar muito nisso tudo.

Como não tivera tempo para almoçar, estava faminto. Encontrou Phillipa subindo as escadas.

— Irmã, não quer me acompanhar num café da tarde?

— Estou exausta, Benedict! Andamos muito essa tarde! Mas, a senhorita McKenzie está no jardim, tomando um chá.

Ele dedilhou o corrimão, disfarçando seu interesse.

— Mesmo?

— Talvez ela possa apreciar sua companhia... mas, se comporte! — ela pediu, antes de terminar de subir os degraus.

Um sorriso de canto de lábios brotou na face de Benedict, pouco antes de girar em seu eixo e rumar para o jardim.

Rodeou a casa a passos apressados. Tinha de admitir. Estava ansioso para ver a linda noviça. E louco para repetir aquele beijo. Ele, com certeza, não se importaria em ser atacado novamente por ela.

Enquanto caminhava, ajeitou as mangas da camisa sob o casaco, correu as mãos nos cabelos, tentando ajeitar a bagunça que a cavalgada havia feito, então estacou.

A noviça não estava no jardim. No lugar dela, uma garota de longos e revoltos cabelos vermelhos que reluziam ao sol, estava sentada de costas para ele. Ela vestia um lindo vestido rosa, deixando sua pele ainda mais clara.

Benedict franziu o cenho e olhou à volta. O que aquela jovem fazia ali, sozinha? Onde estaria a senhorita Mckenzie?

Então uma suspeita cruzou sua mente. Não poderia ser.

Em suspense, caminhou a passos indecisos, até estar em frente à mesa onde a jovem tomava um chá.

Então ela levantou seus olhos azuis como o céu daquela tarde. A respiração de Benedict falhou.

— Por Deus! — falou, a voz mal saindo. — Você é uma visão feita para me perturbar?

CAPÍTULO SEIS

Claire encarou o homem recém-chegado. Ele tinha os seus olhos vidrados nela, como que em transe.

— Do que está falando, milorde?

— Que Deus só pode estar querendo me castigar, colocando uma mulher como você no meu caminho!

A jovem corou. Como ela suspeitava, a cor de seus cabelos o havia deixado chocado. E, com certeza, essa seria a reação dos demais homens se um dia ela debutasse. Não teria a menor chance...

— Como Ele pode criar uma mulher tão linda e tão proibida para mim?

Claire não conseguiu esconder o sorriso e abaixou sua cabeça, um tanto encabulada.

— Parece que o milorde ao menos sabe elogiar uma mulher.

— Mas eu não entendo! — Ele se sentou abruptamente. — Onde está o seu hábito?

— No lixo.

— Você não é mais uma noviça?

— Eu nunca quis isso. Só estava naquele convento por causa do meu irmão.

— Quem é seu irmão?

Claire mordeu o lábio, incerta se deveria falar.

— Vou lhe dizer, mas prometa que não dirá à senhora!

Benedict ergueu as sobrancelhas.

— Por que o segredo?

— Porque talvez ela não me aceite em sua casa, sabendo de quem sou irmã.

Aquela resposta não matou a curiosidade dele. Apenas a aguçou mais, mas precisava de respostas.

— Certo. Não direi nada a Phillipa.

— Sou irmã de Killian — confidenciou, baixinho.

A cabeça dele fervilhou com mil outras perguntas. E ela as faria num outro momento.

— O senhor conhece meu irmão, certo? — a pergunta veio acusativamente.

Benedict limpou a garganta e recostou-se na cadeira, ficando, talvez pela primeira vez na vida, um tanto desconcertado frente a uma mulher.

— Sim, sim. A senhorita sabe que sim...

— Sim, eu sei! — o tom dela era de censura.

— Então era por isso que estava naquele lugar?

— Isso mesmo. Eu havia fugido do convento.

Benedict deixou uma sonora gargalhada escapar, jogando a cabeça para trás e Claire sentiu uma pressão estranha no baixo ventre.

— Aparentemente, além de petulante, também é aventureira!

— Eu não sou petulante! — Ela ergueu seu lindo narizinho, torcendo os lábios.

— Tem certeza?

— Bom... talvez eu seja um pouco.

— Agora pode me explicar de uma vez como foi parar no meu quarto?
— Quando Killian descobriu que eu estava lá, ordenou a seus homens que me levassem de volta ao convento. Corri e entrei na primeira porta que vi.
— Que, para sua sorte, era a minha!
— Por que para minha sorte?
— Sabe-se lá o que teriam feito com você, se encontrasse um pervertido!
Foi a vez de ela rir.
— Está querendo dizer com isso que o milorde não é pervertido?
Benedict deu aquele sorriso de lado, que fazia o estômago dela se contrair.
— Sim, eu sou. Mas também sei ser respeitoso!
— Sabe? — Claire se curvou sobre a mesa, para ficar mais próxima dele. — O senhor me agarrou! E me beijou à força!
— Não! — O homem levantava um dedo em riste. — Eu não a beijei à força! Eu só... a beijei. — Deu de ombros.
— E me agarrou! — reforçava ela.
— Porém, a soltei logo! — pontuava.
— Sim, porque eu lhe dei um chute... lá... — a jovem corava, ao se lembrar das partes baixas dele.
— Por Cristo, não me lembre disso! — O lorde fazia uma careta. — Talvez eu nem possa ter filhos com o seu golpe!
Claire tornou a rir e baixou a cabeça. Ela duvidava que havia lhe causado danos. Afinal, *ele* pareceu funcionar muito bem depois.
Benedict a encarou, cruzando as longas pernas.
— Então você não é mais uma novilha — constatava. — Justo agora que eu estava tendo sonhos bem interessantes...
— Milorde! — Claire se colocou de pé. — O senhor não devia estar me dizendo essas coisas!
— Por que não? — Ele também se levantou, olhando-a de cima. — Ainda mais depois que a senhorita me beijou.
Uma exclamação de surpresa escapou dos lábios dela e ela começou a se afastar a passos largos. Mas era lógico que o devasso iria lembrá-la daquilo!
Ela teve de parar abruptamente, quando ele simplesmente surgiu à sua frente, interpelando seu caminho.
— Aonde vai com tanta pressa?
— Me afastar do senhor, o mais rápido possível.
— Por quê? Por que eu disse que a senhorita me...
Claire saltou sobre ele e tapou sua boca. Arrependeu-se no segundo seguinte. Acabou aprisionada nos seus braços, seus seios esmagados contra o peito rijo. Seus olhos se encontraram e ficaram presos. Os dele adquirindo um tom de verde ainda mais escuro.
— Você tem ideia do quão exótica você é? — a voz dele soava como seda.
— Eu... eu não entendo.
— Seus cabelos. Vermelhos. E seus olhos. Azuis. Ruivas normalmente costumam ter olhos verdes.
— Si-sim. Eu sei. Me chamavam de esquisita, na colônia onde eu vivia...
— Ah, doce senhorita! — Ele correu a mão pela face dela. — Esquisita é tudo o que você não é. Você é uma visão, de tão linda! — Ele a estreitou mais em seus braços e deslizou um

polegar pelos lábios dela.

A respiração de Claire ficou ofegante, a garganta seca.

— Milorde... é melhor me soltar... — sua voz era somente um fio.

— Não até que fiquemos quites.

— Quitos?

— Você me beijou. Agora serei eu a te beijar...

— O senhor já me beijou antes...

— Vamos fingir que esse beijo nunca aconteceu — falou rápido e, puxando-a pela cintura, levou-a para trás de alguns arbustos, longe de possíveis olhares curiosos. — Eu pensava que você era outra pessoa. — Ele a encostou numa parede de pedras, sua mão ainda a lhe envolver a cintura e a outra espalmada ao lado da cabeça dela. — Então, as intenções por trás daquele beijo eram bem sujas.

— E agora não são? — ela ousou perguntar.

O sorriso largo, desavergonhado e, ao mesmo tempo, culpado pode ser visto na em sua face, antes que baixasse o rosto.

— Acho que fui pego no flagra. A situação é que, agora, sei que você não é uma das garotas daquele lugar.

— E no que isso muda? Milorde vai me tratar diferente do que se fosse uma das meninas daquele lugar? — o tom dela carregava uma ponta de acusação agora.

— Diferente?

— Sim. No meu curto espaço de tempo naquela casa, eu vi como os homens tratam as mulheres e não foi nada bonito. — Claire baixou sua cabeça ao se recordar do que viu. Humilhação era pouco para o que testemunhou.

Benedict segurou o queixo dela e o ergueu, fazendo-a encará-lo novamente.

— Uma coisa sobre mim, senhorita. Eu não trato mal uma mulher. Eu as venero! Principalmente com meu corpo — acrescentou baixinho.

Claire entendeu o que ele quis. Recordou-se dele... *adorando* aquela mulher, no quarto ao lado do seu. Sentiu-se subitamente acalorada e um formigamento se espalhou por suas entranhas.

— Se vamos fazer isso. — Ela estranhou como sua voz soou rouca e falha, enquanto colocava suas mãos sobre o peito dele e levantava seus olhos para ele. — Então me ensine como agir.

Benedict franziu o cenho, quando sentiu sua respiração ficar suspensa. O jeito que ela o fitava... foi como levar um soco no estômago. Nunca uma mulher o encarara daquela forma. Tão inocentemente, mas, ao mesmo tempo, tão sensualmente. Seu olhar era lânguido, sob os cílios espessos e ele achava que ela nem sabia o que estava fazendo.

De repente, sentiu uma tempestade de emoções conflitantes dentro de si quando a realidade de sua situação se tornou aparente. Quando o chamavam de devasso, não contestava. Era mesmo. E até se orgulhava do fato. Porém, Claire era uma alma inocente, saindo de uma vida devota como noviça. O beijo que compartilharam no bordel agora lhe parecia uma ofensa grave, uma cruzada contra a virtude dela. Ele não tinha o direito de ter feito isso.

Agora, doçura e a sinceridade dela o atraíram como um ímã, fazendo-o questionar as escolhas que o haviam levado a uma vida de excessos e indulgências.

— Milorde... — a voz um tanto sem jeito dela interrompeu seus pensamentos. — Desistiu de me beijar?

— O quê? Não! — Ele pegou as mãos dela e as voltou para seu peito, depois que ela as

baixou, parecendo insegura. — Só tive um momento de decência, mas já passou.

Claire riu e pareceu relaxar novamente nos braços dele.

— Com o perdão, milorde, mas o senhor é um homem bem estranho.

— Você não faz ideia!

— Milorde vai me ensinar a beijá-lo?

— Senhorita, eu tive mulheres me pedindo muitas coisas. A maioria bem imorais, pervertidas. Mas nenhuma delas deixou minha nuca arrepiada como agora, com seu inocente pedido.

— Isso é bom?

Benedict fez uma careta.

— Para dizer a verdade, eu ainda não sei. Não estou acostumado com isso. Mas... — ele pegou os pulsos dela e levou seus braços para lhe enlaçar o pescoço. — Quanto ao beijo, apenas imite o que eu fizer.

— Certo.

Benedict começou apenas dando um beijo quase casto, encostando seus lábios nos dela. E ela o copiou. Então provou seu inferior e em seguida o superior, que Claire novamente copiou.

— Acho que já está pronta para se aprofundar mais. — A voz dele era rouca nesse momento, seus olhos vidrados na boca rósea. — Deixe-me chupar a sua língua.

Claire fez uma careta.

— E eu vou gostar disso?

— Me diga depois — sugeria, inclinando a cabeça de lado e abaixando-a.

Ela deixou que ele a sugasse. Um arrepio lhe percorreu toda a espinha e ela ficou nas pontas dos pés, permitindo ao milorde mais acesso. Sim, gostava daquilo. Quando chegou sua vez de fazê-lo, ouviu um gemido abafado que veio do fundo da garganta dele sendo estreitada nos braços fortes.

Em seguida, os dois estavam ofegantes, numa dança sensual, cada um lutando por provar mais do outro.

— O que você está fazendo comigo, pequena bruxinha? — Benedict murmurou, mordendo o pescoço dela, seu lóbulo, enquanto agora era Claire quem gemia baixinho.

Arqueando a cabeça para trás, a fim de permitir mais acesso a ele, a jovem se agarrava ao casaco dele, sentindo as pernas bambas, algo como borboletas no estômago e sua pele estava sensível e eriçada.

— Milorde... — balbuciou quando o sentiu em seu colo, muito próximo de seus seios.

Sabia que deveria pará-lo, mas não tinha forças para aquilo. As sensações em seu corpo eram tão boas! Nunca se sentira tão viva! Tão consciente de seu corpo. Entre suas coxas, um formigamento, o que estava se tornando frequente, toda vez que estava perto do milorde ou mesmo pensava nele.

Sentia que algo estava prestes a acontecer, mesmo sem saber bem o que era.

No entanto, entorpecida e cambaleante, foi como ficou, quando Benedict a soltou de repente, se afastando dela abruptamente.

Eles se encararam extremamente ofegantes, o milorde a olhando como se visse um fantasma.

— Eu... eu... — Claire começou, assustada. — Fiz algo errado?

— Não! — Benedict disse de supetão, correndo uma das mãos pela nuca. — É só que... é que... — o homem engoliu em seco, não a encarando mais. — Preciso ir. — E partiu a passos duros, deixando-a atordoada.

CAPÍTULO SETE

Havia coisas que Benedict St. John não podia controlar. Uma delas era seu corpo, o qual estava completamente duro em certas partes, e o extremo calor que se apoderava de cada centímetro de sua pele, fazendo-o despir o casaco, jogando-o no chão, desfazer o nó de sua gravata e desabotoar o colarinho, que parecia sufocá-lo. Ele não era tolo, sabia que estava muito atraído pela jovem de pele imaculada, lábios doces e olhos como o oceano. Tanto que ela havia ocupado um lugar que antes era de Catherine. Mas, o lorde também era consciente de que não deveria mais se aproximar dela. Embora não passasse de um perverso, não tinha por costume desvirginar moças inocentes. E não era como se Benedict estivesse exatamente em uma crise de razão naquele momento, mas ele precisava fazer o correto; deveria se afastar de Claire. Era ao menos o que sua mente mandava, embora outra parte de seu corpo relutasse quanto a isso.

Benedict teve uma criação interessante desde muito jovem. Ele era o segundo irmão, e sempre acompanhou a masculinidade de Sebastian. E, precisava confessar que almejava em algum momento ser igual a ele. Seu pai dizia que um homem não deveria agir com o coração, e sim com a razão. Então, como por Deus, Benedict iria agir de outra maneira quando se tratava de Claire?

Por mais que seu corpo a desejasse, por mais que ele quisesse irromper até o quarto dela e tomá-la a beijos, não podia. E não era porque ela não o desejava. A atração mútua estava bem clara. Era, sim, porque sua maldita consciência, que escolhera justamente aquele momento para surgir, não permitia. E ele não chegava nem perto de ser um homem digno, mas também não concordava que o certo era desonrar e colocar Claire em uma situação comprometedora, quando ele mesmo não passava de um qualquer.

Suspirou, enquanto fazia algumas anotações em seu quarto. Precisava se distrair, e liberar toda aquela energia acumulada em seu corpo, e não, ele não procuraria uma prostituta ali em Bristol. Simplesmente se negava a chegar a tal ponto.

Algo havia despertado o interesse de Benedict desde que chegara ali, além de Claire, é claro. Os navios. Henry viajara, e seria um bom momento para pesquisar mais sobre a produção marítima. Seria bom ter algo em que ocupar a mente e cansar seu corpo.

Havia comprado alguns livros com publicações recentes sobre o tema naquela manhã, e passou a hora seguinte lendo sobre. Por mais que precisasse reler o mesmo trecho repetidas vezes, pois a sombra de uma bela mulher permeava sua mente.

Resignado, Benedict fechou o livro, pegou sua cartola e decidiu voltar ao até o estaleiro. Não encontrou Claire pela casa quando saiu, e achou melhor, tamanha confusão sentia dentro de si.

Estava um belo dia de sol, e o lorde optou por caminhar ao ar livre, enquanto apreciava a bela vista das jovens solteiras passeando nas ruas da cidade. Cumprimentou algumas com um sorriso e um toque leve na cartola, pois ainda era um libertino, e dos piores. Resolveu que aproveitaria o ar de uma nova cidade em seu cotidiano. Ele era tão acostumado à confusão de Londres, que a sensação de morar na nova cidade era a mesma de beber um refresco no calor. Bristol o havia presenteado com novidades doces e quentes, com uma promessa de prazeres inimagináveis.

Bufou, zangado consigo mesmo, com tal pensamento.

Contornou a ferraria antes de chegar ao estaleiro e percebeu Thomas ali perto, então acenou chamando sua atenção. O homem o viu e se aproximou rapidamente.

— Lorde St. John, é bom vê-lo novamente. Henry não está aqui, ele viajou — ele explicou, ao mesmo tempo que bloqueava o sol escaldante com a mão, o rosto com gotículas de suor acumuladas.

— Sim, sim. Eu sei. Estou aqui porque... — pensou um momento, depois fez um movimento de ombros. — Quero trabalhar. Andei pesquisando um pouco, mas quero que me ensine tudo sobre navios, Thomas. Cada detalhe que eu precise saber para ajudar neste negócio.

O homem sorriu, alisou a barba e assentiu.

— Vamos começar com o projeto. Me acompanhe. — Thomas o levou até uma pequena casa na lateral do estaleiro, antiga e mal-acabada, escura e insalubre, onde provavelmente ficavam os trabalhadores. Numa mesa pequena, o homem desenrolou uma folha de papel grande com o que deveria ser o desenho da estrutura do navio. — Este é o projeto do SS Aurora, o navio a vapor que estamos construindo agora. Veja os detalhes, tudo é planejado para funcionar perfeitamente, e para nenhum erro acontecer.

Benedict tinha os olhos fixos no papel, e estava maravilhado com tanta informação, enquanto acompanhava com muita concentração o que lhe era explicado.

— É um projeto bem ambicioso — atentou-se o lorde, admirado. — Henry costuma desenhar estes projetos?

— Na verdade, eu os faço — o homem comentou orgulhoso. — Trabalho nisso há décadas, então sei cada pequena parte do navio. Gostaria de aprender também?

— Vou aceitar a ajuda. Na minha visão, Henry tem uma mina de ouro em mãos, mas convenhamos, o homem é teimoso quanto a modernidade. — Benedict deu um sorriso de escárnio. Seus olhos se voltaram a uma parte específica do projeto. — O que é isso aqui?

— A caldeira do navio. É aqui que tudo acontece. A água é aquecida para produzir vapor, gerando alta pressão, e alimentando os motores. — Thomas franziu a testa, um pouco tenso. — Trabalhei por algum tempo alimentando a caldeira.

— Parece perigoso. — Benedict disse o encarando.

— Muitos já morreram fazendo esse trabalho. Mas alguém precisa fazê-lo, certo?

Olhando ao redor, havia camas em completo estado de podridão, dispostas no cômodo, de onde exalava um mau cheiro, e isso o incomodou.

— Os trabalhadores ficam aqui? Eles não têm família? — questionou, caminhando para fora.

— A maioria são de longe, deixam suas famílias para conseguirem um sustento digno para eles — o homem respondeu, parecendo não ter conhecimento da gravidade da situação ali.

Mas Benedict tinha essa noção. Aqueles homens não podiam viver daquela maneira completamente imprópria. Será que seu cunhado havia sido tão desleixado quanto a isso que nem mesmo chegou a pensar que estava tornando a vida daqueles pobres trabalhadores completamente irregular?

— Os navios são encomendados, ou serão vendidos após estarem prontos? — perguntou, querendo mudar de assunto, embora com certeza fosse falar com Henry sobre aquilo.

— A maioria são vendidos no projeto. O comprador especifica como quer, quantas acomodações, o tamanho, o espaço disponível no convés...

— E quanto tempo levam para serem construídos?

Thomas apontou para o grande navio mais adiante.

— Este estará pronto em quatorze meses. Um comerciante que importa especiarias o encomendou. Será um dos maiores que já construímos. Um projeto audacioso, confesso.

Benedict olhou a hora no relógio que levava no bolso e concluiu que já era hora de ir para casa. Passara algumas horas no estaleiro, e havia visto muitas coisas, muitas a pensar. Agradeceu a Thomas e voltou para casa com pressa, e ele sabia por quê. O motivo era sua tola ansiedade em ver Claire. Sim, sabia que era para ela que estava indo.

Mas, quando chegou na casa da irmã, não a viu. Phillipa estava tomando chá na sala principal e sorriu ao vê-lo.

— Passou a tarde fora, irmão. Sente-se comigo — ela disse docemente.

Benedict deixou a cartola ao lado e sentou-se no mesmo sofá que a irmã. Tentou respirar fundo e esperar que o rubor em seu rosto passasse logo, mas como sentia a garganta seca, foi até as bebidas no canto e serviu-se de conhaque.

O líquido não matava a sede, mas aliviava a tensão. Bastava.

— Aconteceu algo, Bene?

Ele encarou a irmã.

— Não, estou apenas cansado de trabalhar tanto, algo que não estou habituado, você sabe — ele respondeu indo até ela, acariciando seu ombro, em um raro gesto de carinho.

Phillipa riu com vontade.

— Sim. Sei e estranhei essa novidade.

— Que seja. — Benedict fez um gesto de pouco caso com a mão. — A normalidade me incomoda, Phillipa, não sei como pode passar os dias trancada nessa casa.

A viscondessa bebeu o chá e deixou a xícara na mesa ao lado.

— O que uma mulher como eu pode fazer além de cuidar da casa e do marido? Não tenho filhos e...

— Onde está a *freirinha*? — interrompeu ele de propósito, sabendo como aquele assunto causava desconforto na irmã.

— A senhorita Mckenzie está no quarto dela. Passou o dia indisposta, pobrezinha. E ela não é freira, Benedict. Lembre-se disso — Phillipa corrigiu, e recebeu um sorriso do irmão. — Por falar nisso, como você e ela tem se dado?

Benedict torceu os lábios e cruzou as longas pernas, como se estivesse se preparando para dizer a verdade do século.

— Na verdade, não estamos. — Vendo a confusão nos olhos dela, continuou. — A senhorita McKenzie é tão interessante quanto tomar uma sopa de nabos — mentiu, descaradamente. Tudo o que não desejava, naquele momento, era encher a cabeça casamenteira de sua irmã com ideias.

— Ora, não diga isso da jovem! A menina é uma joia! E verá com seus próprios olhos como essa jovem brilhará diante de toda sociedade — Phillipa rebateu.

Ele sorriu fracamente.

— Tudo bem, eu exagerei. Ela é uma moça muito... — o que deveria dizer para não revelar o suficiente do que sentia por nela? — Instigante, eu diria.

A mulher o estreitou com os olhos astutos.

— Benedict St. John, eu não preciso dar um sermão quanto ao fato de que está estritamente proibido de avançar qualquer passo na direção desta moça, preciso? — ameaçou, deixando uma tensão no ar.

— Sabe que não me sinto motivado por esse tipo de mulher... Gosto das mulheres que... — fazia um gesto com as mãos, como se desenhando o corpo de uma mulher no ar. — Bem...

Não preciso dizer, você sabe bem, Phillipa... — Ele sorria de canto de lábios, provocativamente. Gostava de perturbar a irmã.

— Sim, sim, eu sei — ela o cortou, envergonhada, com uma das mãos sobre o rosto. — Não precisa se estender nas explicações. Fico aliviada ao ouvir isso. Me perdoe, Bene, mas preciso ser franca. Não sei o que poderia acontecer se a senhorita Mckenzie se interessasse por você. Ela é inocente, doce e ingênua, e não sabe nada do mundo...

Benedict precisou esforçar-se muito para não rir. Se a irmã apenas imaginasse como a jovem o tinha beijado, como era voluptuosa em seus braços, e como seu corpo correspondia ao dele... Que Deus poderoso o perdoasse!

— De fato, entendo sua preocupação, irmã. Em seu lugar eu teria os mesmos pensamentos. Bem. — O lorde se colocou de pé, batendo na roupa que carregava pó do estaleiro. — Vou para meus aposentos. Nos vemos no jantar.

— Descanse um pouco, irmão.

Ele precisava mesmo e, pela primeira vez na vida, era por trabalhar. De alguma forma, sentia uma ponta de satisfação nisso.

Meia hora depois, Benedict estava de banho tomado, roupa limpa e deitado em sua cama, enquanto fitava o teto e pensava. Pensar era o que ele mais havia feito nos últimos tempos. Antes, seu pensamento fluía fácil para sua agora cunhada. Mas, as coisas haviam mudado numa rapidez que ele não estava conseguindo acompanhar. Por anos nunca se interessara amorosamente por nenhuma mulher em específico. Até surgir a senhorita Clarke na vida de seu irmão e dele. E o lorde teria mudado completamente sua vida por ela. Desafortunadamente, Benedict não fora a escolha da jovem. Ela era completa e irremediavelmente apaixonada por seu irmão. No entanto, numa virada do destino que ainda o deixava tonto, agora se encontrava com os pensamentos envoltos em outra mulher a quem não deveria desejar. Naquele instante, ele pensava que a senhorita Mckenzie estava do outro lado da parede, há poucos metros de distância dele. Engoliu em seco, considerando que ela deveria estar deitada, ou talvez se banhando...

Sentou-se na cama, sentindo um calor absurdo, e sabia bem que não se devia ao verão. Ele queimava de desejo pela ex-noviça. Tanto que seu ar lhe faltava.

Benedict olhou para cima, para o céu.

— O senhor está querendo me punir, certo? Tudo bem! Eu já entendi isso! E admito que mereço. Só tenha misericórdia...

Quando desceu para o jantar, encontrou Phillipa e a senhorita Mckenzie conversando em volta da mesa. Ele imediatamente estacou e seus olhos focaram na ruiva. Mas ela desviou o olhar. Voltando a se aproximar, cumprimentou as duas, porém, somente a irmã respondeu.

Franziu o cenho, enquanto se acomodava. O que acontecera?

— O prato principal é pato assado — Phillipa disse quando os criados começaram a servir.

— Está se sentindo melhor, senhorita? — ele arriscou perguntar, muito embora estivesse claro que ela o evitava. — Minha irmã disse que estava indisposta.

— Sim, milorde — foi a resposta seca, sem mesmo um olhar em sua direção. Já estou melhor. Obrigada por perguntar. — Por um momento ela encarou Benedict, mas muito brevemente. Foi breve, no entanto, ele notou o quanto esse olhar foi gélido.

O lorde não entendia, e pensava, enquanto ajeitava o guardanapo sobre o colo. Por que ela não lhe dirigia as palavras? Por que o tratava com tanta indiferença? Estaria brava com o breve interlúdio deles mais cedo? Haveria ele passado dos limites? Mas tudo parecia consensual no momento. A senhorita até mesmo parecia esperar por mais...

Benedict comeu em silêncio, mas tudo que queria era ter um momento em particular com a moça. E, na verdade, nem sabia se deveria procurá-la, ou se deveria seguir como se nunca tivessem se envolvido.

Depois do jantar, a jovem se despediu e rumou rapidamente para seu quarto. Ela parecia querer evitar um embate, mas Benedict a seguiu, apenas para segurá-la pelo braço no corredor.

— Senhorita Mckenzie, o que houve? Por que está me evitando dessa forma?

Ela se esquivou abruptamente.

— Deixe-me, milorde. Esqueceu-se de que pareço com sopa de nabos? — acusou, os olhos azuis inflamados.

Benedict fechou os olhos e baixou sua cabeça.

— Ouviu o que eu disse — constatou. — Por acaso estava por aí ouvindo a conversa dos outros? — perguntou, apenas para ganhar tempo.

A moça empinou o nariz, decidida a não cair na armadilha dele.

— Não interessa a circunstância. Apenas que ouvi. — Seu olhar ficou triste. — Não imaginei que me considerasse tão pouco... então me lembro de que se trata de um... — ela se interrompeu.

— De um? Vamos, seja corajosa, senhorita. Diga-me o que pensa sobre mim.

— O senhor não passa de um devasso pervertido — ela soltou.

Sim, ele era tudo aquilo. A senhorita Mckenzie não estava mentindo. Entretanto, de alguma forma, ouvir aquelas palavras dos lábios dela o feriam.

Benedict ajeitou sua postura, ficando ereto, cruzando as mãos atrás de suas costas e a olhou do alto.

— Sim. A senhorita está certa. Sou tudo isso. — Em seguida se curvou para ficar com o rosto bem próximo ao dela. — E é por isso que é melhor se manter afastada de mim, se não quiser que eu a arruíne. — Os olhos dele passearam pelo rosto bem feito, a boca que se abriu de espanto... — E você sequer faz meu tipo — mentiu.

E teve de se afastar, indo para seu quarto e batendo a porta, caso contrário, a tomaria nos braços novamente e que Deus o perdoasse. Sabia que a carregaria para cama mais próxima.

CAPÍTULO OITO

O lorde não era dado a explosões. No entanto, no momento, queria muito poder quebrar algo naquele quarto. Odiava sentir-se tão fora de seu controle. E odiava ainda mais o tipo de sentimento que o dominava naquele instante. Um misto de desejo, raiva e frustração.

Jogando o casaco no chão, riu alto e com escárnio. Sim, os céus queriam puni-lo. Desejando mulheres que não eram para ele. Estava tão bem, quando as meretrizes lhe eram o suficiente!

Agora havia aquela... linda, delicada e doce criatura a poucos metros dele, da qual ansiava descobrir todos os segredos de seu corpo suave e sensual. Tão perto e tão fora de seu alcance!

Se ele se atrevesse a fazer algo imoral com a pupila de Phillipa, essa nunca o perdoaria. Bom. Para dizer a verdade, ele mesmo não se perdoaria. A senhorita Claire Mckenzie não era como as outras mulheres com as quais estava acostumado. Isso era claro. Para o bem dela e para a sanidade dele, se manteria afastado. Muito embora não fosse isso que seu corpo desejasse.

Na manhã seguinte, quando desceu para o café, sua irmã e a senhorita Mckenzie já estavam à mesa, disposta no jardim. Ele havia dormido pouco, apesar do cansaço. Ficara se revirando sob os lençóis, seu corpo inquieto, desesperado por uma libertação. Que ele não conseguiu. No pouco que dormiu, sonhou com lábios róseos sussurrando seu nome, como um pedido, como um chamado. Dessa forma, antes mesmo que amanhecesse, levantou-se da cama e foi estudar alguns papéis que Thomas lhe havia entregado e tentou se concentrar neles até que resolveu deixar o quarto.

Nessa manhã, a doce ex-noviça tinha os cabelos presos no alto da cabeça, deixando sua nuca exposta. O lorde praguejou baixinho. Até aquela parte da moça o deixava atizado. Soltou um pesado suspiro, fechou a cara e se aproximou com passos decididos.

— Bom dia, belas damas — balbuciou, pegando uma xícara e servindo-se de café, sem, no entanto, se sentar.

Sentiu os olhos ansiosos da senhorita Mckenzie sobre ele, mas ignorou.

— Bom dia, meu irmão! — Phillipa lhe sorriu animada. — Não vai se sentar conosco?

— Eu adoraria, mas tenho umas coisas para fazer.

— Vivi para ver Benedict St. John pulando cedo da cama para, vejam só vocês: trabalhar! Acho que Henry viu algo em você, quando o chamou para ajudá-lo.

— Que seja... — o irmão murmurou, ajeitando a manga da camisa sob o casaco.

— Nós também teremos o dia cheio! — a viscondessa prosseguia. — Vou começar as aulas da senhorita Mckenzie! Fiz anotações e...

Phillipa seguia falando, mas a atenção de Benedict estava em outro lugar. Por sua visão periférica, podia vislumbrar o olhar atento da ruivinha sobre si. Desejava encará-la, dirigir-lhe um sorriso e dizer como estava encantadora naquela manhã, vestindo azul que deixava seu colo aparente... Por Deus, estava tão linda, que ele deveria se sentir abençoado, somente por poder olhar para ela.

— ... e ela será a jovem mais educada, delicada, encantadora e a sensação da próxima temporada! — concluía sua irmã, com um largo sorriso. — Você não acha, Bene?

— Oh, com certeza! — disse simplesmente.

— E, dessa forma, a senhorita Mckenzie fará um excelente casamento! Não descansarei até que isso aconteça!

— Eu não duvido da sua capacidade, minha irmã. — Voltou-se então para a jovem e notou que essa pareceu prender o ar. — Tenho certeza de que ela conseguirá um pretendente à sua altura. — Rapidamente desviou seu olhar, caso contrário, entregaria o que realmente ia dentro de seu interior. — Agora, se as belas damas me derem licença, preciso ir. — Começou a se afastar a passos rápidos.

— Você vem para almoçar conosco? — Phillipa lhe gritou.

— É pouco provável.

Com uma das mãos sobre os olhos para se proteger do sol, a viscondessa observava o irmão rumando ao seu cavalo.

— O que deu nele?

Claire só conseguia admirar a destreza com a qual o lorde montou em seu alazão e partiu a galope, rapidamente.

Ele mal a olhara. E quando o fez, seus olhos estavam tão frios! Um aperto se formou em seu peito e ela baixou seu olhar para a xícara à sua frente, para disfarçar os sentimentos que podiam estar transparecendo em sua face. As freiras do convento sempre lhe diziam que todas as suas emoções ficavam claramente expostas em seu rosto e ela odiava isso.

Por que ele estava tão estranho? Era ela quem deveria estar se sentindo ofendida! Afinal, fora a ofendida na história. Bom, se o cavalheiro não gostou de ser confrontado, muito que bem. Talvez fosse melhor assim...

Foi do que ela tentou se convencer o dia todo, enquanto a viscondessa lhe dava aulas de etiqueta. Fazia um esforço sobre-humano para se manter focada. Mas, sua mente estava dispersa, atenta a qualquer som que indicasse que o lorde estava de volta.

Quando regressou à casa naquela tarde, Benedict estava completamente exausto. Trabalhara como nunca em toda sua vida. Isso servira para manter sua mente ocupada.

Subia as escadas, rumo a seu quarto, quando a música vinda da rústica caixinha com que havia presenteado a irmã se fez ouvir, seguido de risadas. Curioso, desceu alguns degraus e pode avistar a senhorita Mckenzie e a viscondessa dançando na sala. Não conseguiu evitar um sorriso. As duas se divertiam muito.

Sentou-se no degrau e ficou observando enquanto Phillipa conduzia, explicando os passos e uma compenetrada Claire lhe imitava os gestos. E assim as duas rodopiavam pelo ambiente. Fazia anos que não via sua irmã tão feliz. A *noviça* parecia lhe fazer muito bem. Pensou que sua pobre irmã deveria se sentir muito solitária e agora estava feliz em ter uma amiga. Ela ansiava por filhos, isso estava se tornando uma obsessão para ela. Mas eles nunca vinham. Era bom notar que seu foco estava em outra coisa agora.

Então seus olhos pousaram na figura delicada e, ao mesmo tempo, desajeitada que tentava dançar. Voltou a sorrir. A moça era esforçada, mas tão dura como uma porta. Pensou que gostaria de lhe dar algumas aulas. E não somente de dança. Sentindo seu corpo reagir ao simples pensamento de tocar a pele suave da senhorita Mckenzie, Benedict se colocou de pé e subiu o restante da escada. A resolução de ficar afastado daquela garota não era nada fácil de seguir.

Enquanto se despia em seus aposentos, um pensamento cruzava a mente dele. A temporada em Londres não estava tão distante. E, embora a figura da senhorita Mckenzie fosse

um tanto exótica, com seus cabelos avermelhados e olhos azuis, ele não tinha dúvida de que choveriam pretendentes aos pés dela e isso o incomodou. Sabia que não poderia tê-la para si. No entanto, imaginá-la com outro... Sentia algo parecido com uma dor no peito e não gostou nada, nada disso. Até porque era um sentimento totalmente desconhecido.

Ela sabia que o melhor era realmente ficar longe daquele devasso. Para sua sanidade mental e para não manchar sua reputação, se um dia pretendia fazer um bom casamento. Porém, enquanto comiam, Phillipa sempre falante, como sempre, o lorde ficava quieto, compenetrado em comer... e não havia lhe dirigido um único olhar. Aquilo fazia seu coração se apertar. Sentia muita falta da atenção dele. De seus beijos, seus toques. Do sorriso às vezes pervertido. Seu cheiro másculo.

— Benedict, meu irmão. Encontrei-me com o reverendo dia desses. Falei a ele sobre você estar passando uns dias por aqui. Ele disse que seria uma boa oportunidade de lhe apresentar sua família. — Phillipa parecia cuidadosa ao tocar no assunto. — Ele tem uma família linda! E uma jovem muito inteligente, sabe?

— Mesmo? — O homem parecia mais interessado em seu assado no prato, embora não estivesse comendo muito. Mas alarmes soaram na mente de Claire.

— Se importaria se os convidasse para um jantar?

Ele levantou os olhos que enfim encontraram os da irmã. Passaram rapidamente por Claire, fazendo-a prender a respiração. E então se focaram na viscondessa.

— Seria uma boa ideia, minha irmã!

Phillipa ficou surpresa por alguns segundos, o garfo suspenso no ar. Benedict havia dito sim a um jantar com o reverendo e sua família? O reverendo, que tinha uma filha em idade de se casar? Sorrindo tenuemente, se sentiu satisfeita com a resposta dele. Precisava admitir que talvez tivesse uma tendência a cupido. Algo que lhe causava certo reconforto no peito, o fato de unir duas pessoas. E bem, ela estava torcendo para a jovem conseguir despertar algum interesse em seu irmão. Já havia passado da hora dele se ajeitar na vida. Agora que estava animado em trabalhar, o próximo passo seria se casar e formar uma família.

Claire manteve os olhos baixos, mastigando devagar, enquanto tentava compreender o que estava acontecendo. Diante de seus olhos, aquele lorde estava aceitando o fato de conhecer outra jovem, e isso de certa forma era... estranho. Pulsava-lhe a veia do pescoço, e ressoava em sua cabeça. Mas manteve-se firme, não o olhou, não demonstrou estar minimamente afetada, e decidiu desenvolver assuntos aleatórios com Phillipa.

Benedict acabou de comer e se retirou, dando as costas para as duas, mas muito insatisfeito com o rumo de tudo. Logicamente havia entendido as intenções de sua irmã. Phillipa nunca perdia a oportunidade de tentar lhe apresentar garotas, na esperança de lhe arranjar um casamento. E a resposta costumeira já estava na ponta de sua língua, mas, ao notar o semblante tenso da senhorita Mckenzie, decidiu seguir por outro caminho. Estava claro que a jovem estava por demais interessada nele. Talvez tanto quanto ele nela. Entretanto, não haviam sido moldados um para o outro. Já estava se conformando com isso. Então, percebendo que ela precisava se desiludir com ele, resolveu aceitar o maldito jantar.

Em seu quarto, pouco mais tarde, Claire estava sentada em frente à penteadeira e desmanchava o coque no alto de sua cabeça, enquanto fitava a si mesma e notou o olhar triste refletido no espelho. E ela odiava se sentir assim. Suspirou. Por que estava se dando ao trabalho de ficar daquele jeito? Não era justo, pois decidira recentemente sequer pensar em lorde St. John, é isso não era questão de escolha própria. Era porquê... Tinha de ser assim. Ele também não a

queria. Ela não era o *tipo* dele.

Embora a senhoria McKenzie não soubesse como lidar com aquele turbilhão de emoções retumbando em seu peito, definitivamente sabia que tinha algo errado com ela. Racionalmente falando, não era certo uma mulher pensar em um homem com uma frequência como a que pensava em Benedict. Então, sabia sim que não havia outra maneira a não ser seguir o plano de Phillipa, que era treiná-la para encontrar um bom marido.

O lábio inferior dela tremeu, e a jovem achou que fosse chorar. Mas controlou-se. Não era dada a lágrimas assim tão fácil... E, na verdade, estava sendo tão mágico aprender coisas novas, que ela pensava que poderia tirar aquele lorde de seus pensamentos dessa maneira. Apenas vivendo, e ignorando-o. O que era bem difícil, pois, quando ele surgia, fosse qual fosse o lugar, tudo parecia pequeno, tomado por sua presença, seu cheiro.

Sobressaltou-se ao ouvir alguém bater à porta. Levantou-se devagar e foi ver quem era. No entanto, não encontrou ninguém do outro lado. Pensou por um instante se estava ficando fora de si, e concluiu que deveria descansar um pouco...

Benedict queria esbofetear seu próprio rosto. Por que tomara uma decisão tão tola? O que havia pensado fazer quando decidiu bater à porta de Claire, se arrepender no mesmo instante e voltar correndo para o seu quarto? Por que fizera algo tão estúpido?

Precisava culpar o álcool, porque provavelmente, se estivesse sóbrio, não teria feito tal coisa. Será que ela desconfiara de que havido sido ele? Deitado na cama, trazia uma garrafa vazia ao lado do travesseiro. Fitando o teto que girava em círculos e revirava seu estômago junto, Benedict jurava e praguejava, bradando em voz alta que nunca mais beberia. Mas, até mesmo ele sabia que não cumpriria com tal palavra. Voltaria a beber. Pior ainda. Voltaria a pensar na freirinha, e continuaria desejando-a. Cada vez mais. Talvez enlouquecesse de desejo.

Por isso a decisão de conhecer uma nova mulher. Mesmo achando que não seria ouvido, rogava aos céus ela fosse suficiente para abrandar o que sentia. Também por isso concordara com o jantar que Phillipa propôs.

Por que não?

Sorriu de lado.

— Vou... *ic...* Esquecer... *ic...* você, Claire — disse devagar, já se entregando ao sono.

CAPÍTULO NOVE

Claire estava se sentindo desconfortável naquela noite, e ela não entendia o motivo. Não sabia se era apenas por estar sentada em frente a Benedict, que a ignorava, ou era porque iriam receber o reverendo da igreja de Phillipa. Enquanto levava a xícara de chá de hortelã morno aos lábios, a jovem viu Phillipa se levantar, e caminhar até a entrada da casa quando o mordomo anunciou a chegada dos visitantes.

Um homem baixo e corpulento entrou na sala de estar, acompanhado de sua esposa, menor que ele e muito magra. Entretanto, o que chamou a atenção de todos, foi a filha do casal. Bonita. Absurdamente bela. E o coração de Claire se apertou, ao notar um ligeiro interesse de Benedict, que abriu um sorriso tênue e se aproximou dos convidados.

— Reverendo e família, esse é meu irmão Benedict, e ao lado, minha pupila, senhorita McKenzie. Sejam muito bem-vindos! Vamos nos acomodar. — Phillipa os levou até o sofá e os fez sentarem-se. Sorriu para a moça que os acompanhava, e se sentou ao lado dela. — Está tão bela, Amelia! Já completou os dezenove anos?

De cabelos escuros, olhos verdes e pele imaculada, a jovem Amelia suspirou, batendo os cílios compridos, e desviando o olhar para lorde St. John, a quem sua atenção foi conquistada.

— Completarei em um mês. — Sorriu, ao que pareceu a Claire, um sorriso falsamente tímido e colocou uma mecha fujona para trás da orelha. — Papai disse que já estou numa idade casadoura. — E levantou seus olhos em direção a Benedict.

Claire nunca sentiu nada como naquele momento. E ela poderia jurar que era ira. Horrorizada, quase fez o sinal da cruz.

Reverendo Wilson riu, balançando a barriga redonda, e quando Phillipa lhe serviu vinho, recostou-se na cadeira e sorveu o líquido.

— Obviamente não deixarei minha filha se casar com qualquer desavisado. Ela merece o melhor partido da região. — Seus olhos pousaram para Benedict. — O que o trouxe a Bristol, lorde St. John? Soube que, normalmente, quem vive em Londres, permanece em Londres.

Benedict pensou por um momento. A verdade é que ele viera àquela cidade para esquecer Catherine e tentar melhorar sua vida. Mas, ironicamente, acabara por esbarrar em outra obsessão: uma ruiva de olhos quentes e boca saborosa. Logicamente, não eram palavras que poderia dizer.

— Pois acredite, reverendo. Londres se tornou deveras enfadonha. Ao menos para mim. Por isso optei por buscar novos ares. — Pensou que aquela, sim, era uma boa resposta.

O homem concordou, e começou outro assunto supérfluo. Ao lado deles, Claire sorriu para Amelia e tentou conversar com a jovem, pois certamente tinham quase a mesma idade, e, com certeza, os demais esperavam que trocassem ideias.

— Seu vestido é muito bonito — Claire comentou, apontando para o tecido rosa-claro com detalhes dourados.

— É alta costura. Tenho uma costureira só para atender minhas necessidades. — A expressão de Amelia foi de desdém. O modo como a jovem encarava a senhorita McKenzie poderia ser facilmente traduzido como desprezo, o que fazia Claire não entender, já que apenas tinham se conhecido, e nada sabiam uma da outra. Na sua mente, era impossível uma pessoa ser

antipática com a outra tão prematuramente. — O seu está fora de moda, mas talvez eu possa lhe dar alguns conselhos sobre isso.

Claire olhou para si mesma e franziu a testa. Phillipa lhe garantira que aquele tom era o mais na moda possível, e agora estava se sentindo deslocada.

— O que gosta de fazer? Sou apreciadora de poesias. Até as escrevo. — Amelia se gabou, inflando o peito.

— Eu...

— Está na hora de jantar. Por favor, me acompanhem. Vou lhes mostrar seus lugares à mesa. — Phillipa disse de pé, interrompendo-a, e fazendo Claire se sentir aliviada momentaneamente.

Porque a pobre moça não sabia o que responder... Já que sequer sabia se tinha algum talento.

Os convidados seguiram a anfitriã, se direcionaram à sala de jantar, mas Claire ficou sentada onde estava, tentando absorver a hostilidade que enxergava na outra jovem. Havia feito algo? Em tão pouco tempo?

— Senhorita McKenzie, está tudo bem? — Era Benedict ao seu lado, e quando ela ergueu os olhos para ele, notou-lhe uma expressão desconhecida. Irritação, talvez?

— Sim, só tive um momento de devaneio. Bobagem. — Tentou sorrir, ficou em pé e passou rapidamente por ele.

Claire foi colocada justamente frente à Amelia e Benedict, porque, sim, a viscondessa os havia colocado lado a lado. E, por que tinha de ficar tocando na manga da camisa dele a todo momento? O que ela lhe sussurrava ao ouvido, que o fazia sorrir daquela forma? Claire tentava desviar seus olhos, mas teimosos, sempre voltavam a posar no casal. O ar parecia prensar em seu peito e o corpete justo nunca lhe parecera tão desconfortável.

Enquanto comiam, a senhora Dawson conversava animadamente com a esposa do reverendo.

— Senhora Brown, querida, estou ansiosa para o nosso encontro de damas na próxima semana! Tem sido edificante encontrar com tantas mulheres maravilhosas! A ideia de criar o grupo foi perfeita! — Phillipa elogiou, enquanto levava uma colher de sopa à boca.

A mulher, que já tinha cabelos brancos e rugas, mas era muito bonita, assim como a filha, sorriu.

— Meu marido me incentivou a reunir as mulheres da nossa congregação, e achei interessante a ideia. Fico feliz que tenha sido bom para a senhora! — Direcionou-se para a moça ruiva, que estava entretida em seu prato. — Poderia convidar sua pupila para se juntar a nós, na próxima semana.

Claire piscou, quase se engasgando com a comida.

— E-eu... Agradeço, mas... mas... — buscou os olhos da viscondessa, como num pedido de socorro.

— Ela não é da nossa igreja, senhora Brown. — A mulher pousou a mão sobre a dela, tranquilizando-a. — A senhorita McKenzie ficou anos em um convento. Mas isso não é nenhum problema em nossa casa. Acredito muito na liberdade religiosa.

O reverendo limpou a garganta, incomodado, a esposa desviou o olhar, mas quem se manifestou mesmo foi Amelia.

— A senhorita desistiu de servir ao Senhor? — ela inquiriu acidamente, a colher suspensa no caminho da boca. — Isso é... — a moça bufou um riso e arregalou os olhos. — Chocante!

Claire teve de se esforçar para terminar de engolir a sopa em sua boca.

— Perdoe-me, senhorita, se isso a choca. E não. Não desisti de servir ao senhor — afirmou, encarando a jovem do outro lado da mesa. — Seguirei sendo sua serva fiel, seja num convento ou fora dele.

Benedict, limpava os lábios, mas mais para disfarçar um sorriso. A menina sabia se defender.

— Se é o que diz... — a outra seguiu com a provocação, dando de ombros.

— Sim, é o que digo e sinto — interrompeu Claire, e recebeu um olhar da viscondessa e, embora ainda tivesse muito a dizer, baixou seu olhar imediatamente. Tudo o que não desejava era ser rude com os convidados de sua tutora e não se rebaixaria ao nível da outra jovem.

— Bem, acho que podemos ir para a codorna, Phillipa, sim? — Benedict se interpôs, tentando desviar o assunto.

Amelia cruzou os braços sobre a mesa e encarou Claire com raiva.

— Se meus pais tivessem me criado para servir a Deus, assim eu o faria! — A outra, sentindo-se muito contrariada, não se deu por vencida. — E outra coisa. Esse seu cabelo é mau agouro, sabia? Pessoas com essa tonalidade de cabelo trazem má sorte — declarou de uma maneira tão amarga, que fez o queixo de Claire cair.

Estava pronta para dar uma resposta à altura, mas a senhora Dawson se fez ouvir.

— Vamos mudar de assunto — Phillipa disse em voz muito alta, e forçou um sorriso. — Como vai sua propriedade no campo, reverendo?

Claire não ouviu mais nada, e mal comeu no restante do jantar. Queria fingir que o comentário da outra sobre seu cabelo não a deixara abalada, mas a moça tocara num ponto que a magoava e deixava insegura, depois das palavras de Killian. Seus cabelos a incomodavam antes, até porque viviam escondidos sobre o véu. Mas, aparentemente, o tom de seu cabelo na Inglaterra realmente não era bem-visto... E doeu-lhe ouvir a outra tocar nesse assunto na frente de todos. Benedict também pensava assim? Será que era por isso que não era o tipo dele? Apesar de todos os elogios que já lhe fizera? Fora por isso que ele se afastara dela, definitivamente? A senhorita Amelia Brown era o tipo que ele procurava para se casar e criar uma família? Talvez, sim, pois seguiam com suas conversinhas paralelas ao pé do ouvido um do outro.

Depois da sobremesa, e com o clima totalmente desconfortável, os convidados foram levados novamente para a sala de estar, onde beberam e conversaram. Menos Claire, que se distraía fitando o movimento da chama das velas.

— Lorde St. John, minha filha sabe cantar lindamente — o reverendo se manifestava. — Gostaria de ouvi-la?

— É claro! Posso acompanhá-la ao piano — Benedict se prontificou. Foi até o instrumento de caudas e sentou-se, tentando se lembrar de memória alguma música conhecida e fácil para que a jovem não passasse vergonha enquanto cantava.

Amelia se levantou, foi até o lado do piano e apoiou-se no instrumento de madeira negra. Sorria para o lorde com um ar de malícia e Benedict pensou que a jovem, sendo filha de um reverendo, não sabia ser muito discreta.

— Tarde de primavera — anunciou a música, começando a tocar os primeiros acordes.

Para surpresa de Benedict, de Claire e de Phillipa, a jovem tinha uma belíssima voz. Doce e aveludada, parecia caramelo derretido em dia de frio. As notas do piano eram acompanhadas por sua voz melodiosa, em graves e baixos, que deixava a todos chocados. No refrão, Amelia deu tudo de si, fechando os olhos e levando a mão sobre o peito, interpretando verdadeiramente a letra que falava sobre amores perdidos numa tarde de primavera.

Ao lado, Claire se controlou para não chorar. De raiva, de inveja e tudo o que o Senhor dizia ser pecado. Mas ela era humana, afinal de contas.

Quando a jovem terminou de cantar, todos aplaudiram encantados.

— Como antes mesmo de conhecê-lo, já sabia que seríamos bons amigos, lorde St. John, tomei por audácia lhe trazer um presente nesta noite. — Amelia foi até onde estava sua bolsinha sobre o sofá, tirou um pequeno lenço branco e entregou a ele.

Benedict desenrolou o tecido engomado e olhou surpreso para o brasão da sua família bordado em vermelho e preto.

— Tem muito talento, senhorita. Agradeço o presente. — Olhou para ela, mas por sobre o ombro dela viu os olhos da senhorita Mackenzie se revirarem nas órbitas. Sorriu divertido. — Tens realmente muito talento!

Claire apertou as saias do vestido entre os dedos e suspirou.

— Perdoem-me. — Ela se colocou de pé abruptamente. — Mas estou com muita dor de cabeça. Se não se importam, vou me recolher. — Curvou-se para o reverendo e sua esposa e saiu rapidamente.

Em seu quarto, Claire olhou para a garrafa de vinho que trazia contra o peito, e que havia pegado da mesinha de bebidas, enquanto voltava para seu quarto. Foi um impulso. Sabia que não deveria ter feito aquilo. Levantou seus olhos para cima.

— Perdoe-me, senhor! Entenda sua filha! É isso ou agredir fisicamente aquela engomadinha! — Fez o sinal da cruz, uma breve oração e tirou a rolha da garrafa.

O problema é que Claire não estava acostumada a beber, além das pequenas doses que ela e as meninas do convento furtavam, quando o padre adormecia na sacristia, após ingerir mais do que o recomendado do santo vinho.

Dando de ombros, dispensou o copo e levou a garrafa direta aos lábios. Então olhou-a com admiração. O sabor era ótimo! Muito melhor do que o do convento. Mais um gole.

— Tome aqui — ela imitava Amelia, com voz afetada. — A porcaria de um lenço que eu mesma bordei. — Ela rolou os olhos nas órbitas e bufou.

Então mudou de lado e passou a imitar Benedict, engrossando a voz.

— Oh, obrigado! A senhorita é encantadora! — Claire trazia um dedo à goela, como se fosse vomitar. — Dois idiotas! — Ela ergueu a garrafa num brinde. — Vocês se merecem! — Sentou-se na cama e seguiu, chocada. — Como aquela garota ousou me tratar daquele jeito? Quem ela pensa que é? Não é melhor do que eu, só por ser filha de um reverendo!

Outro gole.

Por que suas pernas estavam moles? Hum... Seu corpo estava mais relaxado e aquilo era bom.

— Aquele bastardo do lorde não me defendeu! — ela soluçou e correu a mão pelo nariz. — Mas por que ele faria isso? Ele sequer gosta de mim! Ele que fique com aquela magrela! A senhorita perfeita! — falou novamente de jeito afetado, gesticulando com as mãos.

Ela fungou.

— O mundo. — Ela apontava para nenhum lugar específico. — Não era justo, Claire. Sei que você só queria... — um biquinho se formou em sua boca. — Que as pessoas gostassem dela. Que a amassem. — Enxugou uma lágrima que correu por sua face. — Um dia você seria amada? Por quem? Nem seu próprio irmão te ama!

Voltando a fungar, ergueu a garrafa na altura dos olhos e viu que só restava um pouco no fundo. Levantou-a como num brinde aos céus e virou o restante do líquido.

Tomada pela coragem que a bebida havia lhe dado, decidiu aquilo daquela forma! Iria

resolver a situação de uma vez por todas!

Benedict se sentou na cama e tirou as botas, depois levantou e tirou o casaco, desabotoou a camisa rapidamente e já estava indo para a calça, quando ouviu batidas fortes vindo da porta. Quem seria naquela hora? Será que Phillipa tivera algum problema? Colou o ouvido na madeira ao ouvir gemidos, precisamente femininos...

Abriu a porta, e Claire caiu sobre o peito dele, abraçando-o e apoiando seu rosto em sua pele.

— Senhorita McKenzie... O que está fazendo? — O cheiro de álcool o alcançou imediatamente. Torceu o nariz, e a ergueu, fazendo-a olhá-lo, mas seus olhos estavam opacos e perdidos. — Andou bebendo? — constatou o óbvio, completamente chocado. — Venha! — Ele a levantou em seus braços. — Vou levá-la de volta para seu quarto antes que nos vejam.

— Eu não sou... — ela soluçou, um dedo apontando para a cara dele. — Má sorte.

Quando chegaram no quarto dela, Benedict a segurou pela cintura e tentou fazê-la ficar ereta.

— Não, você não é. Inferno, Claire! Por que fez isso? — Ele embalou o rosto dela em sua mão e suspirou. Os olhos dela estavam nublados, e ele nem sabia se ela compreendia o que ele dizia, e esperava que não, porque de sua boca saíam muitas coisas erradas. — Não faça isso com você mesma.

— Isso o quê, milorde? — as palavras dela saíam aos tropeços e ele achou isso tão fofo que quase sorriu.

No entanto, no momento seguinte, uma ruga se formou entre as sobrancelhas de Benedict, e a preocupação o tomou.

— Afaste-se de mim, Claire — disse, suavemente, acariciando o rosto dela. — É o melhor para você. Não sou um homem decente — admitiu.

Ela sorriu de forma débil, soluçando na sequência.

— Sei disso. — Espalmou a mão no peito desnudo dele e ele sentiu o coração acelerado. — Acontece que não tenho ninguém — a jovem confessava com voz arrastada.

— Você tem seu irmão.

— Sou só um fardo para ele — ela bufou. — Ele não gosta de mim.

Mas eu gosto. — Pensou rapidamente o lorde, mas logo dispensou tal ideia.

— É melhor se deitar agora, Claire. Espero que amanhã só reste uma dor de cabeça e que você não se recorde de nada do que fez essa noite. — Benedict a depositou sobre os lençóis com cuidado.

— Não vá... — Claire pediu segurando a mão dele.

Benedict parou, resignado a ir, mas impelido a ficar. Mas concluiu ser loucura, não poderia e nem deveria estar ali no quarto dela.

— Durma um pouco. Foi um dia longo, e amanhã volto para vê-la.

— Promete? — Ela o encarou com tristeza.

Ele deu um meio sorriso, um tanto descarado.

— Prometo. Agora durma. — E assim que ele terminou de falar, ela adormeceu e soltou sua mão.

Benedict permaneceu ali alguns instantes mais, vendo-a dormir. Ela parecia um anjo, iluminada pela luz difusa da vela. Sua pele clara, agora um tanto avermelhada pelo efeito da bebida. Tão vulnerável!

Voltou para seu quarto caminhando devagar. Por ele, ficaria ao lado dela, simplesmente

velando seu sono, por toda uma noite.

Correu a mão pelos cabelos e respirou fundo.

O certo lhe parecia errado, e o errado... certo.

Mas nada o faria mudar de ideia. Não se envolveria com Claire. Era o melhor para ela.

CAPÍTULO DEZ

— Será que um dia me acostumarei com você de pé tão cedo? — dizia Phillipa, chegando à mesa pela manhã, novamente disposta no jardim e encontrando Benedict sorvendo um chá fumegante.

— Eu mesmo ainda não me acostumei, irmã. Não sabe o sacrifício que é sair da cama todo dia.

A viscondessa riu e se acomodou.

— Por Deus, que fracasso foi o jantar de ontem! — comentou, enchendo sua xícara.

Benedict franziu o cenho.

— Achei que você estava gostando.

— Acontece que sou uma ótima atriz, meu caro. O reverendo e sua esposa são pessoas que prezo muito. Mas, o que foi aquele projeto de garota, a tal Amelia? Mocinha insossa! Grossa e metida!

Dessa vez ele jogou a cabeça para trás, numa gargalhada sonora.

— Pois eu pensava que ela havia caído nas suas graças.

— Santo Deus, não! A única coisa boa nela foi o canto! O resto... — a mulher bufa. — Até aquele arremedo de bordado que ela lhe deu. Coisa horrenda! Errou completamente os tons do nosso brasão! Quando eu ensinar Claire a bordar, tenho certeza de que fará muito melhor! E o modo como ela atacou minha pupila? Desejei voar em sua garganta! A senhorita Mckenzie teve muita compostura na frente daquele ser irritante!

— Isso quer dizer que não me fará cortejá-la?

Phillipa baixou sua xícara até a mesa, olhando-o como se tivesse ofendido sua honra.

— Benedict, estou ansiosa para que se case. Mas, não desesperada para lhe empurrar qualquer uma! Dessa forma, a senhorita Brown está totalmente descartada! Deus nos livre de ter de conviver com um serzinho tão... Ah, melhor eu ficar quieta.

— Nunca te vi tão irritada com uma pessoa assim.

— Ela atacou minha doce pupila gratuitamente, quando Claire tentava ser simpática. E eu não admito que mexam com minha protegida!

— Senhor, obrigado por isso! — Benedict elevou seus olhos para cima. — Por falar na senhorita Mckenzie... ela não virá para o desjejum?

— Passei pelo quarto dela e ela disse estar com uma terrível dor de cabeça.

Ele escondeu um sorriso sob sua xícara. Sabia bem a razão de sua dor.

— Pobrezinha. Espero que melhore.

— Pedi que lhe levassem uma xícara de chá de ervas. Ela logo estará bem. Só espero que não tenha ficado abalada com as palavras daquela... fulaninha!

Benedict franziu o cenho novamente. Bom, ela havia ficado abalada sim. A ponto de beber uma garrafa de vinho. Queria lhe dizer que as palavras da outra não eram uma razão absoluta. Que a jovem tinha pensamentos arcaicos, devido a sua religião. Que, principalmente, ele não considerava seus lindos cabelos uma maldição. Por Deus, ele os amava! No entanto, agora que ela se encontrava sóbria, não deveria lhe dizer essas coisas. Deveria se manter firme na

resolução de se manter afastado. Mesmo que isso o matasse por dentro.

Ele não conseguiu conciliar muito bem o sono, na noite passada. A preocupação com a jovem não o deixava adormecer.

Suspirando, pensou ser melhor que a temporada em Londres deveria começar logo, que ela arranjasse um bom homem que a fizesse feliz... E fosse para longe dele. Seria mais fácil esquecê-la.

— O que foi? — Phillipa que o sondava inquiriu, — Ficou de cara fechada de repente... Foi algo que eu disse?

— Não, minha querida. — Ele se colocou de pé, deu um beijo no alto da cabeça da irmã, colocou sua cartola. — É só preocupação com o trabalho.

Um sorriso iluminou a face da viscondessa.

— Henry ficará orgulhoso quando voltar e ver como você está empenhado no serviço.

— Pois é. Até eu mesmo estou surpreso com isso. — E partiu com um aceno, arriscando um olhar para o alto da escada que vinha da casa, ansiando para ter um vislumbre de certa ruivinha.

Claire gemeu uma vez mais. Inferno de cabeça que parecia que ia explodir!

Nota mental: nunca mais beber vinho. Ao menos não uma garrafa inteira. Outro gemido e ela se encolheu na cama, sentindo o estômago embrulhado. Para ajudar, não se lembrava de nada da noite anterior, após o tortuoso jantar.

Arrastando-se, foi até o aparador ao lado da porta e pegou a xícara de chá que a viscondessa havia mandado, orando para que ele realmente fizesse algum efeito.

Ao provar, fez uma careta. O sabor não era dos melhores. Ao levantar seus olhos, deu com seu reflexo no espelho e fez outra careta. Usava o mesmo vestido da noite passada e seus cabelos... Santo Deus! No estado em que encontravam, até ela os considerava como mau agouro. Esboçou um riso, se detendo em seguida, pois até isso fazia sua cabeça latejar.

Bufou ao se lembrar da figura nefasta da noite anterior. Benedict pareceu muito interessado... curvou os lábios. Se ele resolvesse cortejá-la...

Sabia que seu coração não aguentaria. Se aquela garota passasse a frequentar a mansão, pediria ao irmão que a levasse para qualquer outro lugar. Não seria fácil, uma vez que já estava muito apegada à viscondessa. Mesmo não sendo tão mais velha que ela, era quase como a mãe que perdera tão cedo. No entanto, não suportaria ver o lorde com outra mulher. Ainda mais aquela.

Baixou a cabeça, deixando um longo suspiro lhe escapar da garganta. Odiava sentir o que sentia por um homem que não a desejava. E que havia lhe dito que ela não fazia seu tipo. Olhou-se novamente no espelho e correu a mão pelos cabelos desgrehados. Eles nunca a incomodaram antes. Até Killian citar que não eram uma cor de moda e da fulaninha na noite anterior dizer que eles traziam má sorte. Estava revoltada consigo mesma, por deixar-se afetar pelas palavras da outra.

Ela não saiu do quarto naquele dia. A viscondessa veio vê-la algumas vezes, parecendo muito preocupada. Ela se desculpou pelo comportamento de sua visita, mas Claire a tranquilizou, dizendo que ela não tinha culpa e acabou mentindo, dizendo que as palavras da senhorita Brown não a haviam incomodado.

Pediou que enchessem a tina e tomou um longo banho, ficando na água até que essa estivesse completamente fria.

A senhora Dawson lhe enviou uma bandeja com o jantar, que ela apenas beliscou. Depois disso, deixou-se ficar na cama, fitando o teto. Ela sabia que Benedict já estava no quarto ao lado,

porque o ouvia andando de lá para cá.

Virou-se e abraçou os joelhos, deixando outro suspiro ecoar pelo lugar. Passara o dia aos suspiros.

Ficou imaginando o que o lorde estaria fazendo. Talvez estivesse tomando um banho... Notara que ele gostava muito de banhos. Talvez por isso fosse um homem tão cheiroso. Sorriu ao se lembrar disso. Da textura do rosto dele, com sua barba despontando. Do sabor de seus lábios. Deus, ela sonhava tanto com outro beijo dele! Só mais um! Era pedir demais?

Perdida em sentir pena de si mesma, quando notou uma estranha movimentação atrás da cortina. Sentou-se de um salto. Pensava ter sido apenas uma impressão, mas o movimento se repetiu, junto de um som aterrorizante. Antes que pudesse pensar no que fazia, pulou da cama, abriu a porta e correu para fora e, no minuto seguinte, estava esmurrando a porta do lorde, tremendo de medo. Seria mais prudente chamar pela viscondessa, mas o quarto dela ficava na outra ala e Claire temia que suas pernas não tivessem forças para chegar até lá.

A porta se abriu e um espantado Benedict, de cabelos revoltos e cara de sono, a olhou inteira.

— Você está bem? Andou bebendo de novo?

— Te-tem um fantasma no me-meu quarto! — sua voz saiu esganiçada.

— O quê?

— Um fantasma! — Apontava, ainda trêmula. — Atrás da cortina! Um fantasma! — repetiu.

— Fantasmas não existem, minha querida! — o lorde disse, mas já seguindo rapidamente para o quarto da moça.

— Pois veja com seus próprios olhos! — ela agora, parada à soleira da porta, lhe mostrava o estranho movimento atrás da cortina, enquanto ele avançava pelo cômodo.

Benedict parou no meio do aposento, colocou as mãos na cintura e bufou um riso.

— Minha doce ruiva! Não se trata de um fantasma.

— O que-que é, então? — Ela arriscou alguns passos para dentro, olhando por sobre o ombro dele.

— A senhorita já verá. — Benedict pegou uma toalha e começou a se aproximar da cortina. — Feche a porta para que ele não fuja.

— Ele? — ela fez o que ele mandou, mas ficou o mais longe possível de onde o homem estava.

Com gestos rápidos e precisos, o lorde ergueu a cortina, embalou o que quer que seja que estivesse aterrorizando o quarto de Claire e então caminhou até ela, com ar triunfante.

— Esse rapazinho. — E lhe mostrou um minúsculo morcego que se debatia. — Ou mocinha. — Dava de ombros, divertido. — Nunca saberemos.

Claire recostou suas costas na parede, sentindo as pernas ainda bambas, espalmando uma mão sobre o peito.

— Por Deus! Como um animal tão pequeno pode fazer tanto alvoroço? Você quase me matou do coração, seu minúsculo traste! — Tinha o dedo em riste perto do bichinho que agora a olhava com seus olhinhos redondos.

Benedict riu novamente e caminhou até a janela, onde soltou o invasor.

— Se não quiser receber outra visita dessas, aconselho que não deixe suas janelas abertas — aconselhava, enquanto as fechava e trancava.

Claire parou muito perto, sem notar, pois ainda estava atordoada. Só quando ele quase tropeçou nela, ao se voltar, foi que notou a proximidade dos dois.

Agora se encaravam, o ar ficando denso, suas respirações pesadas. Benedict curvou a cabeça de lado, os olhos verdes se tornando turvos e fixos nos lábios róseos.

— Diga-me para sair desse quarto imediatamente, Claire! — a voz soou arrastada, grave, tão baixa quando a brisa que batia em sua janela.

Era a primeira vez que o ouvia dizer seu primeiro nome. Ela quase deixou um gemido escapar de sua garganta. Seus joelhos ameaçando se dobrarem.

Sua boca se abriu, mas as palavras demoravam para sair e ela deu um passo mais adiante.

— E-eu... não posso, milorde...

— Senhorita... eu não devo...

Mordendo o lábio, notou o olhar sedento dele descer em seus seios, mal cobertos pela fina camisola. O lorde não havia dito que ela não era o tipo dele? Então por que a devorava com os olhos nesse momento? Tomada de uma súbita coragem, Claire pousou suas mãos no peito dele, de onde a camisa, meio aberta, deixava entrever os pelos sedosos. Benedict ofegou ao seu toque e suas mãos grandes seguraram os pulsos dela, sem, no entanto, afastá-la.

— Só um beijo, milorde. — Ficando nas pontas dos pés, ela encostou seus lábios aos dele, timidamente.

Benedict fechou os olhos. Estava perdido. No instante seguinte, esmagava Claire contra seu peito, exigindo sua boca, faminto. Não era capaz de ser carinhoso naquele momento. Ele precisava do sabor dela. Do corpo pequeno colado contra sua ereção, tão dura como pedra. Correu as mãos pelas costas dela, percorrendo seus contornos deliciosamente femininos. Emaranhou seus dedos nos cabelos cor de fogo, exigindo mais e mais. Ela tentava acompanhar seu ritmo e seus gemidos baixinhos faziam os pelos de sua nuca se eriçarem. Explorava agora seu pescoço, as mãos descendo por seu quadril, encontrado a nádega redonda e macia. Queria fazer uma prece, ao mesmo tempo que desejava soltar um palavrão. Pressionou seu sexo contra o ventre dela fazendo-a arfar, jogando a cabeça para trás. Ele ia enlouquecer. Dobrando suas costas, alcançou o colo dela e, quando a chemise não lhe permitiu acesso aos seios, simplesmente rasgou a frente da peça, impaciente. Uma exclamação escapou da boca de Claire.

Benedict sorriu de lado.

— Queria dizer que sinto muito, minha querida. — Deu de ombros. — Mas eu não sinto. Eu só preciso... — o sorriso morreu quando seus olhos pousaram nos mamilos escuros, rijos. — Santo Deus! — Ele acolheu um na mão, enquanto sua boca provava o outro. Lambeu, mordeu, chupou, enquanto ela se contorcia, erguendo uma perna para enlaçar sua panturrilha. Sabia do que a doce garota precisava.

CAPÍTULO ONZE

Então, pegando-a pela cintura, levou-a até a cama, jogou-a sobre os lençóis e acomodou seu corpo grande sobre o dela. Beijou-a com paixão uma vez mais. E outra. E outra. Nunca se cansaria dos beijos dela. Separou-lhe as pernas e esfregou seu membro em seu centro. Claire se contorceu, seus dedos apertando seus ombros, enquanto mais outra exclamação lhe surgia da boca.

— Milorde!

— Vou te dar a sua libertação, Claire! — sussurrou contra o ouvido dela, mordiscando seu lóbulo em seguida.

Sua mão desceu entre seus corpos, torcendo um biquinho túrgido, acariciando seu ventre chato e então subindo mais a chemise dela, para descobrir que não usava mais nada por baixo. Benedict não pôde evitar balbuciar um palavrão, quando encontrou o mais íntimo daquela mulher. Quente, úmido, esperando por ele.

— Milorde, por favor! — A moça arqueou suas costas em direção ao seu toque.

— Você sabe o que está me pedindo, Claire? — Separou suas dobras e sentiu toda sua cremosidade nas pontas de seus dedos, enquanto observava suas feições contorcidas de desejo.

Benedict enfiou um dedo nela, que perdeu o fôlego e agarrou seus cabelos.

— Você gosta disso, minha raposinha?

— Oh, sim! — a moça balbuciou, buscando mais uma vez seus lábios.

O beijo agora era lânguido, lento, ele investigando as reações dela, conforme espalhava a umidade por seu pequeno botão sensível e o manipulava. Os quadris de Claire saíram da cama, em busca de mais e mais, enquanto ronronava como uma gata no cio. Ela o enlouquecia.

— Ah, doce, Claire! Tem noção do que faz comigo? — murmurava, descendo para provar outra vez do seio bonito, mordiscando, sugando, mordendo. Aquelas belezas eram um verdadeiro parque de diversões.

Então criou um caminho com a língua, chegando ao ventre dela, lambendo, sorvendo o sabor de sua pele alva. Terminando de subir a camisola, ele colocou os joelhos dela sobre seus ombros, olhando-a de forma desavergonhada, à medida que ela mordia o lábio, à espera do que seguiria.

Nessa hora, Benedict agradecia por todas as experiências anteriores. Porque queria dar àquela garota, o maior prazer possível. Que ela nunca se esquecesse do que Benedict St. John podia lhe proporcionar.

Quando começou a açoitá-la com a língua, ele pediu que fosse mais silenciosa.

— Não queremos acordar a viscondessa, queremos?

Ela meneou a cabeça, sua respiração pesada fazendo os lindos seios subirem e descerem, numa linda dança sensual.

— Só não pare! — implorou, baixinho.

— Eu não vou — afirmou, manuseando-a com seus dedos no momento. — Não até que você exploda em mil pedacinhos diante de mim.

O cenho dela se franziu pela confusão, mas não havia tempo para reagir. Ele a provou,

segurando suas ancas e a cabeça dela tombou para trás. O lorde sentiu que poderia se viciar no sabor dela.

Quando ela chegou lá, colocou o travesseiro sobre o rosto, para abafar o som de sua libertação.

Com um sorriso satisfeito, ele ajeitou a chemise dela no lugar e se deitou sobre sua barriga, que ainda estava agitada pela respiração acelerada.

— Isso foi... — Claire tentou falar, mas seguiu sem fôlego. — Oh, Deus! Acho que nunca senti nada tão delicioso na minha vida!

— Cuidado! Você fará o meu ego explodir, raposinha. — Ele então escondeu o rosto no ventre dela e soltou um gemido agoniado. — Senhor, nós não devíamos ter feito isso!

— Por quê? — Ela acariciou seus cabelos. — Se foi tão bom!

— Você é tão inocente! — a frase soou um pouco ríspida, enquanto ele se levantava rapidamente. — Porque sou um devasso, se lembra?

Apoiando-se sobre os cotovelos, os grandes olhos azuis o encararam, perdidos. E não havia pudor algum em sua nudez. Os seios bem-feitos estavam lá. Expostos, o provocando.

— Maldição, Mckenzie! Cubra-se! — ordenou, desviando seu olhar.

Só percebeu o quanto foi rude, quando a jovem se sentou, se cobriu e abraçou os joelhos, com uma expressão murcha.

O que eu fiz? Pensou, balbuciando uma profanação. Havia acabado de dar a ela um orgasmo e agora a fazia sentir como se fosse uma desavergonhada.

— Perdoe-me, querida! É só que... preciso raciocinar e com você assim... — suspirou, as mãos pousando na cintura, ao passo que meneava a cabeça. — Você é uma tentação, preciosa!

— Mas o milorde havia dito que não faço seu tipo.

— Eu diria qualquer coisa para te afastar de mim.

Claire veio para os pés da cama, o sondando.

— Por que quer me afastar do senhor?

— Para o seu bem. E talvez para manter minha sanidade.

— E se eu não quiser me afastar?

— Terei de fazê-lo. — essa frase soou um tanto triste. — Por nós dois. Não sou um homem à sua altura. Minha... — ele fez um gesto vago. — Reputação me precede. E não a farei uma mulher respeitada, porque não pretendo me casar.

Ela deixou que a frente da chemise se abrisse um pouco. Apenas o suficiente para seus seios ficarem um pouco à mostra.

— Então... só mais um beijo. O nosso último. — Erguendo as mãos, o chamava para seus braços.

Com uma respiração profunda, totalmente rendido, Benedict se aproximou, pegou a mão dela, depositando nela um beijo demorado.

— Você será a minha ruína, senhorita! — Subindo com beijos pelo braço dela, logo enfiava os dedos entre os fios revoltos e lhe tomava os lábios uma vez mais.

Pretendia algo terno, casto e então se afastar. Mas ela regia com calor, fogo, deixando-o novamente faminto.

— Benedict... — ela lhe sussurrou ao ouvido, fazendo-o se arrepiar todo. — Faça-me mulher.

— Pelas chamas do inferno! — implorava, torturado. — Não me peça isso, Claire! Não me peça isso!

Afastando-se dele, a moça deixou que a camisola descesse por seus ombros, despindo-a

pelas pernas. Então foi se deitar no meio da cama, o encarando com olhos mortiços.

— Estou pronta para ser sua, milorde.

— Que Deus me perdoe! — o homem soltou, entredentes, despindo-se com agilidade, os olhos azuis gulosos, o examinando. Então foi colar seu corpo ao dela novamente. — Tem ideia do que faz comigo? Pode imaginar o que quero fazer com você?

— Então faça! — As pernas subiram, meio desajeitadas, para enlaçar o quadril dele.

Benedict as ajeitou e se esfregou no centro dela, Claire arfando com o gesto.

— Eu não devia! Mas é tarde. — Tomando o rosto dela com uma das mãos, beijou novamente sua boca sedenta. — Eu não posso retroceder agora. — Molhando as pontas dos dedos, voltou a manipular o clitóris ainda muito sensível. — Preciso que fique bem molhada para me receber, ruivinha.

Enquanto lhe sussurrava frases desavergonhadas ao ouvido, espalhando beijos por seu rosto, pescoço e provocando os biquinhos que nunca deixavam de ficar rijos, fez com que ela alcançasse outro orgasmo, bebendo seus gemidos com sua boca.

Logo encaixava a ponta de seu eixo entre as dobras escorregadias, detendo-se um instante.

— Quero que relaxe agora, raposinha. Entrarei em você e isso doerá um pouco. Mas prometo que serei cuidadoso. — E a penetrou, sentindo a resistência contra sua invasão e... era delicioso! Em seguida ficou imóvel. Não queria arriscar machucá-la.

Ela arregalou os olhos, em seguida os fechou, jogando a cabeça para trás.

— Olhe para mim, Claire — pediu e ela o fez. — Relaxe, querida. Apenas me sinta enterrado em você. Prometo que a dor logo desaparecerá — acalmou-a com beijos, ainda imóvel. — Minha vontade é de te possuir com força! — confessou com voz grave. — Mas tudo no seu tempo. Ah, doce, Claire! Sonhei tanto com esse momento.

— Eu também, milorde... — ela sussurrou de volta, seus dedos correndo pelos braços dele, até chegarem às suas costas, remexendo-se devagar sob ele.

— Você é uma coisinha muito quente, freirinha — Benedict a provocou, com um sorriso safado, movendo-se lentamente contra ela.

— Isso é ruim?

— De forma nenhuma, anjo! De forma nenhuma! — Pousou seus lábios no ombro dela, mordiscando sua pele e aumentando seus movimentos.

Logo eram um só, movendo-se em cadência. Benedict se sentia zonzinho de prazer. Um sentimento de posse o tomava, enquanto estocava contra ela, sacudindo-a, fazendo a cama bater na parede. Estava descontrolado.

Queria muito ser capaz de lhe dar outro orgasmo naquela noite, mas lhe era humanamente impossível. Quando ela veio, deixou o corpo dela e espalhou suas sementes sobre o ventre dela.

O lorde usou o resquício de força de seu corpo para buscar sua camisa no chão e limpá-la. Então deitou-se de costas e a trouxe para seus braços.

— Por que... se retirou e... fez aquilo na minha barriga?

A pergunta inocente o fez rir suavemente, enquanto lhe beijava o auto da cabeça.

— Porque não quero arriscar colocar um filho meu dentro de você.

Ah! — foi a expressão surpresa e sem jeito que ouviu dela.

— Você está bem?

Claire se aninhou mais ao peito dele.

— Eu nunca me senti tão bem! Talvez... um pouco dolorida, mas... feliz.

Benedict suspirou profundamente, conforme corria sua mão pelos cabelos dela.

— Tem noção do que fizemos, senhorita Mckenzie?

Ela levantou o rosto, com a expressão torcida, para encará-lo.

— Não me chame assim! Ao menos não quando estivermos sozinhos!

Benedict riu.

— Certo: tem ideia do que acabamos de fazer, Claire?

A jovem sorriu, fazendo o coração dele se acelerar.

— Eu tenho. E estou feliz que tenha sido com o milorde...

— Não me chame assim! Ao menos não quando estivermos sozinhos! — ele a imitou.

Claire jogou a cabeça para trás, numa gargalhada.

— Estou feliz que minha primeira vez tenha sido *com você*, Benedict.

A expressão dele se tornou fechada, quase triste.

— Mesmo que eu não possa te prometer nada? Que eu não passe de um devasso?

A moça ergueu o corpo, seus seios se pressionando contra o peito dele.

— Quando estou com o milor... com você acabo me esquecendo de todo o resto.

Os olhos verdes se deleitavam com a paisagem diante dele, os dedos indo contornar os vales delicados.

— O mesmo acontece comigo. — Notou como a pele dela se arrepiava com seu toque e sorriu tenuemente.

Mas esse sorriso morreu quando Claire subiu sobre seu corpo, seu eixo se manifestando rapidamente.

— Eu... posso... fazer de novo... — ela começou, seus olhos baixos, sensuais de uma forma tão natural que ficou duro todo o caminho. — Mesmo que tenhamos acabado de fazer?

Benedict afastou os cabelos dela de seu rosto, buscando sua boca para um beijo.

— Pode. Mas teremos de ser ainda cuidadosos dessa vez. Senão, não conseguirá se sentar pela manhã...

CAPÍTULO DOZE

Os olhos de Benedict se levantaram imediatamente do jornal, quando sentiu a aproximação de Claire. Ela usava um vestido verde, os cabelos presos no alto da cabeça, deixando seu pescoço desnudo, que ele desejou provar o sabor novamente.

Quando o avistou, a jovem deteve o passo por uns poucos instantes, colocando uma mecha de cabelo atrás da orelha, corando e baixando a cabeça. Benedict baixou seus olhos, para disfarçar seu sorriso e sorveu um gole de seu café. Ela não estava tímida assim à noite.

— Bom dia — a moça cumprimentou baixinho, acomodando-se à sua frente.

— Bom dia, senhorita Mckenzie. Teve uma boa noite? — ousou perguntar, fazendo-a ficar vermelha como um tomate e sua respiração se acelerar.

— Minha noite foi ótima... milorde. Obrigada por perguntar.

Phillipa serviu uma xícara de chá para sua pupila.

— Bom dia, minha querida! Espero que esteja bem disposta hoje! Teremos mais algumas aulas de dança! — a viscondessa bateu palmas, animada. — Amo dançar!

— Descobri que também amo, senhora.

— Já você está com uma aparência bem abatida, irmão. Notei assim que chegou à mesa. Não dormiu bem?

Benedict deixou o jornal de lado de vez, cruzou suas longas pernas e seus olhos pousaram em Claire por um momento um tanto longo, que ela evitou encará-lo.

— Na verdade, tive uma noite muito, muito agitada. Mas foi longe de ser ruim — complementou baixinho, sem conseguir conter o sorriso devasso.

— Ah! Tenho uma surpresa! — Phillipa voltou a bater palmas. — Recebi uma carta, dizendo que o duque e a duquesa de Eninston virão nos visitar!

Benedict se engasgou com o café, tendo de tossir algumas vezes para se recompor, levando o guardanapo à boca e Phillipa riu, dando tapinhas nas costas do irmão.

Claire franziu o cenho, confusa com a reação do lorde.

— Perdão, mas quem são? — não conseguiu segurar a curiosidade.

— Meu irmão, sua esposa e o adorável bebê Noah! Estou com tantas saudades deles! Principalmente do pequeno, admito! E Sebastian me mandou te informar que deseja falar com você. — Apontava para Benedict, o tom dela sendo de certa reprovação.

— Eu não sei o que ele tem a me dizer — balbuciou seco e Claire notou a mudança no semblante e no humor dele.

— Talvez por que você tenha *sequestrado* a mulher que ele amava, enquanto ele lutava por sua vida? — soltou a viscondessa.

— Phillipa! — o irmão a repreendeu, entredentes, mas a outra deu de ombros. — Não acho que esse seja um assunto para ser tratado na frente da visita.

Claire manteve seus olhos baixos, tentando absorver o que havia acabado de ouvir.

— Perdoe-me, senhorita Mckenzie, mas Benedict às vezes faz umas perguntas com respostas muito óbvias.

— Tudo bem, viscondessa — balbuciou e buscou pelo olhar do lorde. Que a evitou,

dedilhando sobre a mesa, inquieto.

— Não devo nenhuma satisfação a ele ou a qualquer um!

— Vocês não se viram mais, desde o nascimento do bebê! Eu acho, sim, que precisam conversar! Benedict, você pediu Catherine em casamento!

Ao ouvir isso, Claire se colocou de pé, abruptamente. Benedict fez o mesmo, procurando seus olhos.

— Eu... acho que precisam de um pouco de privacidade para conversarem. — E deixou o lugar apressadamente.

— Maldição! Viu o que fez, com essa sua boca grande, Phillipa? — Saiu pisando duro rumo ao seu cavalo.

A viscondessa piscou várias vezes, confusa.

— Mas o que eu fiz?

A porta bateu com estrondo atrás de Claire.

— *Eu não posso fazer de você uma mulher decente, porque não pretendo me casar!* — ela repetia as palavras dele, na noite passada. — Bastardo! Filho do cão! — Indo até a cama, agarrou um travesseiro e abafou um grito com ele.

Estava tão furiosa, quanto ferida. E sentindo-se enganada. Será que havia sido burra o suficiente para cair na conversa daquele... devasso? Que ele queria apenas levá-la para a cama?

Outro pensamento lhe passou pela mente. Esse ainda mais chocante. E o lorde não pensava em se casar, por que... era ainda apaixonado pela agora cunhada?

Claire se sentou na cama, mordendo a ponta de seu dedão. Seria por isso que o homem era daquele jeito? Que vivia por bordéis, atrás de sexo fácil? Então por que havia se envolvido com ela? Para usá-la na cama e tentar esquecer o verdadeiro amor de sua vida?

Ela odiava chorar. E por isso ficou ainda mais furiosa quando notou lágrimas escorrendo por sua face.

O dia foi um verdadeiro inferno para Benedict. Não estava nem um pouco ansioso para ver o irmão e sua família. E tinha ainda aquela bagunça que sua irmã havia feito! Por Deus, como resolveria aquilo?

Agora, enquanto se olhava no espelho em seu aposento, suspirou. Havia uma sensação nova e estranha repercutindo em seu peito naquele momento. Em sua língua, um sabor amargo de rejeição que voltava a sentir, em sua mente, a perturbação de não ter sido escolhido. Mas, na contramão de tudo isso, vinha um novo sabor, doce como chocolate e quente como o calor que se espalhou por todo seu corpo quando se lembrou de Claire. Da noite passada juntos, de sua entrega, do seu sabor.

Por Deus! Benedict era um homem que nunca perdia o controle de nada, levava a vida com alegria, mas não se deixava adentrar demais na felicidade, pois em seu íntimo, tinha medo de se perder.

Ainda não havia tido oportunidade de conversar com Claire. Desconfiava de que ela estava furiosa com ele. E não podia dizer que ela não tinha razão.

Alguém bateu à porta. Indicou que entrasse e o mordomo de Phillipa apontou na porta.

— Lorde St. John, seu irmão chegou. Ele o espera na sala de estar. Minha senhora pediu para avisar. — Retirou-se tão rápido quanto chegou.

É certo, às vezes até mesmo um lorde compenetrado como Benedict precisava se recompor. Tantas situações a enfrentar. A noite seria longa. Ele respirou fundo algumas vezes,

mirou-se novamente e arrumou uma mecha de cabelo escuro que escapara do alto da cabeça.

Passou pela porta do quarto de Claire, mas deduziu que ela não se encontrava ali.

Enquanto descia as escadas, o lorde pensava como deveria se comportar, porque a ironia e o sarcasmo estavam em sua alma, mas não tinha muita certeza se deveria mesmo tratá-los dessa forma. Bom, que Deus o ajudasse!

Catherine e Sebastian conversavam animadamente com Phillipa e Claire, e as três mulheres estavam focadas no bebê adormecido de apenas quatro meses, a quem a mãe levava nos braços. Mas, quando Benedict entrou na sala de estar, todos pararam imediatamente de conversar ao vê-lo. A duquesa engoliu em seco, mas manteve o rosto ameno, enquanto embalava o filho. A senhorita Mckenzie não se abalou em levantar os olhos para encará-lo. Isso era um mau presságio. Era por demais estranho ver as duas lado a lado.

Sebastian ficou em pé rapidamente, e quando o irmão se aproximou, encararam-se por alguns segundos. Era visível a tensão naquela sala, mas um deles deu o primeiro passo. O duque ofereceu a mão, esperando que recebesse um cumprimento.

Benedict teve milhares de pensamentos passando por sua mente naquele instante, mas, ironicamente, nenhum deles era sobre rejeitar o irmão. Sua mão apertou a de Sebastian, e o presenteou com um sorriso discreto.

— É bom vê-lo, irmão. — Sebastian deu um tapa leve nas costas dele, e o indicou para se sentar. Ele não esperava que Benedict fosse educado o suficiente para distribuir sorriso à sua esposa e o restante da família, mas nem iria exigir isso dele. — Confesso que recebi com surpresa a notícia que havia abandonado Londres e vindo para Bristol. O que o atrai nesta cidade verdadeiramente, Benedict? — O duque o olhou desconfiado.

O olhar do lorde pairou sobre todos, mas dançou sobre o rosto de Claire, que corou lindamente.

— Muitas coisas. Mas em especial o tom alaranjado do sol no fim de tarde. Na minha opinião, nada se compara ao pôr do sol de Bristol. — Seus olhos brilhavam de... Paixão? Porque era óbvio que ele não falava do alaranjado do sol, e sim de um emaranhado de cabelos do mesmo tom. Mas a pessoa a quem era direcionado o comentário não esboçou nenhuma reação. Benedict ficou subitamente sem graça e ia desviar do assunto, quando a irmã se interpôs.

— Deixe-me colocá-lo a par de tudo, Sebastian. Acredite ou não, Benedict está trabalhando, e tem acordado cedo diariamente — Phillipa comentou orgulhosa.

Sebastian riu alto.

— Isso é realmente uma grande novidade. Sobre os negócios de Henry, é uma pena não o encontrar. Mas tenho certeza de que Benedict me mostrará tudo.

— Por que não deixamos as mulheres conversando e vamos até o estaleiro? Voltaremos antes do jantar — Benedict ofereceu animado.

— Ficará bem? — Sebastian perguntou a Catherine com um olhar de ternura.

— Vá tranquilo — ela o acalmou. Sorriu e voltou a conversar com a cunhada e a senhorita Mckenzie.

Os irmãos deixaram a casa e saíram para o tempo escaldante da cidade do interior.

Claire não conseguia parar de admirar a duquesa. Podia entender porque Benedict havia se encantado por ela. Era uma mulher muito bonita, delicada e doce. Não conseguia sentir antipatia por ela, até mesmo porque não era culpada de nada.

O alto verão da Inglaterra era sufocante, mas só por ter mais árvores naquela cidade, já

fazia tudo valer a pena. Quando Sebastian e Benedict se aproximaram dos cavalos que um criado segurava, o duque fez uma expressão de confusão.

— Não me diga que iremos cavalgando? — seu tom era de surpresa.

— Achei que estivesse saudável o suficiente para cavalgar, mas posso pedir uma carruagem rapidamente e...

— Estou completamente saudável! — o duque rebateu, revirando os olhos, pegando a alfinetada do outro. Afinal, ele nunca deixaria de ser... Benedict. — Podemos ir. — Sebastian subiu no cavalo com rapidez e maestria, enquanto o irmão fazia o mesmo. — Vá à frente.

— Não fica muito longe daqui. É perto o suficiente para me fazer acordar todos os dias de manhã e ir até lá — Benedict brincou, ataçando o cavalo. — Fiquei surpreso com sua carta — comentou, quando trotavam lentamente.

Sebastian cumprimentou alguns pescadores que passaram por eles e se voltou ao irmão.

— Pensei que talvez fosse uma boa oportunidade de reatar velhos laços. — Ergueu uma sobrelanceira, tentando fazer graça ao outro.

Benedict bufou com um sorriso em seguida.

— Não temos velhos laços. — Gestou com uma das mãos, com desdém. — Diga-me, vossa graça. Em qual momento de nossas vidas fomos verdadeiramente irmãos? Porque eu só me lembro de que mal conseguíamos permanecer no mesmo local por mais de cinco minutos.

— Quando éramos crianças! — o duque argumentou.

— Isso foi há tanto tempo. Alerto-o. — A voz de Benedict soou mais grave. — Não toque em feridas que não foram totalmente suturadas — era de aviso mesmo, mas havia algo a mais em seu olhar, um brilho divertido talvez...

Tentando se manter sério, Sebastian balançou a cabeça concordando, e deu de ombros.

— Acho que a verdade é que nunca falamos sobre o fato de que tentou roubar minha esposa. — Antes que o irmão dissesse algo, Sebastian riu. — Ora, estou brincando. Isso definitivamente ficou no passado, porque vejo perfeitamente que tem uma mulher em sua vida.

Como ele sabia? Dera sinais? Demonstrara?

— Do que é que você está falando, homem? — guinchou, sentindo-se incomodado. Não gostava de ter sua privacidade invadida. — Na verdade, não há espaço para nenhuma mulher em minha vida — balbuciou sem muita firmeza, já que mentia.

— E a senhorita McKenzie? — Benedict se surpreendeu com a perspicácia do duque. Ele era assim tão transparente? — Ah, e não sou ingênuo, Benedict! Você estava claramente falando do cabelo da jovem. — Gargalhou, jogando a cabeça para trás, diante do desconforto do outro. — Logo reconheci que a cor do sol convinha com a cor dos cabelos dela.

Benedict ficou inquieto e desviou o olhar. Limpou as gotas de suor que se acumulavam em sua testa. Havia sido tolo assim ao falar daquela maneira? Será que Claire também compreendera? Porque era a única a quem desejava passar a mensagem.

— Estamos chegando, vire à direita. — Mudou de assunto, porque não tinha nenhuma resposta boa para dar.

Eles desceram do cavalo, amarraram numa madeira perto do estaleiro e foram caminhando.

Sebastian observou o navio em construção e depois olhou ao redor e torceu os lábios em desaprovação.

— É este o lugar?

— Não me diga nada, eu sei que precisa de reparos. Henry não foi muito atencioso com os trabalhadores, mas quero dar um trabalho digno a eles, embora talvez eu nem saiba

diretamente o que é isso.

— Acho que sei do que esse lugar precisa — o duque comentou, de braços cruzados, encarando Benedict, que o fitava com atenção. — Investimentos.

— Sabe que não tenho condições de investir tanto assim. O lugar precisa de novos abrigos para os trabalhadores, madeira, pregos, e materiais para construção. E para ser sincero... Almejo algo. — Ele apontou para o grande navio em frente a eles. — Navios a vapor de ferro, para aventuras nos mares.

Sebastian franziu a testa, talvez o considerando louco.

— Acho que sei como resolver seu problema, irmão.

— Como? Vai se tornar meu sócio? — Benedict debochou suspirando desanimado.

— Sim, eu vou — o duque disse simplesmente, deixando o irmão pasmo. — Bom, se quiser, é claro. — Deu um pequeno soco no ombro do mais novo. — E se Henry aceitar também, logicamente. Podemos fazer deste local insalubre um estaleiro de embarcações luxuosas.

O coração dele bateu descompassado no peito, com expectativa. Era isso mesmo? Sebastian estava disposto a investir em seu negócio?

— E irá confiar em mim para administrar sua parte e a minha? Uma vez que mora tão distante! — provocou-o.

Um sorriso irônico nos lábios de Sebastian.

— Confiarei. No entanto, se acaso me roubar, eu o caçarei por terra e mar — brincou, dando as costas a ele e voltando ao cavalo. — Vamos. Me mostre melhor esse lugar.

CAPÍTULO TREZE

Um jantar comum entre família. Como há muito tempo não se via. Faltava apenas Anthony, que estava de volta à Índia, para terminar seus estudos. Todos conversavam ao mesmo tempo, o bebê chorava no colo de Catherine, que o ninava, enquanto Claire e Phillipa tentavam ajudar de alguma forma. Benedict e Sebastian também conversavam sobre negócios.

Eram uma família.

E era estranho como o sentimento anterior de Benedict não estava mais lá. Não existiam mais os sentimentos amargos do ressentimento, do constrangimento, da rejeição... Nada. Bem, ele só não poderia ser hipócrita em dizer que estaria em breve convivendo com Catherine e a tratando com amizade que se tem com cunhadas normais... Mas ele havia decidido ser ao menos cortês com ela. Era esposa de seu irmão, mãe de seu sobrinho, e uma boa pessoa. Que tinha muito a ver com sua mudança.

E agora havia outra... Mulher em sua vida. Bom... esperava que ainda houvesse. Ela estava do outro lado da mesa, rindo baixinho, agora entre colheradas de doce que deslizavam entre seus lábios... E a mente de Benedict se encheu de imagens pecaminosas... Como se esses mesmos lábios pudessem deslizar por seu corpo...

Santo Deus! Ele limpou a garganta, tentou voltar a atenção ao que o irmão dizia e cruzou as pernas para esconder uma ereção inconveniente que surgia. Tentou afastar aqueles pensamentos eróticos, mas, bastava um olhar para sua doce ruivinha que sua mente fervilhava.

Não era correto considerar profanar a senhorita McKenzie sobre aquela mesa, arrancando-lhe as roupas como um animal, e afundar os lábios entre suas pernas... Respirou fundo, bebeu vinho e tentou pensar... em porcos espinhos... Porque eram estranhos e inibidores de apetite sexual. Qualquer outra coisa que não fosse o corpo nu de Claire sob o dele. Sobre o dele.

Mais tarde, depois que todos foram dormir, o próprio Benedict se deteve na biblioteca, esperando o momento certo para subir e tentar conversar com Claire. Ela não lhe dirigira um olhar, uma única palavra durante a noite toda. Ouviu sons vindos da cozinha e resolveu ir até lá. Quem sabe fosse sua ruivinha?

Quando se aproximava, notou uma vela acesa, e caminhou devagar. Percebeu a sombra de uma mulher, que logo se assustou com sua presença.

Era Catherine.

— Perdão. Eu não sabia que estava por aqui...

— Tudo bem, só estou amornando o leite do bebê. — Ela olhou para a panela no fogo e para o cunhado, e sem alternativa, pediu ajuda. — Pode segurá-lo? Só preciso encher a mamadeira.

Contrariado, Benedict prendeu a respiração, mas esticou os braços, e recebeu o bebezinho que logo se agarrou às suas roupas, seu cabelo, sua bochecha, mas que gostou do seu nariz. E naquele momento o lorde pensou que bebês vinham com alguma poção mágica que fazia as pessoas se encantarem, pois ele mal pegara o pequeno, e já se sentia estranho...

— Como é mesmo o nome dele?

— Noah.

— Ah, sim. Isso.

— Ele gostou de você, Benedict. — Catherine sorriu com ternura.

— Ele parece meu irmão — comentou ele, segurando desajeitadamente a mãozinha do sobrinho.

— Também terá um bebê que se parece com você.

Benedict franziu o cenho. De onde vinha aquilo? Ele não queria filhos!

Ela terminou de preparar tudo, tomou o filho nos braços e encarou o cunhado.

— Mudou muito, milorde. E isso é bom. — Mais um sorriso. — Tenha uma boa noite.

Ela se foi.

Ele ficou olhando para a luz da vela, totalmente aturdido, sentindo uma sensação estranha. E tudo o que ele pensava era que precisava estar com Claire. Dessa forma, aguardou o tempo que achou suficiente para a cunhada adentrar em seus aposentos e subiu as escadas, de dois em dois degraus e foi bater na porta da ruivinha.

Bateu suavemente à porta e achou que ela não atenderia, pelo tempo que demorou para abrir. Quando enfim surgiu à soleira, vestia uma camisola fechada até o pescoço e um penhoar por cima. Aquilo queria dizer alguma coisa. Sua expressão também era fechada.

— Deseja alguma coisa, milorde? — foi sua pergunta seca.

— Sim. — Ele se recostou no batente, olhando-a com olhar de cachorrinho. — Você.

— Acho que o senhor errou de quarto. O quarto da duquesa fica a algumas portas daqui.

— Apontava.

Benedict suspirou e entrou no aposento, quando ela se afastou, caminhando duro e de braços cruzados.

— Vim para explicar-lhe toda essa situação.

— Eu poderia dizer que não me deve explicação nenhuma. Mas seria mentira — Claire atacou, impetuosa. — Uma vez que me entreguei ao senhor.

— Sim, você tem toda razão sobre isso.

A resposta dele a desarmou. Ela abriu a boca, como se fosse dizer algo, então se interrompeu e foi se sentar na beirada da cama, as mãos sobre o colo.

Depois, com um suspiro, começou.

— O senhor me disse que não pode me tornar uma mulher honrada, porque não pretende se casar... Mas ia se casar com a duquesa. Por que comigo não, milorde? — terminou baixinho.

Benedict enfiou as mãos nos bolsos e sentou-se ao lado dela, cruzando as longas pernas pelos calcanhares.

— O problema não é você, Claire. Sou eu. As circunstâncias eram outras. Eu era outra pessoa. Confesso que a beleza de Catherine me chamou a atenção, num primeiro momento. Entretanto, notar o interesse de meu irmão nela foi o que me deixou ainda mais aguçado em tê-la.

— Como assim?

— Para poder entender tudo, preciso te contar um segredo sujo da minha família. Sebastian não é um filho legítimo. Infelizmente, nossa mãe foi abusada e acabou engravidando. Meu pai então assumiu esse filho como dele, para que ela não caísse em desgraça. Só descobri isso mais tarde e isso me tornou um ser revoltado e achava que o ducado deveria pertencer a mim, uma vez que ele não tinha o sangue do meu pai.

— Meu Deus! Eu não imaginava isso!

— Por essa razão se iniciou meu interesse pela agora duquesa. Porque eu queria atingir

meu irmão, de qualquer forma. — Ele correu a mão pela nuca, parecendo um tanto desconfortável. — Confesso que esse interesse se tornou genuíno, após conhecê-la melhor.

Claire segurou a respiração. Ele estava confessando estar realmente apaixonado pela cunhada? Ela engoliu em seco e baixou seu olhar para suas mãos.

— Se você a conhecer direito, verá que é um ser especial. Catherine tem muito a ver com a minha mudança. Eu não posso negar isso. Ela me fez sentir vergonha do tipo de homem que eu era e ter vontade de ser alguém melhor.

Claire sentia os olhos arderem. Se aquilo não era uma confissão de amor...

— Você ainda é apaixonado por ela? — perguntou num fio de voz, porque precisava ouvir as palavras da boca dele.

— Não mais — respondia com segurança.

Benedict se colocou de pé, tomou-lhe as mãos, fazendo-a ficar à sua frente.

— Eu estava afundado na miséria profunda, tentando me destruir, depois que Catherine escolheu Sebastian a mim. — Um sorriso de lado se forçou em sua boca e ele deslizou um dedo pela face dela. — E era isso que eu estava tentando fazer, quando uma freirinha invadiu meu quarto e bagunçou toda a minha cabeça.

Claire levantou seus olhos esperançosos para ele.

— Desde então você habita minha mente, como um vício que eu não consigo e não quero largar. Acho que o seu beijo... — balançou a cabeça de um lado para o outro, como se ponderasse uma ideia. — E o seu chute nas minhas bolas colocaram meu cérebro no lugar.

Um sorriso largo se manifestou no rosto dela.

— Acho que nunca me desculpei por esse evento. Mas creio que o senhor mereceu.

— Sim, eu mereci. Mas, entenda! Como eu poderia ficar indiferente à boca bem feita? — Ele colocou os braços dela em torno do seu pescoço, os olhos sobre os lábios róseos. — Não sabe que eles são tentadores? — sussurrou, deslizando o polegar por eles e ela o mordeu de leve.

— Você realmente pretendia se casar com ela?

— Sim, mas agora agradeço que tenha me recusado. — Sua frase continha um tom de tristeza. — Confesso que hoje me acho um homem um pouco melhor, mas eu era um sujeito detestável até há pouco tempo. Mas, ainda assim, não acho que seria um bom marido.

— Por quê? Acha que não seria um homem fiel?

— Tenho um caráter tão duvidoso que nem eu mesmo me conheço, Claire. Como poderia condenar uma mulher tão especial como a senhorita, a um futuro com um desconhecido, até para mim mesmo? Não passo de um perverso. Um devasso. E eu gosto demais de você para desejá-lhe algo assim. O que posso lhe oferecer, são nossos momentos roubados nesse quarto. Mas entenderei se quiser parar por aqui...

Em reposta, Claire ficou nas pontas dos pés, segurou o rosto dele e o beijou profundamente.

— Tem ideia do que seu beijo faz comigo? — a voz dela soou rouca.

— Não tenho — provocou-a. — Mostre-me.

A moça baixou a cabeça, brincando com os botões da camisa dele.

— Eu... não sei o que poderia fazer, milorde.

— Terei prazer em te orientar, meu anjo.

Um sorriso devasso passou pelos lábios róseos.

— Tudo bem. Eu aceito.

Foi a vez de Benedict sorrir. Depois de um breve beijo, o lorde se afastou e sentou-se numa poltrona, as pernas longas separadas.

— Começando tirando sua roupa para mim.

Claire brincou com os cordões na frente da chemise. Então os soltou, bem vagarosamente, os olhos mortiços. Em seguida deixou a peça correr por seus ombros, revelando sua nudez.

— Mas olhe só que audácia, senhorita! Sem nada por baixo?

— Eu sabia que o milorde viria me ver, então... — deu de ombro.

— Ah, Claire! Você é uma coisinha muito deliciosa! — Benedict dizia, seus olhos gulosos examinando cada curva do corpo bem-feito.

— O que faço agora, meu senhor?

— Venha até mim. — Sinalizava com os dedos.

A jovem baixou o corpo, até estar de joelhos e vir engatinhando até ele, os olhos cheios de promessas sensuais. Ele prendeu a respiração por alguns segundos. Aquela garota era pura tentação!

Ela parou à frente dele, as mãos apertando suas coxas.

— E agora? — a voz dela era baixa, sensual, os olhos semicerrados. Era sexy naturalmente.

— Primeiro me beije. — Segurou seu queixo e a trouxe para um beijo possessivo. — Agora abra minha camisa — pedia, enquanto seus dedos beliscavam um mamilo escuro.

Claire abriu um por um dos botões, afastando a peça e admirando o peito de músculos bem moldados, cobertos por uma fina camada de pelo sedoso. Antes que ele lhe desse a próxima orientação, ela começou a explorar sua pele com os lábios. Foi beijando o pescoço dele, descendo por seu tórax, até alcançar o abdômen, observando a respiração dele se acelerar.

— E agora?

— Abra minhas calças.

Claire baixou seus olhos para o volume entre as pernas dele e tornou a morder os lábios. Abriu a peça e o eixo dele saltou, fazendo-a soltar um risinho de surpresa. Levantou os olhos para ele, esperando seu comando.

— Pegue-o em suas mãos.

Ela o fez e ele adicionou sua mão, apertando e fazendo movimentos de subir e descer.

— Por Deus, Claire! Você o sente pulsar?

— Sim! — murmurou, encantada com o poder dele em suas mãos.

— Você gostaria de colocá-lo em sua boca?

— Por que eu faria isso?

— Porque me dará muito prazer! Não faz ideia do quanto! — a voz dela soava agoniada. — E você pode gostar também...

Antes que ele terminasse de falar, Claire o tomou no interior de sua boca, fazendo-o ofegar e soltar um palavrão. Colhendo os cabelos dela com uma das mãos, orientou-a como chupá-lo.

— Santo Deus! Isso... isso é bom demais!

Os gemidos que saíam da sua boca o deixavam ainda mais louco, à beira do descontrole. Quando sentiu que poderia não suportar mais, puxou-a pelos ombros, seu membro saindo de sua boca com um som molhado. Surpresa, Claire se viu sendo arrastada para a cama, posicionada de quatro na beirada da cama e ser invadida abruptamente, ouvindo-o grunhir enquanto a invadia. O prazer a alcançou automaticamente e ela gemeu alto. Benedict nunca a havia possuído de forma... selvagem. E ela adorou aquilo. Tanto que a assustou.

O lorde desferiu um tapa na nádega roliça, deixando-a avermelhada. Então a segurava

pelos quadris, invadindo-a, fazendo-a sua. Quando sentiu que viria, saiu do corpo dela e deixou suas sementes se espalharem pelo traseiro arrebitado e bem-feito, com um último grunhido agoniado.

Claire se deixou cair sobre os lençóis, esgotada, mas sorrindo satisfeita. Sentiu-o limpá-la e então a trazer de joelhos à sua frente, abraçando-a forte com seu peito. Ela podia sentir a respiração pesada dele com seu corpo. Benedict encheu seu rosto de beijos, os deles entre seus cabelos.

— Perdoe-me se fui muito bruto, amor. Você me deixou fora de mim!

— Não sei se é errado, mas... eu gostei, milorde. Me fez sentir mulher de verdade... de alguma forma.

— Nada é errado entre nós, Claire! Nada!

Benedict passou o dia no estaleiro, e agora se deleitava com um banho relaxante. Mas algo o preocupava. Não era um especialista em contabilidade, mas estava desconfiado que as contas da construtora de navios do cunhado não estavam batendo. E o que mais lhe preocupava é que não sabia se isso era culpa do próprio Henry, ou do contador que ele contratara.

Precisava conversar com os dois e descobrir, porque algo não estava certo, e também, aparentemente, depois de uma reclamação de um carpinteiro, os pagamentos dos funcionários estavam atrasados há meses.

Uma coisa que o lorde não tolerava era desonestidade. Sempre foi um homem correto, tanto em suas finanças, quanto em qualquer área de sua vida, embora não estivesse incluso o fato de que às vezes desejara a mulher do próximo...

Havia trazido alguns balanços dos últimos meses e gostaria muito de analisá-los com atenção no dia seguinte, já que não iria ao estaleiro porque era sábado. E tinha outros planos para aquele dia, do tipo convidar a senhorita McKenzie para passear de barco e lhe dar alguns beijos ousados... E também, havia algo que pretendia lhe comprar no dia seguinte. Algo delicioso, que por certo agradaria a jovem e consequentemente a ele também.

Pensando novamente em Henry, Benedict considerava que o cunhado andava estranho e não era de hoje. Assim como sua viagem repentina foi estranha, e sua ausência alongada também. Obviamente não tinha nada contra o homem, pois era um sujeito que não lhe fazia mal, mas... O que era aquilo que deixava uma sensação ruim em seu peito a respeito dele? Um pressentimento, talvez?

Não deveria desconfiar das pessoas, ainda mais de membros da família. Sua irmã amava o marido, e ele não tinha direito de desconfiar dele. Mas, sobre o possível desvio de dinheiro, sim, iria atrás. Um lorde, pensava ele, deveria ser honesto em seus negócios, e o fato de que trabalhadores, estavam sendo prejudicados por isso, deixava Benedict ainda mais inconformado e revoltado. Imaginava também, como Phillipa ficaria decepcionada se fosse confirmado o desvio.

Bem, já era tarde, e deveria dormir, mas o assunto não o deixava em paz. Depois de terminar o banho e se vestir, Benedict foi até sua escrivaninha, onde, à luz de uma vela, leu alguns contratos, balanços e a parte da contabilidade. Estava ansioso e sabia que não suportaria deixar para outro momento. Correu os olhos pelos números, comparando os meses, e simplesmente não pareciam coerentes entre si. Havia brechas consideráveis e era por isso que as contas não fechavam corretamente no final de cada mês. Algumas vezes, o saldo era quase negativo.

Por Deus! O negócio de Henry estava falindo!

Benedict passou a mão pelos cabelos, nervoso, e soltou o ar dos pulmões, ainda sem acreditar no que estava vendo.

A pergunta que lhe vinha à mente subitamente era, por quê? Quais os motivos que levavam Henry a fazer tal coisa? Para que ele desviava tanto dinheiro? Pior ainda, era pensar que mesmo desviando dinheiro, aparentemente a vida de Phillipa e o marido era boa, abastada e confortável. Estava confuso, e queria respostas.

Será que Henry fugira? Havia desistido do negócio e entregado ao cunhado apenas por que estava fadado ao fracasso? Então, o homem era um covarde? Isso levou Benedict a pensar em muitas coisas naquele momento, mas, o que mais o preocupou foi sua irmã. Por que o que aconteceria com ela se o marido não voltasse? Era bem provável que Henry escondia muita coisa dela. Aparentemente, de todos, possivelmente. Benedict não queria ver a irmã na ruína. Phillipa merecia o melhor. Mas e se o melhor não fosse Henry?

Encontrava-se perdido. Dividido entre levar a fundo aquela história e descobrir a verdade, mesmo que prejudicasse o casamento da irmã, ou deixar daquela maneira e fazer com que nada aconteça com o casamento de Phillipa. Sacrificar a vida que a irmã sempre sonhou? Ou descobrir toda a sujeira de Henry?

Oh, Deus! Por que tinha de ser justamente ele a descobrir tudo aquilo? Logo ele? O lorde mais inconsequente de toda Inglaterra! Tinha uma suspeita muito grave em suas mãos, que podia destruir a vida perfeita de um casal, ou simplesmente enfiar tudo numa cova e fazer-se de desentendido.

Já era tarde, e Benedict deixou as folhas de lado. Considerou se era tão tarde o suficiente para que Claire ainda estivesse adormecida. Bem, por que não ir até ela? Queria conversar com alguém, e talvez, dar e receber um pouco de prazer. Deixou seu quarto e foi até o dela, batendo de leve à porta. Ela abriu, vestida com uma camisola casta e os cabelos desganhados.

Maravilhosa!

Quando ela abriu a boca para dizer algo, viu que era Benedict.

— Perdoe-me, senhorita — gracejou. — Não sei o que aconteceu. Estava indo para o meu quarto, mas acho que errei de porta...

Claire agarrou a gola da camisa dele e o puxou para dentro, fechando a porta e o encostando nela.

— Não. O senhor está no lugar certo. — E o beijou com volúpia.

Benedict absorveu aquele beijo, correndo suas mãos pelas costas dela. Quando pretendia avançar um pouco mais, ela se afastou.

— Agora sente-se enquanto arrumo meu cabelo. — Ela foi até o espelho, mas com o canto de olho viu-o cheirando seu travesseiro. Franziu a testa sem entender. — Por que está fazendo isso?

— Cheira a amoras. Seu cabelo tem esse cheiro? Venha cá, deixe-me sentir. — Benedict a puxou e a fez cair sobre suas pernas. Passou os braços em volta da cintura dela e inalou o perfume das madeixas ruivas. — Me lembra uma tarde de verão em minha propriedade no campo.

— Tem uma propriedade no campo? — Claire sorriu, acariciando o rosto recém-barbeado dele.

Benedict assentiu, beijando o pescoço dela, provocando-lhe cócegas.

— Fica em Hampshire. Mas não a visito há muito tempo. Acho que você adoraria o lugar. Tem muita grama, alguns animais e uma casa não tão luxuosa como eu gostaria, mas confortável — ele explicou, contando em seguida os detalhes.

Para Claire era tudo fantástico, pois a paisagem da Inglaterra era linda, e sonhava intimamente que pudesse viver em um lugar assim, mas nunca diria isso a ele.

— É muito rico, então, milorde? Sua família é, pelo que parece. — Brincava com o botão da camisa dele, sem encará-lo. — Nunca me importei com dinheiro. Até porque nunca tive muito acesso a ele.

Ele, sim, se importava com dinheiro, ainda mais naquele momento.

Trocaram alguns beijos cálidos, enquanto ele subia a barra da camisola dela para acariciar suas coxas roliças.

CAPÍTULO QUATORZE

Benedict St John era sagaz. Sabia que a irmã não aceitaria o convite para o passeio, pois estava ocupada com problemas da igreja. E por isso, ela prontamente disse que ele deveria levar Claire de qualquer maneira. O lorde apenas disfarçou o sorriso sorrateiro em seu rosto e concordou. Ele se perguntava se Phillipa suspeitava de algo a respeito dos dois, pois estavam se encontrando às escondidas pela casa, e isso era considerado muito errado. Benedict não era uma pessoa ruim, embora ainda fosse um devasso, não pensava em abandonar Claire, e tomava todos os cuidados para não a engravidar.

Os tempos eram outros, mas ainda assim a sociedade valorizava uma mulher inocente e virgem em idade casadoura. Benedict havia roubado isso da jovem. Tomara para si, tudo que ela deveria destinar ao futuro marido. Mas, a verdade é que o lorde estava seriamente considerando... aprofundar a relação com Claire. Dentro de todos os parâmetros.

Naquela tarde, a senhorita McKenzie, usando um vestido azul-céu, os cabelos caindo sobre os ombros, e portando um sorriso que fazia o coração de Benedict disparar, encontrou o lorde na sala de estar, e ele a olhou assustado, pois cada vez que a via, parecia ainda mais bonita. Seria algo na mente dele?

— Está encantadora, Claire! Ah, não preciso alertar para que se comportem, certo? — Phillipa recomendou, mas logo sorriu. — Vou sair também, mas não me divertirei tanto quanto vocês. Não esqueça seu chapéu, menina.

Claire havia deixado a peça sobre o sofá, e logo o colocou na cabeça, animada.

— Não se preocupe com nada, irmã. A senhorita McKenzie estará segura comigo — Benedict comentou, com uma pitada de ironia.

A jovem ruiva revirou os olhos, mas nem teve tempo de dizer nada, porque o lorde logo a conduziu para fora. Quando chegaram à rua, sentiram imediatamente o calor os recepcionar, em uma breve lembrança de que estavam no verão da Inglaterra. Provavelmente um dos mais quentes dos últimos anos.

— Vamos caminhar? — ela perguntou, curiosa.

— Chamá-íamos muita atenção. Vamos de carruagem. — Levou-a até o veículo parado na rua ao lado e a fez entrar. Sentou-se, então, ao lado dela. — Oh, espere. Agora que a luz do sol bateu em seu rosto, consegui perceber que há sardas em sua pele.

Claire colocou as mãos sobre as maçãs do rosto e logo pareceu desconfortável.

— Sei que elas são feias. Tento escondê-las com pó de arroz. Mas hoje... Eu só quis ser eu mesma. — Suspirou, abaixando o rosto.

Benedict tirou delicadamente as mãos dela das bochechas, e acariciou a pele macia com o polegar.

— Por Deus, mulher! Não sabe o quanto é linda? A mulher mais linda que já conheci! — o elogio soou tão sincero que até ele se assustou. O polegar deslizou pelos lábios rosados e o homem sentiu seu membro enrijecer. — Sei que o lugar é totalmente impróprio, mas sinto um enorme desejo de remover suas roupas e fazer amor com você. — Ao ver o assombro no rosto dela, Benedict sorriu. — Não farei isso, porque mesmo sendo um libertino, ainda sou um

cavalheiro.

— Agradeço por isso, milorde. Não deve ser muito confortável fazer amor numa carruagem. Não consigo... imaginar a dinâmica da coisa.

Ele riu, segurando a mão dela e a beijando. Claire era tão ingênua, mesmo que possuísse muita curiosidade enraizada em seu corpo. Ela sempre queria saber mais, sempre estava disposta a ir além, e isso o deixava fascinado. Uma mistura curiosa entre devassidão e puritanismo, que no fim das contas formava um conjunto delicioso. E Benedict precisava confessar. A imagem de Claire vestida de freira ainda o atormentava. Era como um... Atiçador de desejo sexual. Se naquela época soubesse que corpo perfeito existia por baixo daquele hábito sem graça, teria provavelmente a convencido a não sair daquele quarto tão fácil.

— Fale alguma banalidade ou perderei a razão, Claire. — Benedict pegou o leque da mão dela e começou a se abanar, correndo o dedo pelo colarinho, como se esse o enforcasse. Isso provocou uma gargalhada nela. — Está muito calor ou sou eu?

— Pense em coisas refrescantes, como neve. Imagine que esteja rolando na neve! — Ela riu, revelando o sorriso bem desenhado.

— É difícil pensar em neve, quando tudo o que quero é vê-la nua.

— Milorde! Tenha cuidado com suas palavras...

— Ninguém vai nos ouvir daqui, minha senhorita!

Ele a encarou e encontrou um sorriso lascivo nos lábios dela.

— Não era sobre isso que eu estava falando... — ela pousou a mão sobre a coxa dele, fazendo uma leve pressão. — Posso ter... curiosidade de descobrir a *dinâmica* da coisa toda.

Ele respirou fundo, pegou o lenço que carregava no bolso e secou o rosto.

— Por todos os Santos, Claire! Você não está me ajudando! — Para sua sorte, a carruagem parou nesse mesmo instante. — Chegamos! Graças a Deus! — terminou, num balbúcio, ouvindo outro riso dela, enquanto descia. — Eu a ajudo a descer.

Havia muitas pessoas sentadas e alguns barcos pequenos na água. Parecia que todos ali tiveram a mesma ideia que eles, de irem passear naquele lugar. Mas não era um problema, mesmo que muitos os vissem.

O verdadeiro problema seria se Londres os vissem, pois as pessoas de Bristol não os conheciam, então não teriam muito interesse em falar da vida deles. Bom, era o que eles esperavam.

— Gostaria de passear de barco? — sugeriu ele.

Claire mordeu o lábio, pensativa. Contaria a ele que tinha medo da água? Porque, quando era pequena, estava brincando na beirada de um rio e simplesmente caiu na água. Quase se afogou. Isso a traumatizou de uma maneira que nunca mais conseguiu entrar na água, por mais rasa que fosse. Mas se contasse... Benedict ficaria decepcionado, porque ele havia planejado tanto isso!

— Eu adoraria! — ela confirmou sorrindo.

Ele a deixou sozinha um momento enquanto ia alugar um barco pequeno para os dois. E Claire levou a mão ao peito, suspirando, pensando se era verdade mesmo tudo que estava vivendo com Benedict. Simplesmente não compreendia o que era aquilo que acontecia em seu coração quando estava ao lado dele. Era como morrer e voltar à vida. Era um estado de quase morte, mas era tão bom! Pensava o tempo todo, e mesmo que Phillipa estivesse determinada a levá-la à Londres e colocá-la na temporada, Claire sentia que... Seu caminho era outro.

Alguns minutos depois, Benedict voltou remando o barco de madeira, e parou no píer. Ofereceu a mão a ela, que prendeu a respiração antes de entrar no flutuante instável. Sentou-se e

sorriu mesmo com medo. Ele começou a remar para se afastar da margem, e Claire tentou relaxar, embora estivesse completamente dura, com as mãos nas laterais do barco, e as pernas afastadas. Se Benedict percebia o nervosismo dela, não dizia nada, pois continuava a remar com empenho.

— Por isso tem os braços tão fortes, milorde. É um bom remador — ela comentou tentando manter o sorriso.

Benedict concordou, vaidoso.

— Gosto de esportes. Mas o que mais gosto é cavalgada. — Um brilho malandro no olhar dele chamou a atenção dela. — Por que parece estranha, senhorita McKenzie? Algo a incomoda?

— N-não! Só tenho um pouco de medo da água. Mas nada grave. — O queixo de Claire tremia. Engoliu em seco e tentou desconversar. — Quando começou sua paixão pelo mar?

— Na verdade, eu a descobri recentemente quando vim para Bristol. Os navios de Henry despertaram algo em mim que não consigo mensurar. Imagine uma criança recebendo um presente no Natal. É assim que me sinto. Imaginar que navios como aqueles, depois de prontos, ganham o mar, viajam ao redor do mundo, transportam pessoas e mercadorias... Isso é fantástico, não é verdade? — ela concordou, e Benedict desviou o olhar, notando que um barco um pouco maior passaria por eles. — Segure-se um pouco mais, assim...

— Milorde... Oh! Vamos morrer! — Claire entrou em desespero, quando o barco deles começou a chacoalhar.

— Fique calma, Claire. Nada acontecerá. Apenas olhe para mim, certo? — Benedict remava de volta para o píer. — Respire fundo.

Claire tentava respirar com tranquilidade, mas era difícil, pois estava desesperada. Mas, conforme o lorde falava com ela, a jovem ia ficando melhor. Benedict era seu porto seguro, seu amigo, seu amante, nele poderia confiar. Quando chegaram à margem novamente, Claire desceu com a ajuda de outro homem que estava por ali.

— Obrigada. — Ela nem o conhecia, mas mesmo assim estava grata.

Esperou por Benedict debaixo de uma árvore, e enquanto isso sentia o coração acelerado. Quando ele voltou, tocou seu cotovelo e a assustou.

— Devia ter me falado sobre seu medo, raposinha! — disse baixinho, para que só ela pudesse ouvir. — Eu não a exporia desta forma, se soubesse! — ele falou um pouco nervoso.

— Sinto muito, milorde. É que estava tão animado com a ideia!

— Isso não é motivo! Poderíamos simplesmente caminhar pelo parque e eu estaria feliz, apenas por estar ao seu lado! — Notando o nervosismo dela, ele logo tratou de sorrir. — Vamos até uma loja. Quero lhe dar algo.

— Certo! — Claire se animou e encaixou seu braço no dele.

Benedict a conduziu pela ruazinha em direção à loja específica. Uma pequena, de concreto, com uma placa em frente com um nome em francês que a jovem não conseguiu ler.

Entraram, sendo recepcionados por um cheiro doce, que fez Claire sentir água na boca. O que era aquilo? Havia pequenas barras de algo marrom numa bandeja. Foi então que Claire se lembrou de algo que ouviu falar quando estava na Irlanda.

— É chocolate?

— Sim. Já experimentou? — Mostrou corações de chocolate, e pediu dois para a viagem. Ela fez que não, e ele pegou um pedacinho dos chocolates para degustação e colocou-o em sua boca. — O que acha?

A jovem sentiu uma explosão de sabores, e saíram lágrimas de seus olhos. Era tão bom!

— Parece como o céu! — respondeu empolgada. Quando Benedict entregou a caixa com

os chocolates a ela e saíram da loja, Claire já se sentia muito melhor. Estava feliz, pela companhia dele, pelo chocolate e mesmo pelo passeio. — Como pode me fazer tão feliz, milorde?

Benedict cumprimentou alguns homens que passavam e sorriu, enquanto caminhavam pela rua pavimentada.

— A senhorita é minha felicidade. Por que não percebe? — Ao notar que ela se encantara por um vestido numa vitrine, a esperou. Ela nem o tinha ouvido.

Algumas moças passaram por ele, e sorriam. Ele retribuiu com um aceno gracioso e educado de cabeça. Uma deixou o chapéu cair aos pés dele, que prontamente o pegou e o devolveu, recebendo um risinho de volta. Quando se voltou, notou Claire com braços cruzados, encarando as garotas com expressão fechada. As meninas notaram, riram ainda mais e então se afastaram aos cochichos.

— Não se importe com isso... — ele começou, no entanto, ela lhe deu as costas e se afastou rumo à carruagem a passos duros.

Benedict seguia atrás, mas quase a perdeu de vista. Claire entrou sozinha no veículo e ele se sentou ao lado dela.

— Milorde tem razão! — ela começou, assim que a porta se fechou. — É um libertino incorrigível!

Ele revirou os olhos, num gesto entediado.

— Nunca neguei isso, minha querida.

— Não pode ver uma mulher bonita que fica todo bobo!

— Claire! — chamou, com voz branda. — Eu só fui educado. Preciso que entenda uma coisa. — Segurou-lhe o queixo, fazendo-a encará-lo. — Eu não tenho outra mulher em minha mente, nesse momento, a não ser você. — Pegou a mão dela e a levou aos lábios. — Será que pode entender isso?

Claire comprimiu os lábios e abaixando a cabeça.

— Oh! Perdoe-me por meu ciúme bobo, milorde! Isso foi muito infantil da minha parte...

Benedict a calou com um beijo. Beijo com gosto de chocolate. Doce e quente, mas breve, porque era dia, e não queria arriscar serem vistos.

— Acabo de descobrir que Claire Mckenzie e chocolates são uma perfeita combinação. — Ele riu baixo, e ela também. — E isso deixou minha cabeça fervilhando de ideias... — o sorriso ele era desavergonhado.

— Acho que não entendi, milorde.

Benedict colocou a mão sobre a coxa dela.

— Talvez eu te mostre na prática... mais tarde... — começou a puxar o tecido da saia dela para cima.

— O que está fazendo? — Claire sussurrou, alarmada, olhando a volta.

— Apenas tornando a viagem mais interessante. — Quando o tecido era um amontoado sobre o colo dela, sua mão seguiu avançando, se infiltrando por dentro da calçola dela e chegando ao seu centro.

Claire ofegou, quando os dedos começaram a manipulá-la.

— Você gosta disso, não é, raposinha?

— Sim, milorde! — Ela tentava se conter para não se mover ao encontro do toque dele.

Discretamente, ele pegou a mão dela e levou-a ao seu eixo duro e vibrante, fazendo-a apertá-lo.

— Olhe o que você faz comigo!

Claire mordeu o lábio. Era a primeira vez que o tocava *lá*. Ele era macio e firme ao mesmo tempo.

Benedict aumentou seus movimentos entre as pernas dela, movendo sua mão sobre seu membro, subindo e descendo.

— Não vejo a hora de me enterrar fundo em você!

— Milorde! — ela balbuciou quando veio com força, sentindo-se tonta e agarrando o casaco dele.

Ele a acalmou e a fez se endireitar no assento, embora sua respiração acelerada demonstrasse que estava longe de sentir a calma que queria aparentar.

— Por todos os Santos! — Voltava a se apropriar do leque dela e a abanar-se. — Preciso de um banho fresco. Com urgência! Estou derretendo.

Claire riu baixinho.

— Foi o senhor quem começou — provocou.

— E eu não me arrependo de nada!

Enquanto voltavam para casa, Claire mantinha a caixa de chocolate amparada em seu peito. Estava conhecendo o homem mais profundamente, e a cada vez que uma nova nuance da personalidade dele vinha à tona, Claire se sentia ainda mais encantada e assustada com a força do que sentia por aquele homem.

Quando alcançaram a mansão, Benedict a ajudou a descer, segurando sua mão.

— Não coma todos os chocolates — sussurrou-lhe ao ouvido. — Tenho planos para eles.

CAPÍTULO QUINZE

Benedict nunca teve tanta certeza de algo em sua vida, como tinha naquele momento. Ele havia passado maior parte do dia trabalhando, e com o dinheiro que Sebastian lhe tinha enviado, começara as melhorias no estaleiro. Primeiro, havia iniciado com os reparos no abrigo dos trabalhadores, quando ele mesmo ajudou, usando um martelo para desmanchar as paredes antigas de madeira. Ele não se importava em trabalhar. Queria mostrar a todos que não era preguiçoso. Bem, talvez no passado tivesse se mostrado um tanto... sem disposição. O importante é que agora havia mudado.

Sentia a energia pulsando em suas veias. Parou somente para se alimentar sentado ao lado dos trabalhadores, comendo pedaços de carne com pão e refresco. Havia deixado sua casaca ao lado, dobrado as mangas da camisa e usava um chapéu de agricultor que lhe trouxeram.

Porém, mesmo que estivesse satisfeito com o que estava acontecendo, infelizmente, por outro lado, confirmara o desvio do dinheiro da empresa por Henry, quando se sentou para conversar com o contador. Ficou decepcionado, mas não é como se não soubesse que era mesmo o cunhado. Na verdade, Benedict sempre desconfiou do jeito de Henry. Achava-o um tanto... estranho.

O que mais o perturbava era como contaria à irmã. Porque isso era uma certeza. Ela merecia saber que o marido não passava de um parvo. Entretanto, pensava em como isso afetaria o casamento dos dois. Isso estava mexendo com a cabeça de Benedict.

Quando chegou em casa no fim de tarde naquele dia, banhou-se rapidamente, vestiu-se com uma camisa branca simples e calça preta. Ele sabia que seu cabelo úmido e desgrehado o deixava com um ar de sensualidade que despertaria emoções em qualquer dama. Mas só uma lhe importava naquela noite.

Mal falara com Claire nos últimos três dias, devido às suas tarefas no estaleiro e as preocupações com o resto. Chegava exausto e esgotado mentalmente. Só que, naquela noite, Benedict queria dedicar um tempo somente a ela. Por isso, a procurou depois do jantar.

Claire estava sonolenta, quando ouviu a porta. Porém, sabia imediatamente de quem se tratava e pulou da cama. Ele não a havia procurado nos últimos dias. Até estranhou e pensou haver feito algo errado.

— Entre, milorde. — Abriu espaço para ele passar. Quando o lorde já estava no quarto, fechou a porta e o encarou. — Confesso que me é estranho vê-lo aqui essa noite.

Benedict sorriu, deitando-se na cama dela, colocando os braços atrás da cabeça e a fitando com malícia.

— Sei que anseia por esse momento, raposinha — provocava. — Essa noite serei todo seu. — Abria seus braços num gesto amplo. Perdoe-me por tê-la negligenciado, meu anjo, mas... tenho enfrentado alguns problemas no estaleiro.

Claire se sentou na cadeira em frente à penteadeira e olhou-se no espelho.

— Gostaria de conversar sobre isso?

— Não quero sobrecarregá-la com meus problemas, Claire. Quero apenas prazer nesse momento.

Claire bufou, fazendo beicinho e cruzando os braços sobre os seios bem feitos.

— Pois parece que milorde só me procura para fazer amor. — Deu de ombros e o provocou. — Será que devo me negar a dar o que quer?

Ele não entendeu. Do que ela estava falando? Sem sexo? Benedict se sentou na cama, olhando-a com cenho franzido.

— Não vamos fazer amor?

— Não — ela respondeu olhando-o de canto. Em seguida, virou-se para ele. — Precisamos conversar.

— Conversar? — ele parecia decepcionado. Coçou a cabeça, sem graça. — Sobre o quê?

Claire foi até ele, sentando-se ao seu lado. Benedict inalou o perfume dela e engoliu em seco. Seria tão difícil.

— A viscondessa quer me levar para Londres — disse baixinho e grave.

A postura de Benedict se tornou rígida. Era estranho como aquela simples frase dela causava a ele dor física.

— Já? Mas... a temporada ainda não começou!

— A senhora Dawson quer que eu vá me habituando à cidade, já que vivi praticamente toda minha vida num convento.

Ele engoliu em seco.

Ela suspirou com ar pensativo.

— Irei a Londres encontrar um marido.

— Não, não vai! — Benedict determinou no mesmo instante. — Por que faria isso?

— Porque... — ela jogou o cabelo para trás, expandindo o perfume até ele. — Segundo sua irmã e meu irmão, preciso me casar. Preciso de um marido bom. — Enumerava nos dedos. — Trabalhador, que seja rico, e, se possível, que me ame.

O quê? Era isso que ela queria? Por que ele estava confuso? Perturbado e incomodado?

— Não precisa disso! Você tem a mim. E eu sou rico! — Colocou os cabelos dela atrás do ombro, sondando sua expressão. — Não está feliz com o que temos, raposinha?

Claire piscou os cílios longos e refletiu um momento e isso mexeu com o ego dele. Em seguida, ela franziu o cenho.

— Isso tudo não depende somente de mim. Devo satisfações ao Killian. Então. — Ela o encarou. — O que temos não é mais o suficiente. Preciso de mais. — Mordeu o lábio, provocando-o. — Milorde, pode me dar *mais*?

Ele sabia o que ela queria. E ele daria a ela. Mas antes, queria jogar o jogo que Claire estava jogando com ele. A ruiva aprenderia da pior maneira.

— Posso lhe dar mais? Mais beijos, por exemplo. — Segurou-a pela cintura e a beijou no pescoço. — Sei do que precisa, Claire.

— O que preciso, Benedict? — Ela já estava em expectativa.

Benedict respondeu jogando-a na cama, se colocando sobre ela e a beijando profundamente. Um beijo intenso, quente que derreteu o coração de Claire. Ele roubou beijos e carícias dela, tocando-lhe todo o corpo, despindo-a e fazendo amor até fazê-la perder o ar. Porque era isso mesmo que faziam quando estavam juntos. O mais puro amor. Sim, ele admitia, era isso. Ele a queria, inteiramente, não apenas sexualmente. Queria Claire para ser sua, sua companheira, sua esposa, a mãe de seus filhos.

Mesmo que isso lhe custasse a liberdade de uma vida libertina. Percebeu que não se importava mais com isso. Tendo apenas aquela mulher, já era o mais importante. Se ela precisasse dele, estaria ali. Se precisasse de amor, lhe daria. Se chorasse, secaria suas lágrimas.

Ainda nus, ela deitada sobre seu braço, enquanto Benedict acariciava suas costas, o

silêncio era calmante. Poderiam permanecer a vida toda daquele jeito.

— Isso foi injusto — ouvi-a comentar baixinho.

Benedict riu, balançando o corpo dela junto.

— Eu sei. Mas foi bom. — Logo tornou a ficar sério de repente. Sua mão estava atrás da orelha dela, fazendo carinho.

Era estranho, porque Benedict queria que Claire se casasse e construísse uma família, como toda garota da idade dela sonhava em ter, mas o que acontecia era que o lorde não queria que ela se casasse com outro homem. Com ele então? Oh, tamanha loucura!

— Isso a faria feliz? Um marido e filhos? — ele ponderou, testando-a.

— É o que todas querem. Não é? — Viu-a dar de ombros novamente.

— É o que *você* quer? — reforçou.

Claire ficou quieta, acariciando o peito dele.

— Eu não consigo responder a isso...

Benedict aproximou o rosto do ouvido dela e sussurrou-lhe algo.

— E com um libertino como eu? Você se casaria? — sugeriu, como se fosse o próprio diabo no ouvido dela.

Claire estremeceu nos braços, soergueu seu corpo para encará-lo profundamente, o semblante sério.

— Está brincando comigo, Benedict?

Ele se acomodou de lado, apoiando-se num cotovelo.

— Não estou, minha querida. Se casaria comigo, anjo dos cabelos vermelhos? — repetia, com voz doce e sensual, enquanto beijava sua mão.

A respiração de Claire se agitou.

— Por que desejaria se casar comigo?

— Não achei que teria de lhe explicar o óbvio...

— Terá. — ela o interrompeu, enfática. — Preciso ouvir as palavras.

O lorde suspirou e revirou os olhos. Falar de seus sentimentos nunca havia sido fácil para ele.

— Eu... te amo, Claire McKenzie! — O sorriso que se espalhou pelo rosto bonito fez valer toda a pena seu constrangimento. Tocou sua face com ternura. — Te amo, como nunca amei outra em minha vida.

— Acho que pode imaginar minha resposta, milorde, uma vez que já deve saber que também o amo. Porém... e o senhor? Se casaria com uma mulher como eu? Sem família e com um dote de origem duvidosa? — questionou.

O lorde riu, deslizando a mão pela coxa dela, procurando a pele exposta.

— Eu a aceitaria até mesmo se tivesse um olho só. Porque, deixe-me dizer. Você tem os olhos mais lindos, como a cor do mar profundo. Os lábios mais doces que pêssegos da estação, e os cabelos da cor do sol da tarde. Como eu poderia rejeitá-la quando possui estas qualidades? És a própria Vênus, Claire. — E com um impulso, beijou-a.

Um beijo que começou devagar, tão puro e doce que Benedict jurou que todo seu coração estava ali. Em seguida, Claire adicionou mais paixão ao que já era perfeito, e todo o desejo dos dois se acumulou em algum ponto específico do corpo dos dois. Queimavam-lhe as veias, enquanto o lorde despia a jovem com empenho, descobrindo-a nua por debaixo da camisola.

— Quero adorá-la com meu corpo, minha noiva — ele murmurou, seus lábios alcançando seu pescoço.

Benedict estimulou entre as coxas dela, circulando o dedo com empenho, roubando-lhe

beijos no processo, e fazendo-a perder o ar. Era toda sua, sua mulher, embora ainda não legalmente. Mas já possuía seu corpo, e era ousado pensar em possuir sua alma também. A mulher que estava em seus sonhos, que acendia seu desejo, e que o deixava sem chão.

O que mais faltava?

— Seja minha — ele disse dentro dela.

— Sou sua — ela balbuciou agarrada a ele. — Benedict, estou tão perto! — Claire exclamou cravando as unhas nas costas dele.

Ele saiu de dentro dela e se derramou sobre o ventre da mulher, ao mesmo tempo que ela alcançava um orgasmo incrível. E enquanto ela estava quieta e amortecida, ele limpou a sujeira que fizera e se deitou ao lado dela, embalando-a em seus braços. O momento pós-coito era incrível aos dois, sentiam uma conexão inexplicável, que os fazia ficar em silêncio apenas contemplando os barulhos da noite, completamente extasiados.

— Falo sério sobre me casar com você — falou de repente.

— Se é assim, eu aceito, milorde — Claire balbuciou, lutando contra o sono.

Benedict concordou, beijando a testa dela, e levantou-se para se vestir.

— Fique comigo essa noite! — o pedido dela chegou-lhe aos ouvidos.

— Sabe que não posso, minha amada. Temos de fazer tudo certo, a partir de agora. Não quero sujar a reputação da minha futura esposa. — Voltou até a cama e depositou um beijo em sua testa. — Agora descanse.

— Boa noite, Benedict.

Perto da porta, ele a contemplou antes de sair. Sorriu. Claire Mckenzie era sua. Totalmente sua.

— Boa noite, raposinha.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Benedict estava verdadeiramente feliz, porque finalmente encontrara um rumo para sua vida. Em breve se casaria com Claire. Era como se todo o peso do mundo que carregava nos ombros tivesse sido retirado, e que encontraria sua redenção no final.

Em pouco tempo seria um homem casado. Quem diria? Nunca pensou que isso aconteceria em algum dia da sua vida! Sorriu, imaginando o que seus irmãos diriam. Phillipa provavelmente ficaria feliz, assim como Anthony. Mas Sebastian demoraria a acreditar nisso.

A manhã de trabalho foi intensa, e Benedict reuniu os funcionários para pagar o valor atrasado do salário deles, que receberam o valor com um brilho de agradecimento nos olhos. Eram pessoas simples que precisavam do dinheiro para sobreviver. Enviavam para as famílias que moravam longe, e também para sua subsistência naquele local. A verdade é que Bristol sobrevivia dos estaleiros que ficavam na região costeira da cidade, e ele sabia que não poderia abandonar seus trabalhadores.

E ele tomara mais uma decisão. A partir do próximo ano começaria a construir navios de turismo a vapor. Henry não ditaria mais nada ali, não tinha mais moral para isso. Benedict havia decidido assumir completamente o estaleiro.

Phillipa olhava de um para o outro. Claire mordia o interior da bochecha, temerosa com a reação da mulher.

— Vocês o quê? — foi a pergunta incrédula da viscondessa.

Benedict buscou a mão de Claire e a segurou com firmeza.

— Vamos nos casar! — reafirmou, queixo erguido em desafio.

A mulher se levantou e parou atrás da poltrona em que estava sentada e de novo seu olhar vagueava de um para o outro.

— Eu ouvi, mas ainda não estou acreditando.

— É muito simples, minha irmã. Estamos apaixonados.

Phillipa foi até Claire, segurou-lhe as mãos e a trouxe para perto de si.

— Minha querida! Tem certeza dessa decisão?

— Si-sim, senhora Dawson.

— O que ele disse para te levar a isso?

— Phillipa! — Benedict se colocou de pé. — Quem pensa que sou?

— O homem que sequestrou a noiva do irmão?

— Ela não era nova dele ainda! E eu não acredito que trará esse assunto à tona novamente! Nesse momento!

— Claire, meu anjo. Você não conhece a fama deste sujeito! — Ela apontava para o irmão.

— Na verdade, ela sabe sim. — Ele recuperou a noiva para seus braços. — Não há segredo algum entre nós — complementou, orgulhoso.

— Por que quer se casar com ele? — ela insistia. — Quando pode ter o homem que quiser, quando a levar para Londres!

— Ah, maldição! — Benedict batia na própria coxa, revoltado. — Que uma coisa fique claro! Claire não irá para Londres nem sobre o meu cadáver! Ela é minha noiva, quer você queira ou não!

— Oh, fogo do inferno! — Phillipa levou uma das mãos à testa. — Tudo o que lhe ensinei! Tantas horas desperdiçadas! Todo o esforço para lapidá-la e você escolhe esse... — apontava para o irmão, parecendo procurar uma palavra para classificá-lo.

— Irmã! Acho bom ter cuidado com as palavras! Juro por todos os Santos que não a entendo! Sempre ficou no meu pé, dizendo que eu deveria me casar! E quando eu finalmente me decido, é dessa maneira que me *felicita*?

De repente, Phillipa se dobrou, caindo em uma gargalhada que poderia ser ouvida até em Londres. Ela ria tanto que mal conseguia se manter de pé.

Benedict e Claire se entreolhavam, confusos. Nesse instante, Phillipa enxugava o rosto lavado de lágrimas, por conta do riso.

Algum tempo depois, ela tentou se controlar, o suficiente para tentar falar.

— A quem vocês acham que enganam?

— Eu não entendi, senhora.

— Não há engano. Apenas estamos lhe comunicando uma decisão já tomada...

— Acham mesmo que eu não sabia de vocês dois? — a mulher colocou as mãos na cintura fina, ainda ofegante. — Por Deus, me acham mesmo tão burra assim?

— A senhora... sabia? — uma chocada Claire tinha seus olhos arregalados.

— Meu anjo! — Phillipa foi até ela, a abraçou e beijou sua face. — Você não desconfiar, eu até entendo! Você é quase uma criança inocente! — Então foi até seu irmão e apoiou suas mãos em seus braços. — Mas você! Você me subestimou, meu caro!

— Fomos tão transparentes assim?

— Óbvios, eu diria. Os olhares, os sorrisinhos. O clima entre vocês era tão palpável que às vezes eu me sentia uma intrusa no meio dos dois! Mas, fui ter certeza no dia em que acabei deixando escapar a sua situação com Catherine. A reação de Claire...

— Oh, Deus! — A moça levou a mão ao rosto, corando.

— Por que acham que inventei essa viagem à Londres, subitamente?

O casal se entreolhou de novo, sem fazer ideia do que a outra falava.

— Benedict tinha de entender o que estava em risco — explicava. — Já desconfiava do que você sentia, mas precisava que decidisse de verdade. Que desse um passo de verdade. Então tive a brilhante ideia de inventar essa viagem. Nossa! — A mulher torcia os lábios, satisfeita. — Sou uma excelente atriz, não sou? Os dois achando estarem me enganado e eu é que os tinha na minha mão.

Isso despertou outra crise de riso na viscondessa. Enquanto assistia à irmã, Benedict abraçou Claire e beijou-lhe o alto da cabeça.

Phillipa então se esforçou para conter seu riso, colocou as mãos na cintura e se aproximou do irmão novamente.

— Mas agora, é o seguinte. — Incrivelmente, agora estava muito séria. — Vou lhe dar um aviso, meu irmão. — Apontou o dedo em riste diante do nariz dele. — Se você magoar essa garota... Eu juro! Corto suas bolas fora!

Claire riu, Benedict soltou uma exclamação.

— E quanto a você. — Agora segurava os ombros da futura cunhada. — Confesso que lhe desejava alguém melhor...

— Irmã!

— Estou brincando! — Voltou-se para Claire novamente. — Benedict tem seus defeitos, minha querida. No entanto, eu não duvido nem por um segundo que você conseguirá torná-lo um homem melhor! Mas aviso que terá trabalho.

— Chego a duvidar que você realmente me ama, Phillipa!

A viscondessa então se jogou nos braços do irmão.

— Eu te amo, seu tolo! É só por isso que dou minha bênção para se casar com minha pupila! — Estendeu a mão para Claire, seus olhos agora lacrimejando porque estava emocionada. — Uma das melhores coisas que aconteceram nas nossas vidas!

Benedict trouxe a noiva para esse abraço.

— Nisso concordamos.

— Aonde vamos agora? — Claire quis saber, quando Benedict a levava para fora da mansão.

— É uma surpresa! — Ele parou frente a uma charrete aberta e fez um gracejo. — Sua carruagem a espera, senhorita.

Claire se curvou com graça, pegando a mão que ele lhe oferecia.

— Obrigada, milorde!

Enquanto ele dirigia o veículo, a jovem ia, orgulhosa, muito perto do lorde, um braço engatado ao dele. Agora eram noivos de verdade. Não se importavam mais de serem vistos juntos.

Deixaram a cidade e pegaram uma charmosa estrada ladeada por frondosas árvores verdejantes. Chegaram a um campo gramado, próximo a um lindo lago.

— O que estamos fazendo aqui? — perguntou, curiosa e entusiasmada, quando foi pega pela cintura e descida da charrete.

— Faremos um piquenique, minha adorada.

Claire começou a dar saltinhos e bater palmas, animada.

— A última vez que fiz um desses, eu devia ter uns nove anos!

— Pois hoje passaremos a tarde nesse belo lugar... — ele foi para trás do veículo e pegou uma cesta que ela não havia visto. — Nos deliciando com guloseimas bem-feitas pela melhor cozinheira desse país! É sério. — Envolveu a cintura dela e começou a caminhar a procura de uma boa sombra onde pudessem se acomodar. — Quando nos casarmos, vou roubar a senhora Palmer de minha irmã.

— Duvido que a viscondessa vá permitir isso.

Benedict estendeu uma toalha de mesa sobre a grama e Claire o ajudou a dispor a comida.

Depois da refeição, ele se deitou de lado, apoiado em um cotovelo e ela notou que ele ficou pensativo, distante.

— Uma uva pelos seus pensamentos! — brincou, com a fruta parada diante da boca dele.

O lorde riu, segurou a mão dela, abocanhou a fruta e então depositou um beijo na palma da mão da jovem.

— São preocupações com a empresa, anjo. Não quero sobrecarregá-la com esses assuntos chatos.

A moça se curvou e beijou os lábios dele docemente.

— Nada sobre você é chato, milorde. E eu gostaria muito que desabafasse comigo. Tenho te notado tenso nos últimos dias. Fale comigo.

Benedict a olhou, como se ponderasse se deveria iniciar aquela conversa. Enfim, resolveu

se abrir. Talvez lhe fizesse bem compartilhar suas preocupações com alguém.

— É que os negócios não estão indo nada bem. Ou melhor. Não estavam. Com a minha sociedade com Sebastian formada, as coisas já estão começando a melhorar, mas...

— Mas?

— Estou tentando entender o que Henry andou aprontando nesses últimos anos. A empresa teve vendas, nunca parou de trabalhar, no entanto, eu descobri que ela estava quase à beira da falência! As contas não batem.

— Acha que o senhor Dawson estava desviando dinheiro do caixa?

— É a única explicação óbvia. Mas, para onde? E por quê?

Claire mordeu o lábio.

— Tem algo que me incomoda sobre seu cunhado.

— O que seria? — Benedict se empertigou. — Ele não agiu de forma indecorosa com você não, não é?

— Não! Não! Eu mal tive contato com ele! É que... às vezes me pego pensando na relação dele com meu irmão. Porque... bem. Você sabe. Ele tem a casa de jogos e...

— E o bordel — completou para ela, quando se interrompeu. — Sim, eu sei.

— Então penso: o que tanto o senhor Dawson devia ao meu irmão, para que ele aceitasse que eu me tornasse pupila da esposa dele? Meu irmão deu a entender que era algo grande.

Benedict franziu o cenho, voltando a ficar pensativo.

— Essa pode ser a resposta que tanto procuro.

— Planejo escrever uma carta a Killian, contando sobre nosso casamento. Talvez pudéssemos marcar um encontro e vocês poderiam conversar melhor.

— Gosto da ideia.

— Há outra coisa que me incomoda.

— Diga-me.

— Se o marido da viscondessa é apenas um jogador... ou se frequenta mais que a casa de jogos.

Benedict começou a brincar com uma folha, dizendo, meio distante.

— Infelizmente, muitos homens casados recorrem a... esse tipo de distração...

— Mas a senhora Dawson não merece isso! Ela é uma boa mulher! — Claire cruzou os braços, revoltada. — Que se martiriza por não ter ainda conseguido gerar um filho! Seria muito injusto da parte do lorde fazer isso com ela!

— Sim, sim. Concordo com você. Conversarei com ele, quando e se um dia regressar! Também estou estranhando essa viagem dele que nunca tem fim.

— Sim. Até a viscondessa está insatisfeita com essa demora no regresso dele.

Ficaram alguns minutos em silêncio, cada um com seus pensamentos.

CAPÍTULO DEZESSETE

— Benedict? — chamou-o, baixinho e num tom sério, fazendo-o encará-la.

— Sim, amor?

— Você será um desses homens? Que têm amantes?

Ele riu e, no minuto seguinte, a estava subjugando sob seu corpo.

— Entenda, raposinha. Eu só quero você! E mais ninguém! — ele começou a baixar seu rosto para beijá-la, mas ela o deteve, espalmando uma das mãos em seu peito.

— É melhor mesmo, porque, lembre-se: sua irmã cortará as suas bolas, se me magoar. Se eu não fizer isso antes — concluía e dava de ombros.

— Tenho amor às minhas bolas. E tenho muito amor a você, para ousar pensar em magoá-la... — e voltou a tentar beijá-la, sendo novamente impedido por ela.

— Você vai me beijar, milorde? — a jovem sussurrou, num tom sensual, os lábios entreabertos, os olhos mortiços.

— Eu gostaria muito! E o farei, se parar de me empurrar, senhorita! — Ria, apertando sua cintura.

— Então... — Claire aproximou sua boca da dele. E quando estava bem, bem perto, o empurrou, fazendo-o cair na grama, colocando-se rapidamente de pé e saindo correndo. — Terá de me pegar primeiro!

— Ah, sua danadinha! — o lorde balbuciou e logo corria atrás dela, que conseguia se desvencilhar dele facilmente, porque era muito ágil.

Quando ele estava próximo, Claire correu em direção à ponte, mas estacou ao ver a direção que tomava. Benedict também parou há alguns metros dela e depositou as mãos na cintura.

— Vá em frente! — encorajou-a.

— A correnteza está muito forte — ela gritou de volta.

— Você não vai entrar no rio, querida. Estará sobre ele. É uma forma de enfrentar um pouco do seu medo.

Claire olhou para a ponte, para a água que descia rapidamente e para Benedict novamente.

— Você acha?

— Sim, eu acho. — Ele se aproximou alguns passos. — Em breve, quando o rio estiver mais calmo, pretendo te ensinar a nadar. Farei com que perca esse medo de água.

— Está bem. Subirei na ponte — Claire decidiu.

— Minha menina corajosa!

— Lá vou eu! — sabia que estava falando demais, apenas para ganhar tempo.

Chegou até o início da peça feita de madeira e a achou bem insegura e envelhecida. Mas o que sabia sobre pontes, já que não se aproximava muito delas?

Olhou novamente para Benedict e ele lhe fez um gesto de encorajamento. Depois de algumas respirações, ela avançou para o meio da armação e congelou no lugar, as mãos firmes segurando no corrimão de cada lado.

— Estou segura! — sussurrava para si mesma. — Estou segura! — foi respirando fundo, até se sentir controlada.

Então baixou seus olhos para o rio que corria lá embaixo. Era lindo e, ao mesmo tempo, assustador. Fechou os olhos. Ergueu a cabeça e girou em seu eixo, para ficar de frente para Benedict. Então lhe endereçou um sorriso nervoso e lhe acenou.

— Olhe para mim!

— Boa garota! — gritou-lhe o lorde de volta, com as mãos ao lado da boca para ser ouvido.

No entanto, a madeira velha da ponte cedeu e Claire foi sugada para o rio. Ela sequer teve tempo de gritar.

— Claire! Claire! — Benedict gritava, correndo desesperado, assistindo à correnteza levar sua mulher.

Ele mergulhou e sentiu um forte impacto em sua cabeça, submergindo por alguns instantes, há tempo de ver um grande pedaço de madeira cruzar sobre ele. Ficou subitamente desorientado, mas o grito de Claire chamando seu nome o trouxe de volta. Emergiu rapidamente, chamando por ela, girando seu corpo, tentando visualizá-la. Ela estava há poucos metros dele e, com algumas longas braçadas, conseguiu alcançá-la. A moça envolveu seu pescoço, apavorada e ele, com um esforço sobre-humano, os levou até a margem do rio.

— Você está bem? — perguntou a ela, examinando seu corpo. — Por Deus, você está bem?

Tremendo de medo e de frio, Claire meneava a cabeça.

— Si-sim, e-eu estou bem. Só bebi um pouco de água...

— Ah! Graças a Deus! — O lorde baixou sua cabeça, aliviado. — Perdoe-me, meu bem! Eu deveria ter verificado aquela maldita ponte antes! Por favor, me perdoe! — pedia agoniado. — Se algo tivesse acontecido a você... Eu nunca me perdoaria!

— Está tudo be-bem agora. Foi só um susto... Benedict... — ela notou que ele tinha sangue escorrendo por seu rosto e pescoço. — Você está ferido! — ela se alarmou.

— Estou? — foi a voz um tanto pastosa dele, que levou a mão até a parte de trás da cabeça, onde sentia latejar. — Eu estou bem, querida... — tentou sorrir, de forma torta, mas sentiu que Claire estava sumindo diante de seus olhos.

— Benedict? Benedict? Amor, por favor! — era ela quem se desesperava agora, quando seu noivo perdeu a consciência, a cabeça sobre seu colo. O homem estava branco, muito pálido. — Benedict, fale comigo! — ela o sacudia, sem receber resposta. — Socorro! — começou a gritar, olhando para os lados. — Alguém? Por favor, nos ajude!

Ao longe, notou quando alguns camponeses surgiram no horizonte.

— Aqui! Por favor! Nos ajude!

Logo três homens corriam em seu auxílio. Claire lhes explicou rapidamente o acontecido e disse que a charrete estava parada próxima dali. Um dos homens foi buscá-la. Quando o veículo estava bem próximo deles, ela subiu na traseira e esperou que os homens o acomodassem, a cabeça dele repousando em seu colo. Então, explicou onde ficava a mansão e eles dispararam para lá. Acariciava o rosto de seu noivo, sussurrando que acordasse e que tudo ficaria bem. Lágrimas escorriam por sua face. Estava muito preocupada.

Quando adentraram a mansão, Phillipa que estava na sala, veio correndo, alarmada.

— O que houve?

Claire lhe explicou rapidamente, enquanto indicava aos homens que carregavam Benedict para que o levassem escada acima. O vestido dela estava tomado por sangue.

Quando o lorde foi depositado na cama, um dos lavradores se prontificou de ir em busca de um médico. Phillipa lhe indicou que pegasse um cavalo no estábulo, pois seria mais rápido.

— Meu Deus! Ele está tão pálido! — Phillipa constatou, ao observá-lo de perto. — Claire, vá se limpar, querida.

— Preciso... quero ficar com ele — balbuciava, ajoelhada ao lado da cama, acariciando o rosto de seu amado, que seguia inconsciente.

— E você vai! — a viscondessa foi firme, pegando a moça pelos braços e a colocando de pé. — Mas precisa ficar bem, para cuidar dele. Se ficar com essa roupa molhada, conseguirá uma pneumonia.

Ela obedeceu ao pedido da senhora Dawson, seguindo às cegas para seu quarto. Quando viu seu reflexo no espelho, deu um pulo de susto. O vestido dela estava tomado por sangue. Era uma imagem horrível.

Chorando descontroladamente, Claire se despiu, limpou-se como podia com um pano úmido e, sentindo suas forças se esvaírem, caiu de joelhos.

— Por favor, senhor! — Tinha os olhos fechados e as mãos unidas. — Não o tire de mim! Por favor! Por favor!

Quando voltou ao quarto, Benedict já se encontrava livre das roupas molhadas, mas seguia adormecido. Aquilo não era um bom sinal.

As criadas que auxiliaram a limpá-lo agora o colocavam de lado, para limpar sua ferida.

Claire levou uma das mãos à boca, ao ver o tamanho do hematoma. Estava muito sujo, com sangue seco à sua volta e muito inchado. A única coisa boa era que o sangramento havia parado. Phillipa veio abraçá-la e notou que também estava trêmula.

O médico chegou logo, o examinou e foi dar a elas seu veredito.

— Foi uma pancada significativa. Mantenham a ferida limpa e... — meneava a cabeça. — Infelizmente, por hora, não há o que fazer a não ser esperar.

— Esperar? — Claire perguntou, num fio de voz.

— Sim. Esperar que o corpo dele reaja. E orar que não haja sequelas. Voltarei amanhã para examiná-lo mais uma vez.

Benedict não acordou naquela noite. E nem no dia seguinte. O médico retornou, mas não disse nada novo. Só restava esperar. Claire não saía do lado dele nem por um minuto. Apenas comia por que a viscondessa a obrigava. Dormia na cadeira ao lado da cama. Só sabia chorar e orar.

Na terceira noite, já estava ficando revoltada com Deus, porque Benedict não reagia.

Mas, na manhã seguinte, despertou ouvindo gemidos. Sobressaltou-se e logo estava desperta e notando que Benedict se movia, levando a mão à cabeça. — Amor! Você acordou! — Ela lhe acariciava a face, as lágrimas e alívio lhe escorrendo por seu rosto.

— Água... — ele balbuciou e Claire rapidamente foi buscar e o ajudou a beber.

Os olhos dele então se fixaram nos delas, escuros, inexpressivos.

— Onde estou? — sua voz soava rouca e grave.

— Você está na mansão, amor. No seu quarto. Sofreu um grave acidente.

O cenho dele se franziu, enquanto a examinava.

— Amor?

— Sim?

— Quem é você?

O coração dela gelou, enquanto o assistia observar o cômodo e então mergulhar novamente no sono.

A viscondessa adentrou no quarto nesse momento e estacou ao vê-la quieta, o olhar fixo no homem adormecido.

— Aconteceu algo?

— Ele... Benedict acordou...

— Oh, Deus! — Phillipa levou as mãos aos lábios, emocionada. — Eu sabia que ele conseguiria passar por isso! Meu irmão é um homem forte... — se interrompeu, o notar o estado de Claire. — Aconteceu algo mais, querida?

— Ele não se lembra de mim — a voz dela era chorosa. As lágrimas caindo por seu rosto. — Qual a possibilidade disso acontecer?

Benedict se remexeu novamente e tornou a abrir os olhos.

— Oi, meu irmão! — Phillipa se abaixou perto dele, acariciando seu rosto. — Sabe quem eu sou?

Benedict moveu a cabeça minimamente, concordando. Seu olhar se fixando novamente em Claire, mas não dizia uma palavra sequer.

A jovem baixou os olhos, enxugando o rosto. Estava aliviada que ele estava desperto. Mas... por que havia se esquecido completamente dela? Isso era muito injusto! Por que as coisas estavam acontecendo daquela maneira? O que faria a partir dali? Parecia que suas orações já não faziam mais efeito, que Deus não a ouvia mais. Deixou o quarto silenciosamente, para ir até o seu, chorar sozinha.

CAPÍTULO DEZOITO

Na manhã seguinte, Benedict acordou sentindo como se tivesse sido atropelado por uma tropa inteira. Sentia uma incômoda pontada na cabeça, e, levando a mão até lá, notou a ferida. Apoiando-se nos cotovelos, olhou ao redor, sentindo-se confuso. Então ele se lembrou... Claire!

Sua irmã estava sentada ao seu lado, adormecida. Ele a cutucou e essa despertou rapidamente.

— Onde está Claire? — perguntou, diretamente.

— Oh, Deus! — o rosto da irmã se iluminou. — Você se lembrou dela!

— Do que está falando? — Com cuidado, sentindo o corpo pesado e dolorido, colocou as pernas para fora da cama. — Onde está Claire? Ela está bem?

— Sim, irmão. Ela está bem. É que você não se lembrou dela ontem, quando acordou.

— Eu o quê?

— Foi como falei. Estou aliviada que recobrou a memória. Ela também ficará muito feliz!

— Inferno! Preciso vê-la! Me explicar com ela!

— Ela foi à missa. Não deve demorar a chegar. Nesse meio tempo, pedirei que lhe preparem um banho e uma boa refeição.

Banhado, alimentado e já vestido, Benedict fez questão de esperar por Claire na sala. Ansioso, andança de um lado para o outro, consultando seu relógio de bolso praticamente de minuto em minuto.

— Por Deus! Que missa mais longa é essa?

Phillipa riu.

— Tem a mesma duração de sempre, irmão. Tenha um pouco de paciência.

— Não me peça por paciência nesse momento! Minha noiva está por aí, achando que eu me esqueci completamente dela! Preciso desfazer esse mal-entendido e com urgência!

Minutos depois, eles ouviram alguém que se aproximando desesperado.

— O que é isso?

De repente, o cocheiro invadiu a sala, os olhos esbugalhados e sangue escorrendo de seu nariz que parecia torto e inchado.

— Viscondessa! Milorde! Eles a levaram!

O coração de Benedict falhou uma batida. Ele sabia que o homem falava de Claire. Assim, se aproximou do outro, segurando seus ombros.

— Quem a levou? Quem? Onde?

— E-eu... aguardava a senhorita sair da igreja. Ela já estava a caminho. Então, dois homens a pegaram... — ele parou para procurar por ar. — Eu... eu tentei resgatá-la, mas... eles eram em quatro e... podem ver o que fizeram comigo.

— Meu Deus! — Phillipa cobriu a boca com as mãos. — Quem poderia ter interesse em levá-la?

— Killian Mckenzie! — o lorde deixou escapar através de dentes cerrados.

— Quem diabos é Killian?

— Irmão de Claire. — Bateu levemente no ombro do cocheiro e lhe disse que fosse cuidar de seu ferimento.

— Por que ele faria isso?

— Claire me disse que lhe enviaria uma carta, falando sobre nosso casamento. Ele não deve estar de acordo e então decidi levá-la de volta à Londres.

— Isso não faz sentido! Ele a enviou para mim para a preparar justamente para se casar!

— Acontece que ele não deve querer que ela se case *comigo*.

— Mas você é um nobre! Tem fortuna! Por que ele seria contra?

— Porque ele me conhece — balbuciou e rumou para as escadas. — Estou partindo para Londres.

Phillipa juntou as amplas saias do vestido e foi no encalço dele.

— Vou com você! — anunciou, com decisão.

— Se não estiver pronta em cinco minutos, juro que a deixo para trás.

— O que esse senhor Mckenzie faz da vida?

Benedict lançou um rápido olhar para a irmã, sabendo onde aquela história iria parar.

— Ele tem uma casa de jogos. — disse meia-verdade.

Phillipa ficou pensativa e ele tinha plena noção de que ela estava tentando juntar as peças.

— E qual seria a relação dele com Henry, para lhe pedir o favor de que a trouxesse para nossa casa?

O lorde correu a mão pela nuca. Não era o momento certo para lhe falar sobre tudo o que descobrira e de suas dúvidas sobre o marido dela.

— Isso você terá de perguntar diretamente ao Henry, minha irmã.

Quando chegaram a Londres, já era noite. Pararam em frente à casa do duque. Benedict nem desceu da carruagem. Esperou que Phillipa estivesse segura na mansão e partiu.

A cabeça ainda o incomodava, mas ele não se importava. Precisava apenas ver Claire!

Assim que chegou à casa de jogos, foi adentrando, só parando quando estava frente à mesa de McKenzie, depois de escancarar a porta.

— Onde ela está, Killian? Exijo ver minha noiva!

— É um prazer vê-lo também, St. John. — O outro se colocou de pé, surpreso com a invasão. — Agora, com calma. Por quem procura?

— Por Claire!

— Espera. Ela está com sua irmã, sendo educada...

Benedict deu um passo cambaleante para trás, as mãos indo para sua cabeça.

— Está querendo dizer que ela não está com você?

— Não, homem! — Killian contornou a mesa, agora com semblante assustado. — O que aconteceu com minha irmã?

— Ela foi levada mais cedo, em Bristol. Eu tinha certeza de que ela estaria com você!

— Não, ela não está. — McKenzie fechou o punho e cerrou os olhos. — Mas faço ideia de quem está por trás disso.

— Quem? Diga de uma vez, homem!

— Um de meus empregados. Aliás. Ex-empregados. Descobri que ele estava me roubando e... Envolvido com o tráfico de mulheres para se tornarem escravas sexuais. E ele deve ter levado minha irmã para se vingar de mim.

Benedict sentiu o ar lhe faltar com a última informação.

— Por Deus! Faz alguma ideia de para onde ele possa tê-la levado?

— Não faço a mínima! Mas conheço alguém que pode saber algo. — Ele caminhou para a porta e Benedict seguiu em seu encalço.

— Aonde estamos indo? — quis saber, assim que entraram na carruagem de Killian.

— Vamos à procura de Kael Zephyr. Um cigano que teve a irmã raptada e que conseguiu resgatá-la. Ele pode ter informações que podem nos ajudar.

A cada segundo que passava, Benedict se sentia mais e mais angustiado. Tentava nem imaginar o que podia estar se passando com Claire. Precisava chegar até ela o mais rápido possível!

— Por que estava tratando minha irmã pelo primeiro nome? — a pergunta desconfiada se fez ouvir na carruagem.

O lorde ergueu seu queixo, desafiadoramente.

— Porque estamos noivos.

— O quê? Você só pode estar louco, se acha que permitirei isso!

— Não vou discutir isso com você agora, McKenzie — afirmava, levantando-se para descer do veículo, quando esse parou. — Minha única preocupação no momento é resgatar Claire!

Em poucos segundos, Kael Zephyr descia as escadas, depois que seu criado anunciou a chegada dos dois. O homem era um cigano que havia feito fortuna com lojas de departamento, espalhadas pela cidade. Um homem solitário, misterioso e temido por muitos. Boatos de que carregava algumas mortes nas costas.

— A que devo essa ilustre visita? — Zephyr inquiria, atando o nó do robe e parando a uns três degraus do final da escada. — Mesmo no adiantado da hora.

— Minha irmã foi levada. Acredito que pelo pessoal que levou sua irmã. Como conseguiu resgatar a sua, pensei que poderia nos ajudar.

— Hum. — O homem franziu o cenho. — Sim, acho que posso ajudar. Mas teremos de partir imediatamente — informou, se virando para subir.

— Para onde? — Benedict quis saber.

— Para a França.

O lorde correu uma das mãos pelo rosto. Seria mais de meio-dia de viagem ou mais. O tempo corria e o desespero dele aumentava ainda mais.

Depois de horas enfiados na carruagem, tomavam um barco. A cabeça de Benedict doía. Estava exausto! Mas só relaxaria quando tivesse Claire de volta aos seus braços.

Kael Zephyr era um homem quieto, mas tinha olhos espertos. Sempre atento a tudo ao seu redor.

— Como conseguiu chegar até sua irmã? — quis saber.

— Tive informações privilegiadas.

— E... como está sua irmã? — Benedict tinha muito medo da resposta, mas precisava fazê-la.

Zephyr contraiu o maxilar e baixou a cabeça por um instante.

— Infelizmente cheguei tardiamente até ela. Muitos danos já haviam sido feitos.

O lorde engoliu em seco, Killian soltou uma pesada respiração a seu lado.

— Receio que ela nunca mais será a mesma. Por isso, se creem em Deus, orem que cheguemos a tempo para a garota de vocês.

Killian e Benedict se entreolharam.

— Não estamos indo para França às cegas não, estamos? — McKenzie inquiriu.

— Não. Estamos indo encontrar o informante que me ajudou da última vez. O homem tem olhos em todos os lugares. Mas aviso. Será preciso muita grana para tirá-las dele.

— Dinheiro não é problema — Benedict enfatizou.

— Não, não é. — Killian emendou.

Era final de tarde, quando pararam frente a uma enorme mansão num bairro de alto padrão em Paris. Benedict sentia que suas forças poderiam ceder a qualquer momento. A cabeça ainda latejava e não comia direito há praticamente dois dias. No entanto, tudo o que precisava era encontrar Claire. Nada mais, além disso, importava.

Foram recebidos por um criado bem-vestido, com quem Kael falou em francês. Foram levados até um escritório que mais se parecia com uma biblioteca pública, devido ao tanto de livros dispostos pelas estantes do lugar.

Minutos se passaram e um senhor baixinho, elegantemente vestido e trazendo uma bengala com cabeça de cobra a adornando, surgiu.

— Zephyr! Meu velho amigo! A que devo a honra? — cumprimentou o cigano e então se dirigiu aos demais, com um meneio de cabeças. — Cavalheiros.

— Vim atrás de mais informações, Renné.

— Gostariam de beber algo primeiro?

— Não! — o lorde foi enfático. — Só precisamos de informações.

— Hum. Direto ao ponto, certo? — O homem se acomodou numa poltrona e lhes indicou que fizessem o mesmo. — Digam-me. Atrás de que tipo de informações estão?

— Busco por minha irmã. Claire McKenzie...

— Oh! — o homem o interrompeu. — A raposinha dos cabelos vermelhos, hã?

Benedict engoliu em seco e cerrou os punhos.

— Do que a chamou?

— Eu não, meu jovem! É como a estão chamando nos bastidores.

— Que bastidores?

— Bem... se quiserem mais informações, terão de pagar por elas.

Três sacos de moedas, um de cada cavalheiro na sala, incluindo Zephyr, pousaram sobre a mesinha de centro.

— Isso é o suficiente? — Killian provocou.

O largo sorriso do homem dizia que sim.

— É ótimo fazer negócios com você. — Apontava o cigano. — E agora com seus generosos amigos.

— Não faça rodeios, Renné! Nos dê o que precisamos!

— Bom, o que posso dizer é que a irlandesinha está sendo disputada nos bastidores.

— Como assim? — Benedict sentia o coração bater em sua garganta.

— Ela é um tipo exótico e... com o perdão da palavra, mas, quando foi colocada à venda, uma chuva de ofertas surgiu. Então, receio que terão um pouco de dificuldade de chegar até ela, já que é uma mercadoria bem valiosa.

— Sabe onde podemos encontrá-la? — Zephyr se adiantou.

— Um passarinho me contou que estão num antigo albergue desativado nas margens do Rio Senna. Se fosse vocês, iriam armados e rapidamente para lá. Eles mudam de lugar com uma frequência absurda.

Zephyr retirou uma corrente grossa do pescoço, aparentemente de prata, e a jogou sobre a mesa, com as moedas.

— Diga para os homens nos encontrarem lá, o mais rápido possível.
Renné pegou a corrente e a examinou com interesse.
— Eles estarão lá.

CAPÍTULO DEZENOVE

Quando estavam retornando para a carruagem, Killian interceptou Kael.

— Você sabe para onde devemos ir?

— Sim. Conheço Paris como a palma da minha mão. — Indo para a parte de trás do veículo, abriu um baú que se encontrava ali. — Pedi que abastecessem o compartimento. — Tirou de lá uma adaga e uma pistola e as enfiou na parte de trás do cós de sua calça. — E espero que tenham alguma prática com facas e armas. Espero que não seja preciso usá-las, mas... é bom estar prevenido.

Benedict praticava tiro e era bom em esgrima. Mas numa pensou que um dia teria a perspectiva de usar esses treinamentos para ferir alguém. No entanto, era a vida de Claire que estava em risco. Dessa forma, munuiu-se também de uma pistola e faca.

Killian praticamente crescera nas ruas. Aprendendo a se virar sozinho. Então, sim. Ele sabia usar armas.

— Vamos torcer para que nossa equipe de apoio tenha feito o trabalho mais pesado, quando chegarmos lá, mas estaremos preparados para qualquer situação que encontrarmos — disse Kael, quando voltavam para dentro da carruagem.

A noite estava escura e úmida, as nuvens ocultando a luz da lua. O albergue abandonado se erguia como uma sombra silenciosa à beira do rio. Benedict, Killian e Kael se aproximaram cautelosamente, seus passos suaves sobre as pedras molhadas da rua deserta. As janelas quebradas do albergue exalavam uma sensação de abandono, mas um leve murmúrio de vozes indicava que não estavam sozinhos.

Silenciosamente, eles contornaram o edifício. Benedict suava frio. A expectativa crescendo dentro dele.

Encontraram a *equipe de apoio* escondida no beco. Deviam ser uns seis ou sete. Todos armados. Kael lhes passou os comandos.

— Vamos evitar ferir pessoas. Atirem para o alto, para intimidar. Violência, apenas no último caso. Entenderam? — os homens fizeram que sim e então se colocaram estrategicamente em torno da entrada, uma grande porta velha, que parecia que poderia cair a qualquer momento.

Ao que tudo indicava, não se tratava de uma grande organização criminosa. Era tudo meio improvisado, a começar por aquele cativeiro caindo aos pedaços.

— Vamos aguardar até que esteja tudo mais seguro. — Kael sugeriu. — Esses homens sabem o que fazem.

Com um chute, a porta praticamente veio ao chão. Houve tiros para o alto, correria, gritaria e choro de mulheres. Imaginando que um daqueles, poderia ser de Claire, Benedict decidiu que já havia esperado demais. Tomou a frente de Killian e do cigano e invadiu o lugar.

Um soco lhe atingiu o queixo, mas ele também era bom de briga. Logo identificou seu agressor, o acertou com um chute no estômago, virou a pistola que havia sacado, por precaução e deu uma coronhada na cabeça do sujeito que caiu desmaiado.

Seu olhar então percorreu o lugar. Estava uma verdadeira confusão. Homens se engalfinhando, outros fugindo e, ao fundo, mulheres amarradas, encolhidas e desesperadas.

Empurrando o que via pela frente, foi até lá.

— Claire! Claire! Onde você está? — Ele examinou cada rosto naquele lugar. Nenhum era o de sua noiva. — Ela não está aqui! — gritou para Killian e Kael que chegavam nesse momento.

Agoniado, olhou pelo lugar, à procura de onde ela pudesse estar. Havia uma escada que parecia prestes a desmoronar e ele correu até lá.

Claire se espremia no canto do cômodo fétido. Ouvira tiros. Gritos e mais gritos. Não fazia ideia do que estava acontecendo. Seria a polícia? Os bandidos brigando entre si?

Vivia um verdadeiro pesadelo, nos últimos dias. Jogada de lá para cá, amarrada, amordaçada, com vendas nos olhos. Depois de uma viagem que lhe pareceu sem fim, fora jogada naquele lugar e lhe dissera que seu comprador logo estaria por ali. Não sabia qual seria seu destino, mas estivera rezando pedindo que seu fim fosse rápido. Ninguém nunca a encontraria naquele lugar!

Benedict sequer se lembrava quem era ela! E, dado o momento, talvez fosse melhor assim. Se ia sumir da vida dele de uma vez, seria bom que não tivesse nenhuma recordação dela. Dessa forma, ele não sofreria.

Ouvindo passos que se aproximavam, a jovem se encolheu ainda mais, fechando os olhos e tapando os ouvidos.

— Senhor, tenha piedade de mim! — orou, baixinho, aos prantos, seu corpo tremendo tanto que seus músculos doíam.

— Claire!

Ela estacou. Agora estava tendo alucinações. Jurava ter ouvido a voz de Benedict chamando-a.

— Claire!

Tornou a ouvir e seus olhos se arregalaram.

— Claire! Onde você está?

Sim! Era ele!

— Benedict! — sussurrou, ainda atônita que aquilo estivesse acontecendo.

— Claire! Você está aí? — a voz dele soava desesperada e próxima.

— Benedict! — gritou de volta, forçando seu corpo fraco e assustado a ficar de pé e ir até a porta.

— Claire? Meu bem, onde você está?

— Aqui! — gritava e esmurrava a porta, para indicar a ele onde estava.

Então o ouviu bater do lado de fora.

— Aqui! — tornou a gritar, entre lágrimas.

— Afaste-se da porta, amor. — Ouviu-o pedir e o fez rapidamente.

Então, com um estrondo, a madeira podre veio ao chão e ela o viu surgir. Sua respiração estava acelerada e ele não parecia acreditar em seus olhos.

— Benedict! — Claire correu e se jogou nos braços dele.

Foi recebida num abraço apertado, que lhe tirou os pés do chão.

— Por Deus! — o ouvia sussurrar entre seus cabelos. — Eu te encontrei! Tive tanto medo!

— Ele a afastou por um instante, para examiná-la. — Você está bem? — Suas mãos seguravam o rosto dela. — Não te machucaram?

Claire fez que não e então ele a envolveu em seus braços novamente.

— Você se lembrou de mim! — exclamou, duplamente aliviada.

— Me perdoe por isso, amor! É que eu havia levado uma pancada na cabeça — o lorde brincou, fazendo-a rir e chorar ao mesmo tempo.

Tomando novamente o rosto dela entre as mãos, beijou-a desesperadamente.

— Tive tanto medo! — repetia. — Achei que nunca mais veria esses seus lindos olhos.

Perdoe-me por demorar tanto, meu amor!

— Agora acabou. Estamos juntos de novo.

— Para nunca mais nos separarmos!

Com muito cuidado, Benedict a ajudou a descer os degraus condenados e ela avistou Killian. Seu irmão correu até ela e a abraçou, beijando o alto de sua cabeça.

— Graças a Deus! Graças a Deus! Você está bem? — Procurou seus olhos.

— Estou bem.

— Eles não te fizeram mal?

— Não. — Claire voltou para os braços de Benedict, que a trouxe para junto de seu peito.

— Vocês chegaram a tempo. Não pôde deixar de notar o olhar reprovador do outro, ao vê-la nos braços do noivo.

Enquanto era levada para fora, foi rapidamente apresentada a Kael Zephyr, que parecia ser quem comandava por ali. Ouviu-o dizer que levassem as demais mulheres para um lugar seguro, até a chegada da polícia.

— Como está a sua cabeça? — Claire quis saber, quando estavam próximos de uma carruagem.

— Parece que vai explodir a qualquer momento. — Ele sorriu de lado, enquanto a ajudava a subir.

— Você precisa repousar. — Voltou a abraçá-lo, quando se acomodou ao seu lado.

— Farei isso quando estivermos em casa. — Benedict a estreitou junto ao seu peito. — Com você do meu lado.

Killian entrou e fechou a porta atrás de si.

— Zephyr não volta conosco? — Benedict quis saber.

— Ele disse que tem coisas a resolver por aqui ainda.

— Quando ele estiver de volta à Londres, preciso ir agradecê-lo pessoalmente. Não sei o que teríamos feito, sem a ajuda dele.

— Isso é verdade. Temos um débito eterno com ele. — Killian sorriu brevemente, carinhosamente, olhando na direção de Claire.

Alguns momentos depois, quando a irmã se encontrava adormecida, McKenzie se dirigiu ao lorde.

— Não pense que engoli essa história de casamento, St. John.

— Você não tem de aceitar, meu caro. — Benedict foi firme. — Apenas entender que nada nesse mundo irá me separar de Claire.

— Sei quem você é, lembra-se?

— Ela também sabe quem eu fui. Não tenho segredos com ela.

— Minha irmã merece coisa melhor! — o outro acrescentou, com desprezo.

O lorde suspirou.

— Concordo com isso. Mas estamos apaixonados. E estou disposto a mudar por ela.

— Tenha em mente que tentarei dissuadi-la dessa decisão.

Benedict sorriu de lado.

— Tente. Mas, agora que estamos sozinhos, há outro assunto que quero debater com

você.

— Diga — o outro respondeu, sem muita vontade de conversar, esticando o pescoço, tentando relaxar.

— Qual a ligação de meu cunhado com você?

A pergunta pegou Killian de surpresa que estacou e não respondeu de pronto, apenas encarando o lorde.

— É uma resposta tão difícil de se dar? Afinal... alguma ligação bem forte vocês dois devem ter, para enviar sua irmã para a casa dele. — Como só recebeu silêncio de volta, Benedict prosseguiu. — Deixe que eu facilite um pouco. Meu cunhado tem dívidas com você?

— Sim.

— Grandes?

— Sim.

— Muito grandes?

— Bom... ele me devia favores. Mas foram quitados, quando acolheu Claire em sua casa. Porém, eu não esperava que você fosse parar lá! — acrescentou, em tom desgostoso. — O pior libertino de Londres!

Benedict sorriu e ajeitou melhor Claire em seus braços.

— Foi o destino, meu caro.

— Destino! — o homem bufou. — Um bem infeliz.

— Voltando ao Dawson. Ele era cliente da casa de jogos?

— Era — foi um balbuciar entredentes.

— Só da casa de jogos?

Killian suspirou e passou a mão pela nuca.

— Ouça, Henry Dawson não é o lorde que aparenta ser, está bem? Há muita sujeira atrás daquele jeito empoadado dele, mas não conseguirá respostas de mim.

CAPÍTULO VINTE

Voltaram à Londres num navio cargueiro, imundo e desconfortável. O lorde queria dar à sua amada mais conforto, porém, àquela hora da noite, foi tudo o que conseguiram. A outra opção seria somente na tarde do dia seguinte. Entretanto, temerosos que pudessem sofrer algum tipo de represália, Benedict e Killian preferiram não arriscar.

Dessa forma, quando enfim chegaram à casa do duque em Londres, os três estavam esgotados. O futuro cunhado disse que ali seria um melhor lugar para ela ficar, do que com ele.

Quando as portas foram abertas, as mulheres vieram tomar Claire em seus braços, abraçando-a tomadas por lágrimas de alívio. Levaram-na para cima, para se banhar e se alimentar.

Benedict se espantou ao encontrar Anthony por ali também.

— Decidi voltar antes. — explicou, indo abraçar o irmão. — Então vim o mais rápido que pude.

As apresentações foram dispensadas, pois os homens da família sabiam bem que era Killian. Apenas não sabiam que era irmão de Claire. Então, os quatro se juntaram na sala, para bebericar um conhaque e contar sobre a última aventura.

Algun tempo depois, McKenzie partiu, dizendo que voltaria no dia seguinte para falar com a irmã e o lorde entendeu que aquela era uma provocação velada.

Após contar tudo sobre sua última aventura, Benedict aproveitou que os irmãos estavam reunidos para compartilhar com eles suas descobertas sobre Henry.

— Falência? — Anthony repetia, atônito, enquanto se servia de vinho. — O safado sempre se gabou de como os negócios estavam indo bem!

— Aí é que está. Os negócios estão bem. Sempre com muito trabalho. Mas Dawson estava maquiando os números. O que deduzi é que ele não colocava nos cofres da empresa tudo o que recebia. Cheguei a pensar que pudesse estar metido com dívidas de jogos, mas pelo que Killian me disse, tem algo mais acontecendo. E o safado simplesmente sumiu do mapa!

— Acha que ele desconfia de algo? — Sebastian ponderou.

— Eu não sei. — Benedict se colocava de pé, com um suspiro. — Só sei que irei até o fim dessa história. Pelo bem de Phillipa.

— Vou investigar também. — O duque também se colocava de pé.

— Contem comigo, se precisarem. — Anthony se oferecia.

— Bom, eu vou subir. Estou completamente esgotado!

— Vou subir com você. — Sebastian o acompanhava.

— Vou terminar meu vinho e depois subo. — o mais novo comunicou.

Phillipa, preocupada com o ferimento de Benedict, havia lhe preparado um banho e chás medicinais. Ele bebericou o chá escuro e de cheiro forte, fazendo uma careta, enquanto se despiu. A água com certeza já se encontrava em temperatura ambiente, mas, como a noite estava quente, entrou nela, suspirando de êxtase. Deixou-se escorregar totalmente na tina e então voltou, correndo as mãos pelos cabelos, para retirar o excesso.

Estava quase adormecido quando ouviu batidinhas tímidas à porta. Ele sorriu. Àquela

hora, só podia ser uma pessoa.

— Entre — disse em voz alta, para que pudesse ser ouvido.

Claire entrou rapidamente, fechou a porta e se recostou nela. Sabia que era por medo de ser pega invadindo o aposento do lorde.

— Perdoe-me não estar... — gesticulou para si, imerso na água. — Devidamente vestido para recebê-la, senhorita. Espero que não se incomode.

A jovem mordeu o lábio, com um sorriso sensual em sua boca. Quando ele sorria daquela forma, o corpo dele reagia instantaneamente.

— Não, eu não me importo, milorde.

Benedict colocou os braços na borda da tina, apoiou a cabeça neles e a chamou com um gesto. Claire veio até ele e se ajoelhou ao lado dele. A mão molhada do lorde acariciou seu rosto.

— Conseguiu descansar um pouco?

— Um pouco. Mas fiquei com saudades.

— Se você não viesse até mim. — Os olhos do homem desceram pela fina chemise que ela vestia. — Eu iria até você. — Com os dedos ainda molhados, desceu pelo pescoço dela, a água escorrendo e sumindo no vale entre os seios. Então ele perturbou os mamilos já duros, tornando o tecido totalmente transparente e sorriu de forma devassa. — Assim está melhor. — Emaranhando os dedos nos cabelos dela, puxou-a para um beijo ávido, exigindo, sugando, necessitando de tudo daquela boca.

Claire não se importava se estava ficando encharcada. Ela só precisava sentir aquele homem! Gemia ao encontro do beijo, que se inflamava. Sentira tanta falta, tanto medo de nunca mais vê-lo! Preferiria morrido, a não o ter mais daquela forma, em seus braços, saboreando-a como a uma fruta suculenta.

— Tire essa roupa e venha até mim, anjo. — Ouviu-o sussurrar contra seus lábios. — Venha até mim. Preciso de você!

Ela se despiu rapidamente, sentindo-se encantada com a maneira que ele devorava seu corpo com os olhos.

Segurando a mão dela, Benedict a ajudou a entrar na tina, à sua frente. Então a instruiu a colocar os pés ao lado de suas coxas. Suas mãos correram pelas curvas dela e em seguida seus dedos encontraram o pequeno botão o manipulando, enquanto observava as reações dela. Claire mordida os lábios, gemendo baixinho. Era toda uma deusa sensual. Não resistindo, tomou-a com a boca, sua língua a castigando, sugando-a. A mão dela agarrando seus cabelos lhe diziam que estava gostando. Invadiu-a, sentindo seu sabor. O néctar dos céus. Ouviu-a balbuciar seu nome, quando veio, estremecendo e sua pele se arrepiando.

Ele começou a puxá-la para baixo, para sentar-se sobre ele. Segurando-a com um braço pela cintura, ajeitou seu membro teso entre as dobras dela e a fez descer gentilmente, para não a machucar.

— Oh, Deus! — gemeu, quando ela o recebeu completamente. — Sim! O melhor lugar desse mundo é enterrado dentro de você, Claire! — Beijou-a uma vez mais, suas línguas em uma dança sensual.

Então ele lhe puxava os cabelos, fazendo-a curvar a cabeça para trás, para ter acesso ao seu pescoço. Logo alcançava um mamilo, onde se deliciou, lambendo, sugando, mordiscando. Claire gemia e se contorcia junto a ele, pedindo por mais.

— Seu corpo é feito para o pecado, amor. — Segurando as ancas dela, começou a fazer com que subisse e descesse sobre ele. — Você é tão apertada! Amo isso! Seu corpo me segurando dentro dele!

— Milorde! — Claire buscou mais um beijo.

Logo ela já havia aprendido os movimentos e os fazia sozinha, enquanto Benedict assistia, maravilhado, as mãos grandes lhe apertando o traseiro bem-feito.

Quando ela veio, sua pele se arrepiando, o corpo estremecendo junto dele, o lorde também não conseguiu se segurar e grunhiu em sua libertação.

Minutos depois, ainda cansados por conta do ato, ela repousava contra seu peito, enquanto ele brincava de jogar água nos seios dela e ficar olhando-a correr por seus vales.

— Seu irmão vai tentar dissuadi-la de se casar comigo.

— Ele não vai conseguir.

— Você sabe... ele me conheceu nos meus piores momentos...

Claire sabia bem do que ele falava. Era na casa de prostituição de Killian que Benedict passava a maior parte de seu tempo, antes de conhecê-la.

— Você não sentirá falta daquela vida?

— Com certeza não! Eu não era feliz, Claire. Me faltava algo. Hoje sei o que era. — Ergueu seu queixo para um beijo terno.

— Serei suficiente para você, milorde?

— Você é suficiente para mim, anjo! — Estreitou-a ainda mais em seus braços. — Você é tudo o que eu sempre precisei e não sabia. Amo você, raposinha — sussurrou-lhe ao ouvido.

— Muito?

— Muito! Não faz ideia! Te amo mais do que a mim mesmo! E olha que isso é difícil, viu? Então, considere-se honrada — brincou ele.

Claire riu, jogando a cabeça para trás.

— Eu daria minha vida por você, Claire. — O tom dele foi tão sério nesse momento, que ela se virou em seus braços para encará-lo.

— E eu por você, Benedict.

O lorde lhe acariciou o rosto, olhando-a ternamente.

— Vou apressar esse casamento. Quero ter você para mim quanto antes.

Ela beijou a mão dele.

— Sou sua, milorde!

Benedict encostou sua testa na dela e fechou os olhos.

— Por favor, não deixe que seu irmão te faça desistir de mim — ouviu-o sussurrar, parecendo perturbado.

O coração de Claire se apertou. Nunca o vira tão vulnerável.

— Ninguém nunca me fará desistir de você, Benedict!

— Não importa o que ele diga?

— Não importa o que diga! Eu o amo! E serei sua até os fins dos meus dias.

CAPÍTULO VINTE E UM

Depois do almoço, Killian apareceu. Benedict não havia conseguido dormir bem na noite passada. O irmão de Claire sabia muito dele. De quanto dinheiro já havia perdido nas mesas de jogos, de quantas mulheres haviam passado por sua cama. De quando fora expulso e proibido de voltar ao lugar por meses, após beber demais e destruir o quarto. Só fora permitido que voltasse, mediante a um pagamento bem gordo, para ressarcir todos os danos e um pouco mais, algo tipo uma multa por mau comportamento. Desconfiava que fora aceito de volta também, porque era um cliente assíduo e não tinha apego ao dinheiro, que, aliás, nem era seu e sim do duque. Esbanjava com noitadas, regadas ao vinho mais caro da casa. Participava de orgias e usava muitos opioides, a ponto de quase morrer em uma dessas aventuras.

Já não se orgulhava de seu passado. Na verdade, nunca se sentira realmente feliz, fazendo tudo aquilo. Era um homem vazio, sem um propósito na vida. Nem fazia ideia de como ainda seguia vivo.

Depois da rejeição de Catherine, tudo se tornou ainda pior e o lorde só queria desaparecer. Até aquela freirinha invadir seu quarto, com seus incríveis olhos azuis confusos e curiosos, examinando seu corpo. Quando a beijou... ele não sabia naquele momento, mas tudo fez sentido. Benedict St. John viveu até ali, para encontrar aquela mulher. Havia esperado todos os seus míseros dias por ela.

E era por tudo isso que temia muito a reunião de Claire com o irmão.

— Você vai acabar botando um ovo, se continuar andando de um lado para o outro assim, Benedict! — Anthony provocou rindo.

O lorde parou, suas mãos cruzadas às costas e o olhou, sem entender o que havia dito. A mente dele estava no escritório, onde Killian havia se fechado com sua noiva. E esperava que ainda fosse, quando saísse de lá.

— Acho que nunca o vi tão nervoso assim — Phillipa acrescentou, mal contendo o riso.

— Vocês, por acaso, sabem o que está em jogo aqui? — Benedict parou no meio da sala e encarou o duque, que também não disfarçava seu riso, juntamente com Catherine, que fingia cuidar do bebê, mas ele sabia que também se divertia à sua custa. — Posso estar prestes a perder a minha futura esposa! — Apontava para a porta fechada do escritório. — E se isso acontecer, podem apostar que o velho Benedict voltará com tudo! Duas vezes pior!

Frases, como: *eu não gostava daquele Benedict, aquele homem não faz falta, ou, pelo amor de Deus! Não diga isso*, veio do grupo.

— Então, respeitem o meu momento e orem por mim!

— Acho que está pagando pelos seus pecados mais cedo, irmão. — Cantarolou a viscondessa.

— Phillipa! Só fique quieta! — o lorde ordenou e todos riram de novo.

— Você não faz ideia do que eu já vi desse homem, Claire! E não me venha com essa história de que *ele me ama, ele mudou!* Não acredito nisso! Homens com St. John nunca mudam!

— Eu o amo, Killian!

— O que você sabe sobre o amor? Não passa de uma garotinha inocente!
— Não mais assim tão inocente, irmão!
Mckenzie congelou no lugar e se voltou lentamente para ela.
— O que quer dizer com isso? Você... — se aproximou dela, com uma suspeita no olhar.
— Aquele bandido...
Ela mordeu o lábio e baixou a cabeça.
— Vou matá-lo! — Ele fechou os punhos e rumava para a porta.
Porém, Claire o interpelou, as mãos em seu peito.
— O que aconteceu foi por vontade minha, então, se vai matá-lo, terá de fazer o mesmo comigo!
— St. John é o homem aqui! Mais velho! Teria de zelar por sua pureza! Ao contrário disso, usou sua lábia para te encantar e levar para a cama dele!
Enfurecida por ele parecer não levar as palavras dela em consideração, a moça o empurrou com toda sua força.
— Por que está assim tão preocupado com quem eu me casarei? Achei que ficaria aliviado! Eu deixaria de ser um fardo para você!
— O quê? Do que está falando? Sabe muito bem que se participasse da temporada, teria chances de encontrar um bom partido, com reputação melhor, à sua altura!
— E por que isso seria importante? Você nem liga para mim! Por que faz diferença com quem eu me case? Nunca me quis por perto! Seja sincero comigo, ao menos uma vez vida, Killian! Nunca sequer me amou! — a última frase saiu desafinada, pois sua voz falhou.
— Claire! — ele pareceu chocado.
— Estou mentindo? Só *cuidou* de mim porque não havia mais ninguém! Mas eu precisava ficar longe, num convento, no fim do mundo, ou na casa de desconhecidos, porque não me queria por perto! Se nossos pais ainda estivessem vivos, sequer se lembraria de que tem uma irmã!
Diante da explosão da garota, Killian correu uma das mãos pela nuca, desconcertado.
— Tem vergonha de mim, não? — ela prosseguia. — Ou será que é por que meus cabelos *não são da moda* ou trazem mau agouro?
— Não é nada disso, Claire! Nunca acreditei nessas baboseiras sobre seus cabelos! E, principalmente, nunca tive vergonha de você! Eu tinha vergonha era de mim! — confessou, por fim, exaltado. — Cada vez que me olhava, sabendo o que faço para viver... Me sinto sujo, indigno de estar na sua presença!
— Killian! — Ela se aproximou e tocou no braço dele, mas ele se afastou.
— Tentei ser um homem de respeito, Claire. Trabalhar dignamente, mas não fui aceito por essa sociedade maldita! Então agarrei o que podia. E me tornei um pária...
— Não diga isso, meu irmão! — Ela o agarrou pela cintura e não o soltou, quando tentou se liberar. — Eu nunca o julguei! Sei que se moldou como pôde. E eu me orgulho do homem que se tornou! Você não é um pária! — o sacudiu, ao dizer isso. — E me orgulho de ter sobrevivido num mundo hostil, que se fechou para você!
O homem suspirou e cedeu ao abraço, envolvendo-a.
— Nunca pensei que pudesse achar que eu não a amava. Eu só queria o melhor para você!
— E eu só queria estar perto do que restou da minha família.
— Sinto muito, Claire! — Afagou os cabelos dela. — Só não queria que ficasse marcada como eu. E por isso queria que conseguisse um bom casamento...

— Mas, o que faço com esse amor que sinto, pelo lorde St. John? — Erguendo os olhos, procurou os dele. — Se me afastar de Benedict, serei tão infeliz quanto você.

Quando a porta do escritório se abriu, mais de uma hora depois, todos na sala voltaram suas atenções para os irmãos que saíam de braços dados. Benedict, no fundo da sala, engoliu em seco, sem conseguir decifrar a expressão dos dois.

— Lorde St. John — Killian o chamou e, pela primeira vez na vida, ele caminhou com passos incertos e ele odiava aquilo.

Quando parou à frente dos dois, Mckenzie pegou sua mão e a apertou com demasiada força, os dentes cerrados.

— Sabe que não é minha escolha para minha irmã. Que estou lhe dando um verdadeiro tesouro. — Aproximou-se mais, até ficar quase nariz com o outro. — Se a ferir, de alguma forma, eu o mato com minhas próprias mãos!

— Killian! — Claire bateu no braço do irmão e o afastou do lorde, engatando seu braço ao dele.

Aliviado, Benedict tomou a mão da noiva com a sua e sorriu.

— Fique tranquilo, homem. É mais fácil que ela quebre o meu coração, do que o contrário.

— Prefiro assim.

Que Deus o ajudasse, mas Benedict precisou limpar uma gota de suor acumulada em sua testa e considerou se sua adorável noiva havia desistido do casamento. Aquilo era impossível! Ela bem poderia ter recobrado a sanidade. Olhou para o relógio de bolso, viu que Claire estava atrasada dez minutos e praguejou baixinho, quando seus olhos pousaram no padre e no altar. Desculpou-se intimamente, engolindo em seco.

Certo, era isso. Significava que ela havia desistido, verdade?

Ao seu lado, seus irmãos conversavam animadamente, alheios às suas apreensões. Sebastian, talvez o notando suar como um porco, o cutucou, chamando sua atenção.

— Parece que vai desmaiar a qualquer momento, irmão. — O duque bateu nos ombros dele e sorriu. — Não se preocupe. Ela chegará logo.

— Espero que tenha certeza disso, porque eu não tenho — Benedict disse ficando na ponta do pé para olhar para a entrada da igreja na esperança de ver a noiva.

Anthony, que havia regressado da Índia, especialmente para a ocasião, segurou o rosto de Benedict e o fez fitá-lo, adquirindo um ar sério e grave.

— Lamento dizer, irmão, mas ela não vem. Acho que foi abandonado no altar — debochava rindo.

Sebastian o afastou, tentando disfarçar seu riso, achando graça da piada do mais novo.

— Não ligue para Anthony. Ele perdeu um pouco dos modos quando se colocou no meio daquela selva. Ela virá sim. Relaxe, e pense nas núpcias. Comigo funcionou — comentou, com um leve sorriso.

Quem sorriu realmente foi Benedict ao lembrar que depois do casamento teria um bom momento a sós com sua esposa, e que desfrutaria muito disso, aproveitando para descontar toda a tensão daquele momento. Por Deus, era melhor nem pensar em tais coisas... Poderiam causar um desconforto, e bem... Deixe para lá.

A porta foi fechada de repente, o que ele entendeu que significava que Claire havia chegado. Engoliu em seco, respirou fundo e aguardou, aliviado. Fora há poucos casamentos,

então não sabia muito bem o que esperar. A última vez que estivera numa cerimônia dessas, a noiva parecia um bolo, com um exagerado vestido, com rendas demais. Horrível. No entanto, tinha certeza de que com Claire, como estivesse, estaria linda.

Quando a porta se abriu, o inesperado aconteceu: Benedict se apaixonou novamente por sua noiva, se fosse possível. O vestido não era exatamente branco, e sim num tom pérola, bem cortado, caindo em camadas suaves, com bordados dourados e cristais pequenos o adornando. Tinha o cabelo preso, acompanhado de uma tiara de diamantes, presente provavelmente de Phillipa. Havia também um véu em seu rosto, e uma cauda longa no vestido. Carregava um buquê de flores-do-campo. E enquanto ela caminhava em sua direção, Benedict sentiu os olhos marejados, mas não se permitiu chorar. Deus fora tão bom com ele! Nem sabia se merecia tanto!

Killian, muito sério, a acompanhava até o altar. Porém, Benedict sequer olhava para o cunhado. Toda sua atenção estava destinada à sua futura esposa. Quando chegaram à sua frente, o lorde apertou a mão do homem.

— Cuide bem dela. — Killian o puxou para perto e lhe disse ao ouvido dele. — Ou eu...

— Sem ameaças hoje, amigo. — Benedict sorriu e o viu ir até a lateral do altar, ainda com seu ar contrariado.

Finalmente poderia se dedicar somente a Claire, que o olhava encantada por trás do véu, que ele ergueu, contemplando o rosto bonito dela. Seria errado beijá-la? Ah, na testa poderia e assim beijou-a demoradamente.

O padre iniciou a cerimônia, e enquanto estavam um ao lado do outro, Benedict e Claire mantinham seus corações juntos. Finalmente estariam unidos, perante a lei de Deus e a dos homens. Ninguém o impediria de fazê-la feliz.

Dando seguimento, o padre falou sobre a união de um casal, como se completavam, e usou uma passagem de bíblia, a qual Benedict nunca havia ouvido falar. Ela dizia aos dois e a quem estava ali, que um casal deveria permanecer unido até seu leito de morte. Bem, o lorde decididamente pensava querer viver ao lado de Claire até que morresse, pois não se via mais longe dela. Esperava que ela também.

Os votos emocionaram a todos, mesmo a ele, que se considerava um homem indiferente a essas coisas. Claire beijou a aliança de ouro quando foi deslizá-la no dedo anelar de Benedict, que fez o mesmo. E quando o padre os declarou marido e mulher, beijou-a, talvez um tanto quanto indecente, já que aprofundou o beijo, enquanto os músicos tocavam estridentemente. Rindo, sua agora esposa tomou a iniciativa de se afastar.

Os convidados aplaudiam os noivos que deixavam a igreja. Os amigos jogaram arroz nos dois, um símbolo evidente de prosperidade.

Casados. Finalmente.

Claire estava nos céus. Sabia que se sentiria assim, mas perceber agora que era mulher de Benedict St. John e que viveria ao seu lado para sempre... Era tudo muito perfeito! Tudo havia valido a pena, o sofrimento, as dúvidas, os beijos cálidos, as lágrimas e o medo. Viveria tudo novamente se fosse para ficar ao lado do homem que amava.

E a vida dos dois começava agora, em Bristol, onde Benedict tinha seus negócios.

A única coisa que destoava da felicidade do casal, era a apreensão que tomava conta de Phillipa, que estava há semanas sem notícias do marido. Os irmãos estavam investigando e, as coisas que estavam descobrindo não eram nada boas.

EPÍLOGO

Era um domingo de manhã. O casal St. John costumava ficar na cama até um pouco mais tarde. Claire trazia o café da manhã, e Benedict lia as notícias do dia para ela. No entanto, naquela manhã, ela não se sentou ao lado dele na cama para degustar o que trouxera. Ele, concentrado na leitura, demorou a perceber isso, notando somente quando sua esposa se manifestou.

— Amor... — foi seu chamado hesitante.

— Sim, meu bem?

— Preciso te contar algo.

Benedict deixou o jornal de lado e franziu o cenho. Claire parecia nervosa, torcendo os dedos.

— O que houve, anjo?

— As minhas regras estão atrasadas — disse, sem rodeios, e ficou investigando as reações dele.

O lorde se empertigou e ficou sem reação.

— Você... — seu olhar baixou para o ventre liso dela.

— Talvez. — A mulher sorriu de lado, erguendo um ombro.

— Bom... nós não temos... exatamente feito nada para evitar isso, então...

O silêncio perdurou no quarto, onde os olhos dele vagueavam inquietos para nenhum lugar específico.

— Você não gostou da notícia, não é mesmo? — Claire murchou.

— Não, amor! — Ele se levantou e foi até ela. — Eu só... fui pego de surpresa. Talvez não esperasse que acontecesse tão cedo.

Nos três meses em que estavam casados, eles não haviam conversado sobre o assunto. Na verdade, Claire evitava, pois temia ouvir dele que não queria filhos.

— Você está feliz? — Benedict lhe perguntou, acariciando seus ombros.

— Um pouco assustada, mas... Sempre sonhei em ser mãe.

Observou-o engolir em seco.

— E... você acha que serei um bom pai?

O alívio meio que tomou conta dela.

— É por isso que nunca falou sobre ter filhos? Por medo de não ser um bom pai?

— Não fui exatamente um santo, você sabe. Que tipo de exemplo posso dar a uma criança?

Tomando o rosto do marido entre as mãos, Claire o olhou docemente.

— Amor, o seu passado está distante agora. Você é um novo homem. Dedicado à sua esposa, ao seu trabalho. Nosso filho terá sim muito orgulho de você, como eu tenho.

— Você tem?

— Sim! E também tenho muito amor.

Com um sorriso safado nos lábios, Benedict foi subindo a barra da chemise dela, até estarem na altura de suas coxas, e em seguida as puxou para envolver seu quadril.

— Também sinto amor. — Levou-a para a cama, onde a deitou, seu corpo sobre o dela. — E faço questão de demonstrar isso adorando seu corpo. — Terminou de despi-la, beijou-a lentamente e foi descendo até alcançar seu ventre ainda liso, onde ficou fazendo desenhos desconexos. — Se você estiver mesmo grávida... Confesso que estou extremamente assustado com a ideia. — Abaixou a cabeça e depositou um beijo terno em sua barriga e depois a olhou docemente. — Mas prometo que farei de tudo para ser o melhor pai do mundo!

Alguns meses depois...

— Benedict, você precisa sair! — Phillipa ordenava.

— Minha mulher está com dores! Não há força humana nessa terra que me fará sair do lado dela! — afirmou, segurando a mão de Claire, que se contorcia com as contrações.

— Por favor! Deixe-o ficar! — Ela suplicou para a cunhada.

A viscondessa trocou um olhar com a parteira, que deu de ombros.

— Que seja! Só não vá desmaiar sobre sua esposa! — advertiu ela, divertida.

Benedict engoliu em seco ao ouvir as palavras da irmã, mas manteve sua resolução de ficar ao lado de sua mulher. No entanto, só Deus sabia o quanto estava aterrorizado. Sentado ao lado de Claire na cama, segurava sua mão, que ela apertava até que ele sentisse os dedos doerem, quando as contrações vinham. E essas estavam cada vez mais próximas. O bebê viria a qualquer momento, segundo a parteira.

Então, o que veio na sequência, o lorde poderia classificar como os piores e melhores momentos de sua vida. Ver sua doce mulher gritar enquanto fazia força foi um pesadelo. Faria de tudo para tirar-lhe a dor. Em seguida, aquela pequena criatura surgiu. Era um menino. Quando seus olhos pousaram naquele serzinho, que chorava a todo pulmão, um misto de sentimentos o tomou. Alívio, medo e um amor que nunca havia sentido na vida. Um instinto protetor que lhe trouxe lágrimas aos olhos e o fez ir até seu filho e o pegar em seus braços. Nunca vira um recém-nascido tão perfeito! Tão lindo!

— Quero vê-lo... — sussurrou Claire, esgotada.

Benedict prontamente foi até ela e o colocou em seus braços.

— Amor, olhe o que fizemos — murmurou, emocionado, acomodando-se ao lado dela novamente e lhe beijando o alto da cabeça.

Claire tinha os olhos embaçados, ao olhar para seu filho.

— Ele é tão lindo! — Ela fungou. — Se parece com você...

— Mas terá os seus cabelos — o lorde acrescentou, observando os escassos fios num tom meio alourado.

Claire riu, ao notar isso.

— Sim! — Acho que temos uma pequena raposinha — o homem acrescentou, segurando a minúscula mãozinha entre seus dedos.

Então ouviu um gemido conhecido vindo da esposa.

— O que foi, amor? — preocupou-se.

— As dores... elas estão voltando...

Benedict recolheu o pequeno e o entregou à sua irmã, enquanto via a esposa voltar a se contorcer.

— Isso é normal? — o lorde inquiriu à parteira, que tinha o cenho franzido.

— Não... — a mulher disse, enquanto limpava as mãos. — A menos... — ela se posicionou entre as pernas de Claire novamente e então sorriu surpresa. — Acho que terá que

fazer um pouco mais de força, senhora. — Dirigia-se à senhora St. John. — Tem mais alguém querendo vir ao mundo.

Benedict congelou, sentindo uma vertigem o tomar.

— O quê? O que quer dizer? — mas, não houve tempo para respostas, pois sua mulher lhe exigia sua atenção, voltando a urrar de dor. Logo foi segurar novamente sua mão, ainda em choque.

Instantes depois, uma cópia da primeira criaturinha estava nos braços de um atônito lorde.

Phillipa, que não continha as lágrimas e ainda embalava o sobrinho, disse.

— Parece que agora vocês têm duas lindas raposinhas! — E foi colocar o outro bebê nos braços do irmão, que os levou até a esposa, esgotada, mas maravilhada.

— Acho que exageramos na dose, amor — o homem brincou, ainda trêmulo.

— Acho que estou sonhando.

— E eu acho que temos um grande problema...

— Qual?

— Nós só havíamos pensado em nomes para um bebê.

Claire riu fracamente, pois estava esgotada.

— Esse será o menor dos nossos problemas, meu querido.

— Owen. — Benedict apontava para o bebê em seus braços. — Owen St. John.

— Perfeito! — Claire então olhou para o filho em seus braços. — Phillip. Phillip St. John. Em homenagem a... — estendeu a mão para a cunhada, que levou a mão ao peito, emocionada. — À mulher que foi como uma segunda mãe para mim.

— Ah, minha querida! Não mereço tanto!

— Você merece, sim, minha irmã! Merece tudo de bom desse mundo.

Minutos depois, enquanto se derretiam pelos pequeninos pacotinhos chorões, os dois não notaram a saída silenciosa de Phillipa. Sobrecarregada por emoções, ela precisava de um momento sozinha para se recompor. Ela encontrou consolo na solidão, refletindo sobre o milagre da vida e o amor que a cercava, mas sentindo o vazio que tomava...

— Tem noção do que fizemos, esposa? — o lorde dizia, ainda encantado.

— Fizemos nossa família, marido.

— E ela se tornou enorme, de uma única vez. — Benedict riu. — O lado bom é que podemos parar por aqui. Não quero te ver sentir dor nunca mais na vida!

Claire sorriu, quase adormecida.

— Pois enfrentaria tudo de novo, para ter mais dois desses. Quem sabe duas meninas, da próxima vez?

— Por Deus, mulher! — Ele entregava Owen para uma criada e pegava Phillip dos braços de Claire. — Acho que sua mente não está boa nesse momento, para tomar qualquer decisão. — Beijou-a docemente na testa. — Agora descanse. Cuidarei dos nossos filhos. Estou orgulhoso de você. E te amo ainda mais!

— Também te amo, Benedict. — E ela adormeceu com um sorriso. Tinha uma linda família que cresceria cercada do mais puro amor.

FIM

O QUE VEM POR AÍ.

A manhã estava fresca, então Phillipa resolveu sair de charrete para espairecer um pouco. A angústia e tristeza eram suas companheiras, há um ano. Seu marido Henry havia viajado a negócios e nunca mais regressara. Queria manter as esperanças, mas, àquela altura, já estava acreditando que ele havia morrido. Não a deixaria sem notícias dessa forma.

Com a chegada dos sobrinhos, Owen e Phillip, filho de Benedict e Claire, a casa estava iluminada. Seu irmão e sua cunhada haviam optado por viver com ela na mansão, para não a deixarem sozinha, até que seu marido retornasse. E ela era muito grata por isso. Como não conseguira ter seus próprios filhos, a solidão a tomara, não fossem os dois e agora as crianças, que já amava muito! Mas, que ao mesmo tempo, lhe despertavam a melancolia de não ter se tornado mãe.

Aproveitava as manhãs para passear pelo campo, ficar um pouco sozinha e às vezes chorar.

Sebastian e Benedict já tinham suas famílias. E ela... provavelmente se tornaria uma viúva solitária...

Deixando o cavalo vagar ao seu rumo, notou que estava próxima de uma feirinha, montada à beira da estrada. Havia um intenso movimento por ela. Phillipa resolveu descer e dar uma volta pelo lugar.

Ela foi recebida por uma mistura de cores vibrantes e aromas tentadores. Barracas coloridas exibiam uma variedade de produtos artesanais, desde joias elaboradas até roupas exóticas, todas meticulosamente trabalhadas pelas mãos habilidosas dos ciganos. As tendas estavam adornadas com tecidos brilhantes e tapeçarias que ondulavam suavemente ao vento, criando uma atmosfera mágica.

A energia da feira era palpável, uma mistura de mistério, encanto e certa rebeldia contra as convenções sociais. Os visitantes eram atraídos pela promessa de algo diferente, uma fuga temporária das restrições da vida cotidiana.

Phillipa se aproximou de uma das barracas de joias. Uma em especial lhe chamou a atenção. Era um colar com um pendente de cavalo. Um alazão, muito semelhante ao que tivera na infância. Automaticamente seus dedos se esticaram para tocar a peça.

Sobressaltou-se quando uma velha senhora surgiu do fundo da tenda, gritando em um idioma que ela não entendia.

Phillipa foi se afastando, assustada pelo jeito exaltado da mulher, que lhe apontava o colar. Até que deu com algo rijo às suas costas e mãos fortes seguraram seus ombros, para evitar-lhe uma queda.

— Cuidado! — uma voz grave soou em seu ouvido, fazendo um arrepio lhe percorrer a coluna.

Ela se afastou rapidamente e se voltou, dando com um homem alto, de cabelos presos à nuca, displicentemente. Uma barba por crescer lhe sombreando o queixo. Um nariz afilado, quase petulante e os olhos... Que olhos! Ela nunca vira igual! Eram claros, acinzentados e profundos. E estavam cravados em seu rosto. Ele, logicamente, também era cigano, vestia um

terno vermelho, bem cortado e uma camisa preta, com três botões abertos, que lhe deixavam entrever um pouco do peito de pelos escuros... A viscondessa baixou os olhos rapidamente.

Ouviu-o limpar a garganta e começar a explicar.

— Ela disse que se tocou, tem de levar. Porque a peça absorve a energia ao toque. — Ele se aproximou da barraca, pegou o colar pelo cordão, jogou algumas moedas para a senhora, que agradeceu.

Então parou a poucos passos de Phillipa e lhe estendeu a joia, que ela recusou.

— Eu não posso...

— Está destinado a ser seu — o cigano insistiu.

Sem outra alternativa, ela o aceitou e agradeceu baixinho. Evitou os olhos dele. Eram poderosos demais.

— Parabéns. Acabou de adquirir um símbolo da fertilidade.

Ela admirou a peça em sua mão e deu um riso amargo. Irônico. Muito irônico.

Voltou-se para a senhora e curvou-se, como um pedido de desculpas. A mulher disse algumas palavras que provocaram um riso baixo no homem e fez um gesto com as mãos.

— Ela está te dando uma bênção.

Phillipa novamente se curvou e começou a se afastar, rumo ao seu cavalo. No entanto, sentia que o sujeito estava acompanhando-a. Observou sobre o ombro e o avisou, há alguns passos dela. Endireitou o corpo e seguiu até a charrete. Quando foi montar, arriscou um novo olhar. E lá estava ele, no fim da feirinha, olhos fixos nela, sem disfarçar. A viscondessa partiu com uma sensação estranha a tomá-la.